Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 032 Quinta-feira, 10 de Abril de 1986 Preço 40$00

Lobo Antunes, Fiama, Duras: os prémios da semana
Hoje no Ler/Escrever

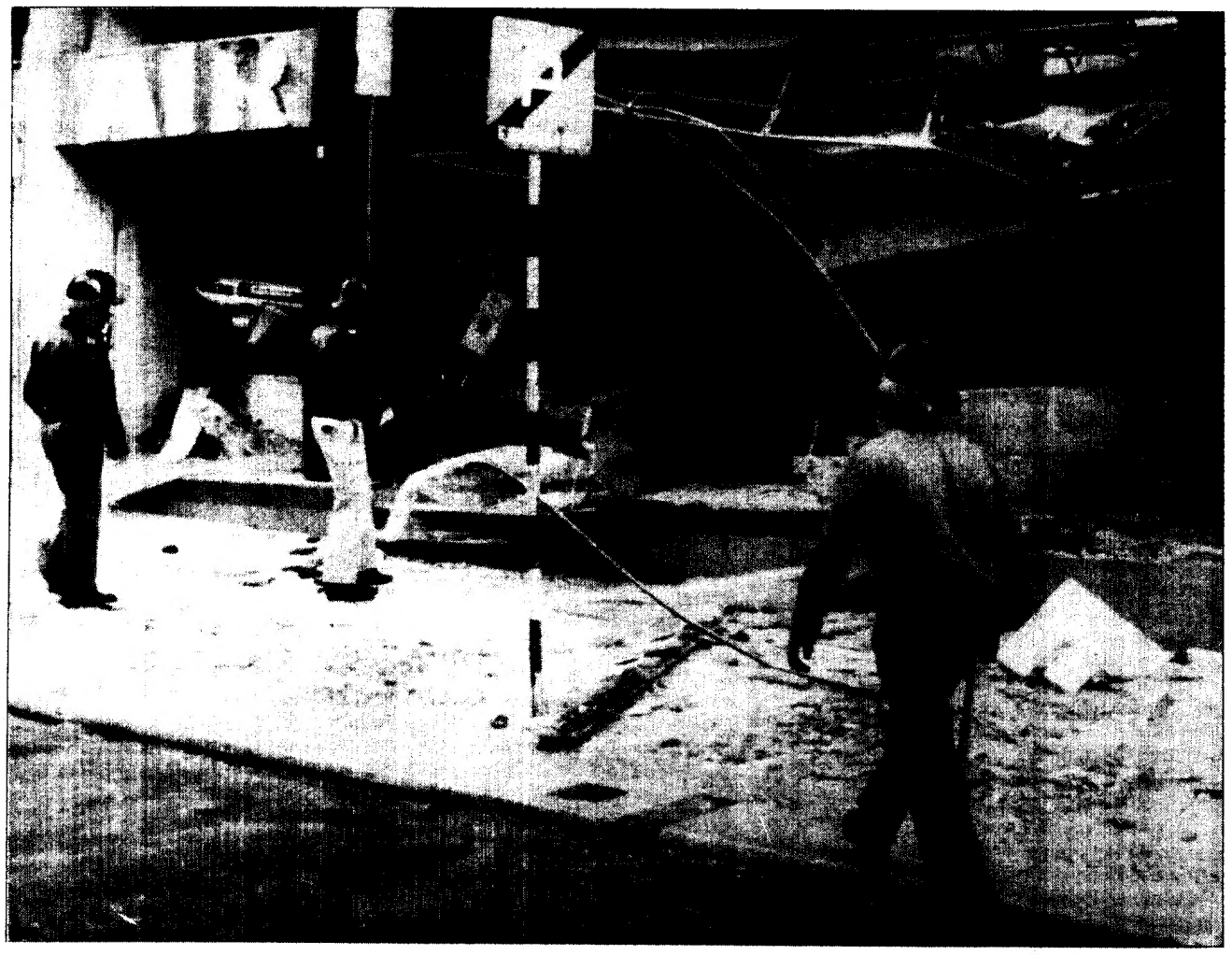
Bomba contra Air France

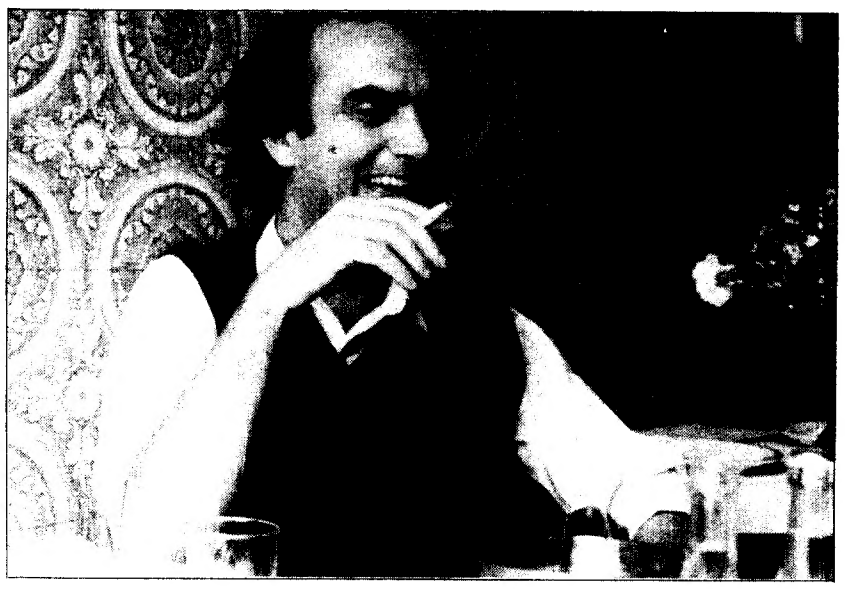
FRANCESES FAZEM GUERRA EM LISBOA

A "Acção Directa" reivindicou atentado na Avenida da Liberdade e ameaçou no Porto

Eram 5 e 34 da madrugada de hoje quando Lisboa foi palco de mais um «acto de guerra» entre franceses, os da «Acção Directa» e a «Air France», tendo como pano de fundo, segundo a reivindicação, o apoio aos norte-americanos na sua política externa. Tratou-se, neste caso, de uma bomba de grande potência colocada junto dos escritórios da companhia francesa, na Avenida da Liberdade. Mas este atentado seria logo de seguida transposto para a cidade do Porto onde foram feitas ameaças telefónicas contra interesses franceses na capital nortenha.

Pág. 7





FAUSTO

O regresso do alquimista

Fausto está de regresso com um dos seus raros espectáculos ao vivo. Traz com ele a «alquimia» que traduz a história de uma vida.

Pág. 18

Oposição responde a Cavaco
"Ainda não acredito que seja verdade este 1.º Ministro"
– disse Almeida Santos

Pág. 24

Folhetim artístico

Cultura sim, cultura não

José Augusto França

A recente mudança de maioria parlamentar em França levou a mudanças de ministros e, entre os que deixaram as cadeiras do poder, um contou especialmente, graças a um aparelho de propaganda pró ou contra que os «media» lhe asseguraram desde sempre e que a sua própria personalidade diariamente animou, com uma presença teatralmente composta. Trata-se de Jack Lang que acabou por ser um dos mais sólidos trunfos do presidente François Mitterrand no caso particular da sua candidatura a deputado. O ambiente polémico que, por seu gosto, o envolveu é bom para essas coisas, servidas pelo seu perfil de entre «bufão» e «bull dozer» — «Le Monde» «dixit», aliás com, se bem que irónica simpatia... O balanço da actividade de Jack Lang foi feito, para além de ataques por vezes sórdidos da direita e defesas por vezes duvidosas da esquerda, conforme interesses mais ou menos imediatos a vender, e cobre domínios tradicionais e novos que ele trouxe à ribalta, com as suas «impulsões» e a «efervescência do seu carácter», que sempre completaram (ou supriram) consciência e tacto culturais. Estes dificilmente se avaliam a distância e antes exigem, nos bastidores das suas representações, um convívio quotidiano — exactamente porque de coisas de cultura se trata. Para um estrangeiro, a imagem de Jack Lang é de personagem de um teatro de que só pode conhecer-se, algo ingenuamente, ou turisticamente, a cena; para quem viva em França, ela depende da prática da plateia e das entradas no diz-se - diz-se de por detrás dos cenários — seja ele de esquerda ou de direita. E não há ideologia que lhe valha...

Balanço com saldos discutíveis, mas em certa medida positivos, na música (e também no jazz-variedades), no cinema (e também na fotografia), no teatro (e também na dança e no circo), no livro (e também na banda desenhada), na arquitectura (que mais tem que ver com o domínio de prestígio do presidente da República, dele tendo sido dado conhecimento a Lisboa, numa exposição recente, e num «Folhetim» consequente) — e nas artes plásticas, nos museus e no património que ora interessam.

Do Museu Picasso já falámos aqui, e, não sei se aqui ou noutro sítio, das novas e excelentes montagens de Beaubourg, do projecto do Grande Louvre (com sua pirâmide sino-americana que pouca importância se não folclórica tem, no programa, geral populista), nos espaços admiráveis de la Vilette, e do Museu da Moda — com sua «mise-en-scène» «chiquée» e literata. Fundos de aquisições desenvolvidos e criados para os museus regionais foram, sem dúvida, uma das coisas mais creditáveis neste sector do balanço, permitindo um acréscimo do património museográfico nacional. Mesmo que, por vezes, as escolhas, aqui e ali, sejam provincianamente (mesmo em Paris) sujeitas a imperativos de últimas modas a fingir de história, ou a sempre inevitáveis compadrios.

Este domínio é o do património, onde os maiores erros terão sido cometidos por acultural suficiência numa dinamização a todo o transe, em grandes medos de fazer passar por conservadora a conservação do passado. Na verdade, duas correntes arqueológicas se concorreram, ditas de «direita» e de «esquerda», praticando, na própria zona do Louvre, com alvos ideológicos opostos que não deixaram de ser sensíveis à crónica, e ao cronista do «Monde».

Este guardou-se bem, todavia, de meter nas contas o caso das colunatas do Palais Royal — última obra, incacabada, de Jack Lang, e, por ser a última, em precipitado e teimoso empenho, certamente a mais reveladora da sua personagem.

Nesta obra, ele foi capaz de desafiar a própria legalidade republicana para deixar, sob as janelas do gabinete que já sabia ir abandonar, uma marca do seu gosto e do seu poder — que o seu sucessor ficasse obrigado a ver todos os dias... Algo de infantil ou, certamente, de imaturo nesta acção que um tribunal interrompeu e a mudança de governo deixou esperando uma decisão que se arrastará por muito tempo — com razão profissional evidente do artista assim prejudicado, senão ludibriado e cujo direito estético não deve ser posto em causa, malgrado o «minimalismo» já fora de moda que o anima. Só o sítio é que sim — e outro haverá certamente mais apropriado para Daniel Buren elevar as suas 250 colunas truncadas, dispostas em filas regulares e todas simplesmente coloridas de listas verticais brancas e negras, que, de qualquer modo, só por acaso poderão classificar-se como «uma das manifestações maiores da arte contemporânea» («Libération» «dixit»)...

Ora o sítio, que levantou oposição geral e intervenção judicial para embargo movido por associações de defesa do património e por habitantes da zona que, partido o ministro, ficavam com as suas colunas por indesejável herança; o sítio, é o próprio pátio do Palais Royal «monumento histórico» definido pelas suas célebres colunatas clássicas. Por-lhe, de repente, no meio, mais 250, e de outra família, é coisa que tem que ver com a patologia dos sítios — ou dos governantes. A prática cenográfica de Lang sobrepôs-se levianamente às considerações culturais que, a tempo, tentaram desviá-lo da ideia; depois, foi, mais tristemente, uma questão pessoal de poder atrabiliário e de vedetismo.

E assim, este homem de acção que, discutivelmente embora, deixou, mais do que todos os seus precedentes (excluindo, é claro, Malraux — mas não é Malraux quem quer...), obras notáveis que o jogo dos governos sovialistas a favor da cultura proporcionaram, vai-se com duvidosa fama. Em volta das colunatas de Buren (em que fez trabalhar dia e noite, para ganhar tempo contra os embargos legais) os tapumes anunciam obra de «Jack, o Extripador»...

Mas, para além da moral desta história (que, digamos, não fica atrás dos arranjos urbanísticos do «maire» de Lisboa becasina), outras há das quais Jack Lang não sai imaculado como governante, embora, nos casos, seja irresponsável, por correrem as coisas com colegas seus do ministério. E é o 5.º canal da televisão, canal privado criado com pressas políticas propositadas a favor de um tal Berlusconi, grande patrão da televisão italiana extremamente publicitária.

Idêntico carácter comercial tem o novo canal francês — com a novidade de os filmes exibidos serem cortados por «spots» de anúncio deste ou daquele produto, à vontade do cliente. Clamorosos protestos de todos os criadores cinematográficos não impediram o ministro da Comunicação de assinar o contrato que implica tal condição degradante para a dignidade do cinema, e dos espectadores. Por causa disso... Lang foi assobiado na distribuição dos grandes prémios do cinema francês, num espectáculo televisivo. Se ele não era o ministro responsável, ministro era, e não se deu conta de protesto seu, contra a decisão. No referido espectáculo, os animadores, silenciosamente, passaram uma das célebres cenas do «Quai des Brumes» de Carné, a declaração de amor Gabin-Michelle Morgan, entrecortada por «spots» anunciando um papel higiénico doce ao rabo, uma caçarola resistente ao fogo e um não sei já o quê que limpa tudo... Semanas antes, numa entrevista, J. L. Godard anunciou adaptação sua de Proust, e leu passagens de um dos volumes interrompendo a leitura com intervenções publicitárias. Q. e. d. — mesmo que a mediocriadade geral dos programas do dito Berlusconi não esteja a ter o esperado êxito, junto de um público mesmo fácil...

Mas outra coisa, no mesmo plano de moral cultural, não deixou de cair sobre a imagem final de Jack Lang, e foi o projecto «Disneyland», de divertimento e turismo, destinado a crianças e adultos de idêntica maturidade. Grande negócio além-Atlântico em exportação para a Europa, a França do precedente governo disputou e ganhou-o à Espanha (Portugal tentou a instalação mas perdeu logo a partida, não, certamente, por idade mental superior...), e ele vai constituir perto de Paris, um dispendioso centro de cultura americanizada capaz de deformar gravemente o jovem público francês a que se destina. O que, decerto, não compensa o número de empregos nas infra-estruturas com ele criadas — motor político imediato da decisão que, aliás, neste momento parece periclitar.

Jack Lang, que iniciou o seu ministério com um famoso discurso demagogicamente anti-americano pronunciado no México, em 1981, também não protestou publicamente contra esta americanização, e antes a engoliu; para castigo seu, um jornalista chamou ao projecto «Disneylang», que a pequena história da cultura recordará, com saborosa malícia...

Gente do Sul

Carlos Pinhão

ESTAÇÃO de Santa Apolónia, falta um quarto de hora para o «Foguete» partir, o «Senhor Doutor» e a «Senhora» fazem-se acompanhar do bagageiro, que é homem para ter mais de setenta anos e faz um penoso esforço para transportar toda aquela carga que dificilmente se equilibra no carrinho.

Diz o «Senhor Doutor»:

— Julgava que não havia comboios, li que há greve dos ferroviários.

— Isso é lá para o Sul, «Senhor Doutor»! — informou o bagageiro, que fazia agora um esforço ainda maior para passar as grandes malas do carrinho para o comboio.

— Pois, no Sul... É outra gente! — disse a Senhora.

— É isso, é outra gente! — corroborou o jovem «Senhor Doutor», que não deu a mais pequena ajuda ao carregador, mas deu-lhe uma nota amarrotada.

— É outra gente, «Senhor Doutor»! — confirmou o bagageiro curvando-se todo numa vénia... Ou não, não se curvava, era assim mesmo!

— Simpático o velhote! — disse a «Senhora».

— Hum, hum! — disse o «Senhor Doutor».

O domador e o político

Rui Cacho

Enquanto o domador faz o seu número arriscado só dão por isso os poucos espectadores do circo. Que depois aplaudem.

Nessa altura, um cidadão governamental diz que «sim e mais também» e toda a Comunicação Social espalha célere o «sim e mais também» para que todos saibam o que foi dito.

A população, por sua vez, está virada para outro lado. Milhares tomam conhecimento do «sim e mais também» (não podem escapar-lhe), mas dão pouca importância ao dito governamental. Já ouviram parecido muitas vezes sem reflexos nas suas vidas. Além disso, preocupa-os a classificação do nacional de futebol; apetece-lhes comentar a telenovela; fazem contas à vida (não incluem promessas); ou anseiam por uma relação sexual. Isto, alguns exemplos do que as pessoas pensam ou premeditam.

São poucos os cidadãos que escalpelizam o «sim e mais também», embora sejam já muitos milhares os que se preocupam com a Política.

Claro que domar um leão ou um tigre — como voar num trapézio — tem os seus riscos e é uma forma de sobrevivência nada cómoda.

Mas mais importante do que isso é a situação das pessoas.

Só que, poucas vezes, os políticos se empenham na melhoria da vida da comunidade. Não respeitam o «público» como faz o domador.

Este prepara cuidadosamente o seu número e expõe-se, não defraudando quem assiste, que se sente compensado pela despesa feita.

O que nem sempre sucede quando nos retiram parte do vencimento para a Segurança Social e continuamos inseguros.

Naturalmente que organizar a sociedade de modo a que os cidadãos sejam apoiados e defendidos quando é necessário, é tarefa difícil e muito mais importante do que domar um leão. Só que o circo funciona e a Segurança Social nem sempre.

Além disso, nunca se sabe se o domador de leões é mais político do que aquele que veste essa pele. Há muito lugar mal ocupado, vive-se um pouco ao Deus-dará.

Há sujeitos que logo que tomam posse de um cargo passam de imediato à pose. O domador só passa à pose depois de dominar a fera.

Atingir um lugar politicamente responsável tem dependido muitas vezes de razões alheias à capacidade de cada um. Ou convém nascer num ambiente estilo rampa de lançamento para altos voos governamentais. Ou conhecer alguém instalado no Poder e que nos dá uma mãozinha. Ou inscrever-se no Partido certo. Ou possuir uma dose de carisma. Et cetera, et cetera. Isto sem esquecer que se deve ser ambicioso e dispor de grande capacidade de adaptação...

Por outro lado, alguns de nós combatem pouco e consentem demasiado. Deixa-se muito correr o marfim.

Claro que muita coisa foi melhorando ao longo dos anos. Ditadores caíram. Povos emanciparam-se. Milhares de homens e mulheres têm sacrificado suas vidas para que se adquira um estatuto digno para todos e aumenta diariamente o esclarecimento, a determinação e a vontade de mudança.

Faço aqui uma travagem porque esta crónica não se propõe aprofundar tema tão vasto. Para o que me faltaria engenho e arte.

Pretendi apenas falar dum domador que respeita o seu auditório e dum político que afirma «que sim e mais também».

Mal por mal que falhasse o domador e acertasse o político — eram mais os beneficiados. Não que deseje que o leão coma o domador, mas é muito mais preocupante que o político nos coma a nós.

Tem a palavra o leitor

O lavatório e a CEE

Venho por este meio junto de V. Exa., rogar o especial favor de transcrever no vosso prestigioso Jornal o que me está acontecendo numa zona bastante turística, e povoada de Estrangeiros residentes em Portugal.

Eu sou de Nacionalidade Inglesa, residindo em Boliqueime, Algarve há dois anos. Comprei uma casa regional em estado degradado e comecei eu próprio a restaurá-la. Como necessitava de um lavatório oval, dirigi-me a uma firma no Sítio de Bacelares na zona de Loulé, onde já como cliente tinha gasto uma considerável quantia de Libras Inglesas, com finalidade de adquirir o referido lavatório. Gostei comprei e paguei. Até aqui tudo bem. Acontece, porém, que o mesmo lavatório tinha um defeito de fábrica, pelo que o devolvi, esperando pela entrega de outro de melhor qualidade. No estabelemento em causa aceitaram o lavatório, já pago, e disseram-me que o iam mandar para a Fábrica de origem.

Isto passou-se em 30/8/85. Estamos a entrar em Abril de 1986 e infelizmente ainda não posso usufruir do dito lavatório.

Será isto um bom serviço num País que se quer integrado na Comunidade Europeia? Penso que não.

Com este tipo de serviço nem daqui a 100 anos haverá confiança nalguns comerciantes Portugueses.

John Holland

Casa Holland
Boliqueime

Um estilo de liderança

O país político reagiu ao discurso solene, majestático, do líder do Partido Social-Democrata e actual Primeiro-Ministro. Os partidos da oposição parlamentares com Aníbal Cavaco Silva competiram na maneira forte. Disse o MDP que o Primeiro-Ministro tinha sido de «uma grande falta de rigor na análise que fez às consequências da alteração ao Orçamento manipulando-as de forma a fazer crer que elas não constituem na realidade um benefício para as camadas mais desfavorecidas da população». Disse o PCP que «a comunicação do Primeiro-Ministro constituiu um colossal exercício de falsificação, de demagogia e da extrema desonestidade política». Disse o PRD que estava «horrorizado com a grosseira mistificação produzida pelo Primeiro-Ministro». E o PS, a três vozes, disse que Aníbal Cavaco Silva era «mesquinho e vingativo» (João Cravinho); «perfeitamente rídiculo» (António Guterres); que decidido a prosseguir a «guerrilha institucional contra a Assembleia da República» revelava «mais uma vez um entendimento pouco compatível com os fundamentos da própria democracia (Manuel Alegre).

Duríssimo, o deputado João Cravinho afirmou: «Não conheço nenhum país na Europa em que seja possível um Primeiro-Ministro, depois de uma votação no Parlamento, fazer uma intervenção semelhante». E tem razão. Aníbal Cavaco Silva transferiu para as suas relações com as oposições parlamentares a maneira forte que adoptou na liderança do PSD, e, aparentemente, esqueceu-se que as oposições separadas por razões tácticas e estratégicas, princípios e preconceitos, constituem, sempre que lhes convém, uma «maioria parlamentar».

Escrevemos que o esquecimento deste facto, poderá ser só uma aparência, um véu diáfano que, sem queiroziana fantasia, oculta a verdadeira intenção do líder do PSD e Primeiro-Ministro: hostilizar os partidos que se lhe opõem, desprestigiar as ocasionais «maiorias parlamentares».

Esta táctica não surpreende. Decorre da tão chamada dinâmica da candidatura Freitas do Amaral, tem como objectivo uma dissolução, em prazo útil (para o PSD) da Assembleia da República. Mas apresenta um ponto fraco: não tem em conta o facto do PRD não estar interessado na dissolução da Assembleia da República e do PS não estar interessado em correr o risco da «recuperação» dos votos que fugiram para o PRD, vir a proporcionar nesse ou noutro plano, o crescimento do PSD. Daí que a ameaça da demissão do Governo não tenda a criar uma situação de crise na Assembleia da República. Daí que o posicionamento do PRD, sem ter assumido a oposição frontal ao Governo-minoritário do PSD, seja de conjuntural convergência e venha adquirindo um progressivo endurecimento.

Contestando os poderes da Assembleia da República, não se conformando com a intervenção dos deputados dos vários partidos no processo parlamentar de apreciação, alteração e rectificação do Orçamento do Estado (OE), o Primeiro-Ministro cria problemas políticos ao líder do Partido Social Democrata. Para já, e à vista, as dificuldades de relacionamento com os outros partidos em sede parlamentar. Para já comprometida, a prazo curto ver-se-á se definitivamente, a «neut ralidade» do Partido Renovador Democrático (PRD).

A determinação pessoal e ao voluntarismo político de Aníbal Cavaco Silva, à sua competência como economista, parece não corresponderem humanas capacidades de relacionamento fora de um círculo de fidelidades. A sua preocupação de assegurar, na condução do Partido Social Democrata, uma liderança forte não se afigura adaptada à chefia do Governo, e, principalmente, de um Governo que, por ser minoritário, carece de apoios negociados e de sucessivos acordos parlamentares. O Governo Cavaco Silva, não pode governar contra a vontade da maioria parlamentar e a imprevidência do Primeiro-Ministro foi ter agido de forma a que essa maioria virtual que se constituiu para criticar e alterar o Orçamento do Estado, viu-se confrontada com os ataques do Primeiro-Ministro e com a sua definição como uma «frente popular». Nas reacções ao discurso do Primeiro-Ministro, vemos consolidada **uma oposição** ao Governo PSD (minoritário).

Por quanto tempo? Até quando? Para quê? Passar da **convergência negativa,** a níveis e plataformas de **convergência positiva,** não é fácil. A eleição de Mário Soares abriu perspectivas, mas não criou só por si, condições de uma ampla renovação da prática política. Os «resíduos MASP» manifestam-se (ou agitam-se) em sentido contrário (ou de grande reserva) relativamente à «abertura à esquerda» do Partido Socialista. No PRD (ou melhor: nalgum PRD) não parecem estar esgotadas as ilusões centristas.

Claro que, até onde a vista alcança, a posição partidária de Aníbal Cavaco Silva é sólida. Desfizeram-se as sensibilidades contestatárias, ruíram, uma após outra, as personalidades que o contestavam, é do exterior do partido, ou num plano marginal à direcção partidária, que o criticam. Apresenta-se o **economista** como um **triunfador político.** Será efémero este triunfo?

No que ao Governo se refere, Aníbal Cavaco Silva perdeu terreno de manobra com o seu discurso na RTP, jogou em valores que os deputados não reconhecem, nem podem reconhecer: os da competência e da autoridade exclusiva do Governo em matéria orçamental. É da legalidade constitucional e da tradição nacional remota a competência dos representantes e/ou dos eleitos da Nação, nesta matéria de autorização de receitas e despesas. Exclusiva do Governo, porquê?

A «guerrilha institucional» — chamemos-lhe assim — vem sendo uma constante da nossa vida democrática. Este facto não é admissível. É um factor negativo no processo de consolidação institucional da Democracia.

Aníbal Cavaco Silva, empenhado num estilo de liderança forte, confundiu «o partido» e o «país». Mas na determinação, no voluntarismo, no estilo — sejam sinceros, meus senhores — ter-se-ia afastado do precedente Francisco Sá Carneiro?

Francamente, pensamos que não. O seu discurso (na RTP) não foi uma «inovação política», foi um «regresso político».

O nascimento da Bíblia

Carlos Amado Reis

Num dos livros do «Pentateuco» (ou «Livro da Lei»), o intitulado «Números», narra-se que por duas vezes Moisés fez recensear os israelitas maiores de 20 anos e aptos a pegar em armas, e que de cada uma das vezes foram encontrados mais de seiscentos mil. Contando também com jovens e crianças, com os velhos e com as mulheres, tem-se que o total de israelitas participantes no «êxodo» seria superior a dois milhões! A tal ponto se tinham multiplicado, num tempo relativamente curto, as setenta pessoas da família de Jacob com as quais começou a estória dos israelitas no Egipto!

O número de dois milhões é inaceitável. Werner Keller estimou em cerca de 8 mil o número de participantes no «êxodo», e pode-se perguntar por como foi que Werner Keller se atreveu a intitular o seu livro de «A Bíblia tinha razão».

Para que, na imaginação de quem escreveu e na aceitação por quem leu, poucos milhares se tenham transformado em alguns milhões, é necessário que tenha decorrido longo tempo entre a saída do Egipto dos adoradores de Yavé e a época em que o «Pentateuco» foi escrito. Muitos séculos.

No tempo do rei David, por volta de 1000 a.C., os israelitas foram recenseados, mas receberam tão mal a efectuação do censo que parece evidente que ainda não havia a tradição de Moisés ter efectuado censos; por isso a elaboração do «Pentateuco» deve considerar-se posterior a David. Por outro lado, o «Livro da Lei» foi apresentado como encontrado no Templo no tempo do rei Josias (640-609 a.C.), pelo que a sua elaboração deve ter sido feita entre o reinado de David e o de Josias.

Analisando a história hebraica dessa época, tal como a literatura de que dispomos a apresentar, encontra-se que o reinado de Ezequias, de 715 a 687 a.C., foi de longe o mais propício à realização dessa obra.

Anteriormente a Ezequias os reis de Judá, influenciados por mulheres estrangeiras incluídas entre as suas esposas e concubinas, tinham aceitado praticar culto a deuses diversos, e o próprio pai de Ezequias, o rei Acaz, chegara ao ponto de imolar um filho; Ezequias, certamente impressionado pela morte do irmão e desde a menice chocado com tais práticas, quando chegou à realeza empreendeu uma profunda revolução religiosa.

A forte adesão de Ezequias ao yaveísmo deve ter começado a manifestar-se logo na sua infância, como reacção contra a imolação do irmão e estimulada pelos sacerdotes: — É o que transparece de Isaías 8, 5, através da expressão «Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado, que tem a soberania sobre os seus ombros».

A revolução religiosa empreendida por Ezequias, segundo o «Livro das Crónicas» ou «Paralipómenos», começou logo no primeiro mês do 1.º ano do seu reinado. O referido livro dedica largo espaço às transformações realizadas.

O «2.º Livro dos Reis» fornece-nos acerca de Ezequias uma passagem que pode ser considerada uma síntese e que a seguir se transcreve:

— «No terceiro ano do reinado de Oseias, filho de Ela, rei de Israel, começou a reinar Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá. Tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. A sua mãe chamava-se Abia, filha de Zacarias. Fez o que é recto aos olhos do Senhor, conforme o exemplo de David, seu pai. Destruiu os lugares altos, quebrou as estrelas e cortou os bosques sagrados. Despedaçou a serpente de bronze que Moisés tinha feito, porque, até então, os israelitas queimavam incenso diante dela. Chamavam-na Nohestan. Ezequias pusera a sua esperança no Senhor, Deus de Israel; não houve outro como ele, entre todos os reis de Judá que o precederam ou lhe sucederam».

Tanto os yaveístas prezavam o seu rei Ezequias que os discípulos de Isaías puseram nos lábios do «profeta» a seguinte frase, que disseram ter sido proferida perante o pai de Ezequias:

— «Eis que a virgem (conceber) e (dar à luz) um filho e o (chamar) Emanuel». — Emanuel, que significa «Deus connosco», foi um nome aplicado a Ezequias; «a virgem» era uma designação frequentemente aplicada à nação hebraica (quando os «profetas» a queriam louvar); aquele «dar à luz» seria um acto realizado pela nação ao longo de toda a vida de Ezequias; na frase transcrita os verbos estão no Infinitivo porque nas línguas modernas não há tempos equivalentes aos tempos dos verbos do antigo hebraico e cada tradutor tem utilizado os tempos que lhe agradaram.

Ainda em Isaías, Ezequias é chamado «Deus forte» e recebe outros elogios. Não falta quem afirme que os autores do livro nunca chamariam Deus a um simples mortal; para lhes responder basta recordar o salmo 82 (81), que começa com a expressão «O Senhor levanta-se na assembleia divina, profere o seu juízo no meio dos deuses.» E depois põe Deus a dizer — «A verdade é que morrereis como homens.» — Em face disto, quem pode negar que simples mortais foram designados pelo salmista como deuses?

O «Livro dos Provérbios» diz no começo do capítulo 25: — «Também estas são sentenças de Salomão, recolhidas pelos homens de Ezequias, rei de Judá.» — Por aqui ficamos a saber que Ezequias tinha um grupo de homens que produziram literatura que entrou na «Bíblia»; mas os «homens de Ezequias» não se devem ter limitado a recolher alguns provérbios atribuídos a Salomão: — Foram eles, muito provavelmente, os redactores do «Pentateuco», embora recorrendo a alguns textos mais antigos mas também muito a tradições orais e à fantasia.

Há no «Génesis» uma frase que parece escrita em honra de Ezequias. É na bênção dada por Jacob: — «O ceptro não escapará a Judá, nem a autoridade à sua descendência, até à vinda do Pacífico, ao qual os povos obedecerão.» — Por «Pacífico» seria designado Ezequias.

Não chegou a ousadia para apresentar logo ao povo o «Pentateuco». O livro ficou guardado, não sabemos se completamente esquecido ou se sempre sabendo alguém da sua existência, sem que existisse nenhuma cópia, e no reinado de Josias foi finalmente dado à luz como achado casualmente no Templo.

Se o livro já tivesse sido conhecido anteriormente, é claro que deveriam existir cópias, e não existiam.

Decidido em reunião de líderes parlamentares

Oposição exige à RTP direito de resposta à intervenção do Primeiro-Ministro

O presidente da Assembleia da República vai solicitar à Televisão que assegure o direito de resposta dos partidos da oposição à comunicação ao País do Primeiro-Ministro.

Segundo as mesmas fontes, os partidos da oposição com assento parlamentar teriam decidido ontem utilizar o direito de resposta na TV às afirmações de Cavaco Silva durante o discurso que proferiu logo após o Telejornal. Esta questão foi de resto analisada na reunião da conferência de líderes, sob proposta da Comissão de Economia, Finanças e do Plano.

Apenas com a discordância do PSD, aquela comissão decidiu apresentar o assunto a Fernando Amaral por considerar que a intervenção do chefe do Executivo contém «afirmações falsas, dados incorrectos e imputação de responsabilidades ao Parlamento».

A comissão foi encarregada pela conferência de líderes de elaborar um parecer técnico sobre as afirmações de Cavaco Silva. As mesmas fontes disseram à ANOP que poderá ser levada a plenário a possibilidade de o Parlamento emitir uma nota oficiosa sobre este assunto.

No Parlamento: oposição responde hoje ao Governo

À hora do fecho desta edição, os grupos parlamentares do PS, PRD, PCP e MDP respondiam com intervenções políticas de fundo à comunicação do Primeiro-Ministro. Para hoje à tarde estão também marcadas na Assembleia da República duas conferências de Imprensa promovidas separadamente pelo PCP e PRD com o objectivo de definirem a sua posição perante as acusações de Cavaco Silva. Entretanto, já todos os partidos da oposição, à excepção do CDS, solicitaram ao Conselho de Gerência da RTP o direito de resposta ao discurso de Cavaco Silva.

Sentenças penais no plenário

No período da ordem do dia, o plenário da Assembleia da República vai analisar a ratificação do tratado de cooperação na execução de sentenças penais entre o Governo da República Portuguesa e o governo da Tailândia, assinado em 1 de Abril de 1985. O plenário vai novamente tentar preencher, através de eleição por voto secreto, os seus representantes do Conselho Superior de Defesa Nacional, Conselho Nacional do Plano, Tribunal Constitacional, Conselho Fiscalizador do Serviço Nacional de Informações e Conselho de Comunicação Social. Em anteriores eleições os candidatos não obtiveram a maioria de dois terços de votos necessários.

A Assembleia da República deverá também iniciar hoje a apreciação na generalidade do projecto de lei de Amnistia, elaborado e aprovado por unanimidade na Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias. Este projecto de lei visa amnistiar diversas infracções e conceder perdão a penas de prisão por ocasião do início do mandato do actual Presidente da República.

O projecto prevê que, pela primeira vez, sejam abrangidos por uma amnistia parlamentar funcionários públicos e equiparados e prevê também amnistia para as pessoas condenadas pela morte de bovídeos em corridas de touros. O projecto prevê amnistias para crimes e contra-ordenações ligados a contrabando «quando o valor total das mercadorias não for superior a 2400 contos, desde que as demais sejam abandonadas a favor da fazenda nacional» e também para certos tipos de infracções pelo consumo de droga. Contempla ainda amnistias para algumas contravenções ao Código da Estrada ou ao seu Regulamento. Deputados de vários grupos parlamentares têm manifestado a intenção de propor alterações ao projecto quando baixar de novo à comissão depois da aprovação na generalidade pelo plenário.

Carlos Carvalhas ao "DL"

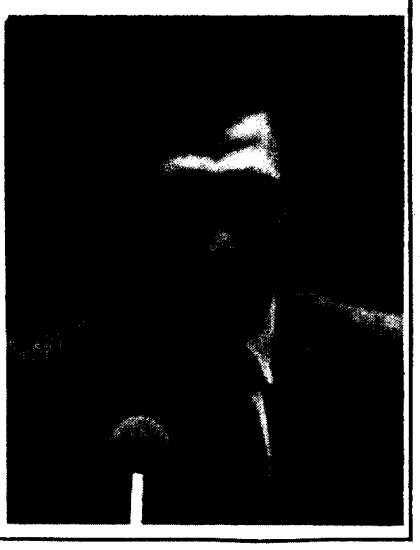
A AR não baixou preço do leite só por não ser da sua competência

O deputado do PCP Carlos Carvalhas disse que a Assembleia da República não baixou o preço do leite porque não tinha competência para o fazer. Ao contrário, porém, fixou, como constitucionalmente lhe competia, a parte fiscal que levará à redução do preço do gasóleo, gás de garrafa e de cidde, fuel e gasolina.

Num breve comentário prestado ao «DL» a propósito da intervenção do Primeiro-Ministro, Carlos Carvalhas afirmou que se a Assembleia da República tivesse competência para baixar os preços do pão e do leite, fá-lo-ia também. E se a questão de alternativa eventualmente se pusesse — ou a diminuição do preço da gasolina ou do pão e do leite — naturalmente que o Parlamento optaria pela segunda hipótese.

Este deputado comunista considera no entanto que o Governo pode e deve baixar o preço do leite, apesar das alterações orçamentais introduzidas. «Mesmo depois da modesta baixa dos combustíveis que nem sequer compensa o aumento de Dezembro, ainda ficam no Fundo de Abastecimento dezenas de milhões de contos para além da verba que o Governo tinha orçamentado e com a qual não estava a contar», sublinhou Carlos Carvalhas. Tal verba, segundo o deputado, «dá para diminuir o preço do leite e para tapar 'buracos' do Fundo». Carvalhas entende que é «inadmissível que o Governo, por retaliação, por vingança, não baixe o preço do leite. «É uma atitude salazarenta», concluiu.

Quanto ao imposto por cada litro de gasolina (115$00), o deputado do PCP revelou que em Março se pagava 39 escudos para o Fundo de Abastecimento e 8$50 de IVA. Em Abril já se está a pagar 63$60 para o Fundo, mantendo-se porém o mesmo valor de IVA.



Congresso no Porto

JC apoia Morais Leitão

A Comissão Política Nacional da Juventude Centrista decidiu apoiar a moção de Morais Leitão ao Congresso por cinco votos contra quatro — disse à Anop Jorge Ferreira.

O presidente da Juventude Centrista, Manuel Monteiro, foi um dos quatro votos contra aquele apoio. Manuel Monteiro anunciou que apoia Adriano Moreira.

A decisão da Comissão Política não obriga os 88 delegados da JC ao Congresso do partido, que se reúne este fim-de-semana no Porto, pois não estão obrigados a disciplina de voto, disse Jorge Ferreira.

Na reunião da Comissão Política Nacional da JC, realizada terça-feira à noite — acrescentou — participaram nove dos 11 elementos que compõem este órgão.

A posição maioritária foi no sentido de além da moção própria, a Comissão Política Nacional da JC apoiar a de Morais Leitão «por ser a que está mais próxima da estratégia que defende», acrescentou a mesma fonte.

Na sua própria moção, a Comissão Política Nacional da JC defende a reestruturação total do aparelho do partido, através, nomeadamente, da introdução do referendo e da sujeição dos candidatos a cargos públicos (deputados, municípios e outros) ao voto dos filiados do CDS, e quanto à intervenção política, a preocupação do CDS pelas grandes reformas do País.

Harmonia no Porto

Os membros do Conselho Consultivo do CDS apelaram «para a harmonia interna» no próximo Congresso daquele partido, que se iniciará no Porto, na sexta-feira.

Narana Coissoró, membro do Conselho Consultivo do CDS, que se encontra reunido sob a presidência de Adriano Moreira, referiu que os conselheiros fizeram intervenções «no sentido do que se deve evitar» no citado Congresso.

O V Congresso do CDS, que se iniciará no Porto na sexta-feira, termina no domingo, e nele irão estar em confronto três moções de estratégia global, lideradas respectivamente por Adriano Moreira, Morais Leitão e Gomes de Pinho.

UEDS quer identificar-se com o movimento de apoio a Maria de Lourdes Pintasilgo

Elementos do núcleo de Coimbra da UEDS vão apresentar uma moção na próxima convenção deste partido em que salientam «as grandes consonâncias existentes entre os vectores essenciais do movimento de apoio a Lourdes Pintasilgo e o projecto político da UEDS».

Os seus subscritores propõem-se continuar a participar na organização do movimento, considerando que esta é «a melhor maneira de contribuir para a renovação da esquerda».

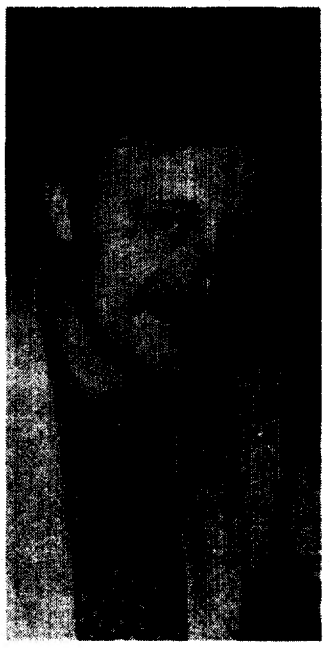
«Julgamos que é por este caminho que melhor poderemos dar fecundidade ao projecto inicial da UEDS, um projecto socialista autogestionário em que a componente político-institucional da democracia não é separável da sua vertente participativa», sublinham.

A moção é subscrita por Rui Namorado, que pertenceu à comissão política nacional da candidatura de Lourdes Pintasilgo, e por João Ferreira, Fernanda Campos e Manuela Carvalheiro, entre outros. Rui Namorado disse à Anop que os subscritores da moção contestam a forma como a próxima convenção da UEDS tem sido anunciada, considerando que «têm prevalecido excessivamente as disposições pessoais do seu primeiro secretário».

«Tem ficado por saber que dentro da UEDS há quem não esteja em sintonia com o primeiro-secretário e que há quem esteja determinado a prosseguir uma prática política que nada tem a ver com o que se diz serem as intenções de alguns dos seus actuais dirigentes», concluiu.

Mário Tomé em conferência de Imprensa

UDP contra a oposição parlamentar por não provocar queda do Governo



A UDP considera que a «direita mantém a iniciativa, pode acumular forças e até, quando lhe interessar, provocar uma crise política», afirmou Mário Tomé.

O líder da UDP, que falava numa conferência de Imprensa, acha que as alterações ao Orçamento de Estado «são uma flor da oposição, que permitiu a demagogia de Cavaco Silva».

Este encontro da UDP com os órgãos de informação teve por objectivo dar conta das linhas gerais que deverão orientar a Conferência Nacional do partido no próximo fim-de-semana. No projecto de resolução política a aprovar na conferência, a UDP aponta a necessidade de «centrar o fogo no Governo e nas suas medidas concretas, denunciar os seus objectivos globais e combater as suas medidas reaccionárias».

O documento propõe o combate «às cedências do PRD, PS e PCP à direita, chamar estas forças à unidade de acção, não entrando na roda do diálogo e desmascarar as suas falsidades». Para a UDP a unidade dos democratas tem de ser feita em torno de objectivos concretos, como por exemplo as próximas comemorações do 25 de Abril.

A luta contra a reprivatização na Comunicação Social, a lei das rendas de casa, da segurança interna, são outras questões à volta das quais a UDP propõe a unidade da oposição. Mário Tomé acusou os partidos da oposição parlamentar de não pretenderem derrubar o Governo, subordinando aos seus interesses partidários as soluções políticas.

Gonelha não deixa o Partido

O antigo ministro da Saúde, Maldonado Gonelha não se demitiu do Partido Socialista. A notícia que nunca foi confirmada, partiu de rumores divulgados esta manhã pela rádio dizendo que Gonelha se afastara de todos os cargos que desempenhava no partido e, também da condição de militante.

Maldonado Gonelha exerceu no último executivo de Mário Soares o cargo de ministro da Saúde e antes fora ministro do Trabalho, posto em que se revelou como um dos políticos mais impopulares.

Militante socialista em Setúbal e quadro superior da EDP, Gonelha era um dos mais influentes membros da Federação Socialista de Setúbal, dividida entre o apoio a Constâncio (Vítor Hugo Sequeira) e a Jaime Gama (o próprio Gonelha e Eduardo Pereira).

Segundo o «DL» apurou esta manhã, não estão confirmadas as notícias da demissão de Gonelha que poderá mesmo fazer ainda hoje, um desmentido formal, provavelmente sob a forma de «comunicação».

Apoios

Na dança dos apoios, novos nomes continuam a ser contabilizados para o apoio a Constâncio: desta feita, são os de Brandão de Brito (ex-UEDS), Armindo Ribeiro Mendes, Flores de Andrade e Eurico de Figueiredo.

Protesto em Bragança

Mas de Bragança chega um protesto por esta fulanização da luta política do PS. Vem do responsável local Armando Vara. Ele afirmou que existe «uma tentativa de instrumentalização» dos congressos das federações distritais daquele partido.

Em comunicado tornado público, Armando Vara, secretário coordenador da Federação Distrital do PS, indicou que «a coberto do prestígio e nome de Vítor Constâncio está-se a tentar passar para segundo planno o debate sobre questões regionais e locais».

Armando Vara frisou que este facto é «uma manobra de oportunismo político protagonizado por pessoas que procuram esconder as suas incapacidades à sombra de uma liderança nacional».

Aquele dirigente regional socialista sublinhou que, no processo preparatório dos congressos das federações do PS, há pressões para escolher os «dirigentes distritais em função das lideranças nacionais e não em função das propostas de orientação, militância e competência dos militantes que se propõem dirigir as federações».

Vitorino desiste

Em Lisboa, nas candidaturas à FAUL, soube-se do apoio formal de Raul Rego, Azevedo Gomes, Jorge Sampaio, Tito de Morais e Manuel Alegre, às pretensões de Cardia. Ele, o apoio, justifica-se porque o ex-ministro da Educação personifica «uma liderança forte e politicamente prestigiada».

João Soares é o candidato a secretário-coordenador da FAUL pela moção «Renovar o Rumo, Dinamizando e Modernizando», soube a agência NP de fonte partidária.

João Soares vai beneficiar da desistência de António Vitorino que era o único subscritor da Moção «FAUL — Um Espaço de Diálogo».

Ambas as moções apoiam a liderança nacional de Jaime Gama, embora Palma Inácio, apoiante de João Soares, tenha dito à agência NP que «a prioridade agora era o Congresso da FAUL».

António Vitorino, encontra-se ausente no estrangeiro, mas Palma Inácio afirmou à agência NP que «tudo vai no sentido da sua desistência».

A confirmar-se a desistência de António Vitorino, baixa para quatro o número de moções políticas ao Congresso da FAUL, a mais importante estrutura do PS, que se inicia no dia 25 de Abril.

São elas «Uma prática política nova para que nada fique como dantes na FAUL» (Sottomayor Cardia / Vítor Constâncio), «Servir para vencer» (Vítor Ramalho), «Renovar para vencer o futuro» (Francisco Calheiros) e «Renovar o rumo na FAUL» (João Soares / Jaime Gama).

Assinale-se que é a primeira vez que João Soares, filho de Mário Soares, se empenha em cargos dirigentes do Partido Socialista.

Ramalho fica

Vítor Ramalho disse hoje à agência NP que «não desiste» e que «vai até ao fim».

Escusou-se também a dizer se apoia Vítor Constâncio ou Jaime Gama para a liderança nacional do PS, justificando que até ao Congresso da FAUL manterá a «cabeça fria».

A moção de Vítor Ramalho ao Congresso da FAUL, mais conhecida por «Moção de Loures», concelho de cuja Câmara é vereador, também não apoia ninguém para secretário-coordenador da Federação de Lisboa.

«Votaremos no candidato a secretário-coordenador que estiver de acordo com os nossos princípios», disse.

A «Moção de Loures» pretende chamar a atenção da importância que têm os concelhos — Loures é o terceiro do País e o segundo da zona urbana de Lisboa — e da necessidade da sua representatividade nos órgãos do partido, afirmou à agência NP, Vítor Ramalho.

A sua apresentação tem o propósito de atenuar a fulanização que se começa a verificar no PS, disse ainda.

Cavaco visita RFA

Cavaco Silva estará no princípio da próxima semana na República Federal Alemã, numa visita oficial de três dias durante os quais, além de Bona, irá ainda a Estugarda e Berlim.

A agenda da visita do primeiro-ministro português, que decorrerá entre os dias15 a 17, incluiu reuniões de trabalho com o chanceler Helmuth Kœhl e com o ministro das Finanças, Atautenberg.

Haverá ainda um encontro de cortesia com o Presidente da República Federal Alemã e um pequeno almoço com o ministro-presidente do Estado de Baden-Wurtenberg.

Cavaco Silva, que viaja acompanhado do ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, irá ainda a Berlim-Oeste, visitando o Senado e o muro que divide a cidade.

Soares presidiu a reunião do Conselho de Defesa

O Conselho Superior de Defesa examinou ontem os projectos-lei sobre o Estado de Sítio e de Emergência e decidiu promover a brigadeiro o coronel da Força Aérea, Matos Escarduca. Esta foi a primeira reunião daquele órgão a que presidiu Mário Soares.

Presentes à reunião, que durou cerca de uma hora e se realizou no Palácio de Belém, todos os seus membros: primeiro-ministro, ministros dos Negócios Estrangeiros, da Defesa, das Finanças, da Industria, dos Transportes e Comunicações e da Administração Interna, ministros da República nos Açores e na Madeira, CEMGFA e chefes de Estado Maior dos três ramos das Forças Armadas e por designação do Parlamento o deputado socialista José Luís Nunes.

"9 de Abril" comemorado no Mosteiro da Batalha

«Paz é sinónimo de desenvolvimento» — palavras de Leonardo Ribeiro de Almeida ao presidir ontem, no Mosteiro da Batalha, na sua qualidade de ministro da Defesa, às comemorações do «9 de Abril», data da batalha de La Lys. «É por esse autêntico amor à paz em que desejamos viver que devemos estar preparados para dissuadir quem no-la possa perturbar ou criar risco de a podermos perder», acrescentou. O ministro evocou o comportamento dos soldados portugueses que há 68 anos participaram na batalha de La Lys: «Francamente inferiores em número e equipamento face ao inimigo que combatiam, deram o exemplo e a medida da sua coragem e do seu sentido do dever», frisou.

PSD de Braga considera Cavaco um "patriota"

A Comissão Permanente da Comissão Política distrital do PSD de Braga expressou a sua «total concordância» com o discurso de terça-feira do primeiro-ministro Cavaco Silva.

Aquele organismo social-democrata considerou que o discurso de Cavaco foi demonstrativo da «política patriótica, de verdade e de rigor que o actual Governo vem prosseguindo».

O PDS-Braga ataca ainda as forças de oposição pela forma como vêm actuando no Parlamento.

CONCURSO

MÉXICO men Mundial

o diário

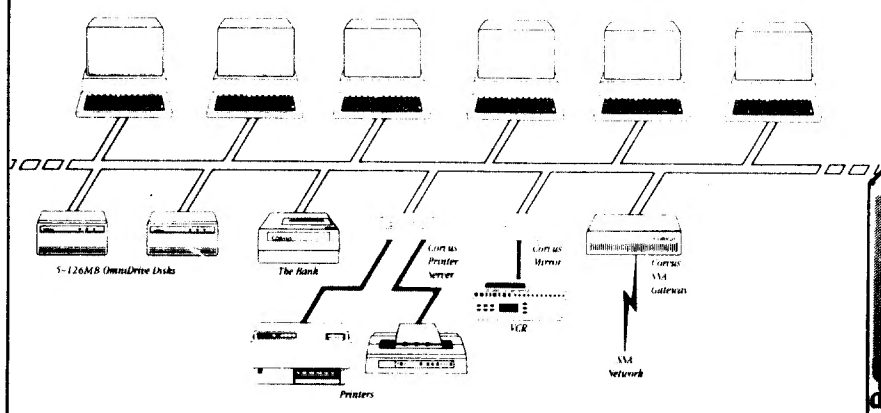
as grandes figuras do futebol mundial

DEZENAS DE PRÉMIOS:

DOIS AUTOMÓVEIS
VIAGEM A ROMA PARA DUAS PESSOAS
VÍDEOS E TELEVISORES
MÁQUINAS DE LAVAR

É FÁCIL, COLECCIONA-SE O DIÁRIO
COMPRE O diário
A PARTIR DE 14 DE ABRIL

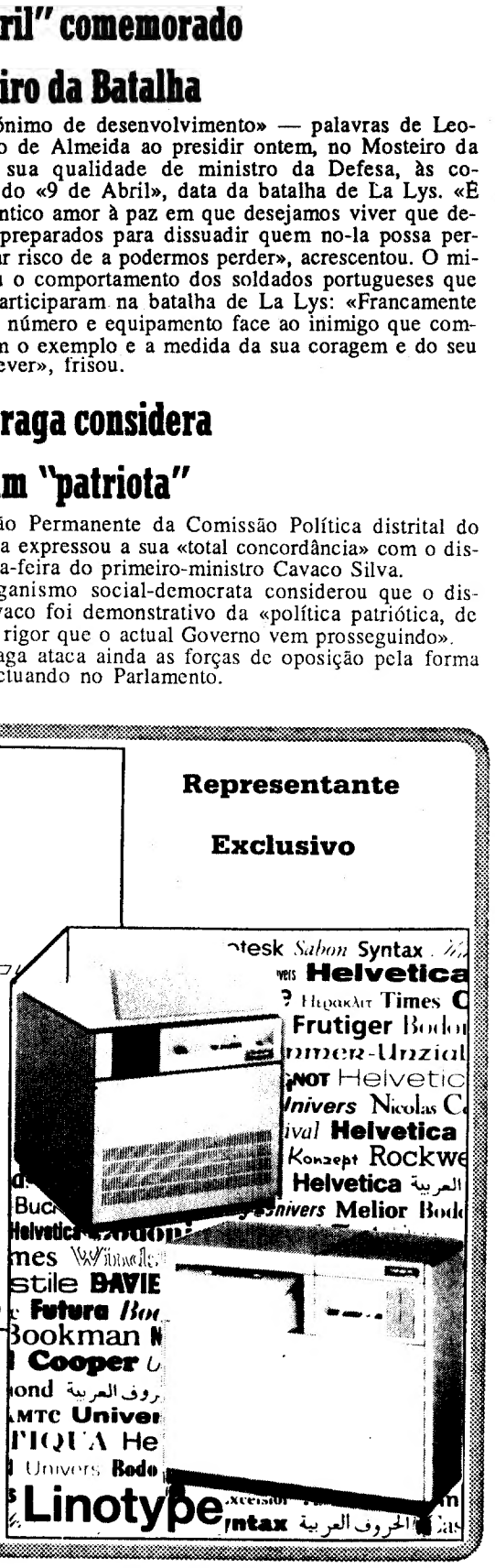
OMNINET™ LOCAL AREA NETWORK



CORVUS SYSTEMS™ É O MAIOR FORNECEDOR MUNDIAL DE REDES!
MAIS DE 150.000 MICROCOMPUTADORES ESTÃO A USAR
A REDE OMNINET™ PARA COMUNICAR ENTRE SI
E PARTILHAR DISCOS E IMPRESSORAS

CORVUS

Representante Exclusivo



CEEC ESTUDOS GRÁFICOS, LDA
Av.Fontes Pereira de Melo, 35-4° H • 1000 Lisboa • ☎ 56 24 59 • Tx. 14 118 • PORTUGAL

A delegação enviada pelo PR nos encontros com representantes das associações cívicas de Macau

Gomes Mota prossegue contactos

Macau quer governador civil

O próximo Governador de Macau será um civil, se o Presidente da República respeitar as opiniões das personalidades contactadas em Macau pela delegação que enviou ao território, — consideram fontes macaenses, citadas pela NP.

As mesmas fontes garantiram que todas as personalidades contactadas pelos três enviados de Mário Soares, se pronunciaram pela necessidade de um Governador que seja civil. Recorde-se que na História de Macau apenas um governador não foi militar. Os três enviados presidenciais, Gomes Mota, Correia Gago e Vítor Sá Machado, têm prosseguido uma autêntica maratona de contactos com os representantes dos mais variados grupos de interesses do território.

Na manhã de ontem, a delegação recebeu os representantes da «ADIM», associação cívica próxima do CDS, e deslocou-se depois à residencia de Oh Cheng Peng, representante dos interesses da China em Macau.

Oh Cheng Peng disse aos jornalistas que «seria bom que Portugal enviasse um governador que já conhecesse Macau», mas acentuou que «é uma questão que compete somente a Portugal».

A delegação recebeu ainda o comendador Morais Alves, os representantes do «CDM», associação cívica ligada ao Partido Socialista e o financeiro Stanley Ho.

Stanley Ho afirmou no final da reunião que está confiante de que Portugal enviará para Macau um governador competente e que deseja que o próximo governador tenha mandatos mais longos do que os anteriores.

A delegação prosseguirá contactos até ao final desta semana.

Visita de Sarney a Portugal já tem programa

Brasil: mais diálogo e menos "cerimonial"

O governo brasileiro espera que a visita do presidente José Sarney a Portugal, em Maio, sirva para aumentar o diálogo político entre os dois países, até aqui pouco intenso, consideram fontes oficiais em Brasília.

«Com Portugal nunca existiu muito diálogo político e os encontros ou visitas de Estado esgotavam-se no cerimonial», disseram as mesmas fontes, a propósito da deslocação oficial de José Sarney, entre 4 e 8 de Maio, cujo programa provisório foi entretanto dado a conhecer.

A propósito dos contactos políticos entre os dois países, um assessor do presidente brasileiro comentou a expectativa de um maior intercâmbio nas relações entre Brasília e Lisboa. «Mário Soares é um político que conhece muito bem o Brasil» — afirmou.

As autoridades portuguesas têm recentemente sublinhado a necessidade do incremento comercial entre os dois países, como forma de justificar o aumento dos laços bilaterais em várias áreas.

Empresários brasileiros têm vindo a efectuar nos últimos tempos investimentos consideráveis em Portugal, sobretudo com vista ao aproveitamento da capacidade de penetração nos mercados europeus, com a adesão portuguesa à CEE.

Durante a sua visita de cinco dias, que será seguida de uma curta estada de menos de dois dias em Cabo Verde, Sarney manterá contactos com o Presidente Mário Soares, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, entre outros líderes políticos e empresariais portugueses.

O Programa

O programa da visita a Portugal inicia-se ao fim da manhã de 4 de Maio, em Lisboa, terminando na manhã de 8 no Porto, de onde José Sarney partirá para Cabo Verde. O presidente brasileiro terá no palácio de Queluz a sua residência oficial, passando uma noite na capital nortenha, após a visita a Coimbra.

No primeiro dia, Sarney terá um almoço íntimo com os seus colaborados em Queluz, encontrando-se de tarde, no palácio de Belém, com o Presidente Mário Soares, que à noite lhe oferecerá um banquete no palácio da Ajuda.

Uma audiência, em Queluz, com Cavaco Silva, seguida de uma recepção ao corpo diplomático e de um almoço oferecido pelo Primeiro-Ministro no palácio da Vila de Sintra, ocupam parte do programa do segundo dia de visita, completado com uma deslocação à Câmara Municipal de Lisboa, para receber as chaves da cidade, e uma recepção à comunidade brasileira.

Ainda nesse dia, José Sarney deslocar-se-á à Academia das Ciências, onde receberá o título de sócio.

No dia 6, Sarney visitará a Assembleia da República e inaugurará em Queluz uma exposição sobre D. Pedro de Alcântara e Bragança, sob o título «Uma Vida, dois Mundos e uma História», O Presidente Mário Soares estará presente e ambos assistirão a um concerto integrando músicas de D. Pedro (I do Brasil e IV de Portugal).

Um almoço com o novo embaixador do Brasil em Lisboa. Costa e Silva, uma conferência de Imprensa conjunta dos dois Presidentes, em Queluz, e um banquete oferecido por José Sarney, completam o terceiro dia da visita, durante o qual os ministros brasileiros que fazem parte da comitiva se encontrarão com os homólogos portugueses.

No dia seguinte, o presidente Sarney deslocar-se-á de comboio a Coimbra, em cuja Universidade será doutorado «honoris causa». Haverá um almoço no palácio de S. Marco e uma curta visita à cidade.

Na capital nortenha, Sarney visitará a Câmara Municipal e jantará no palácio da Bolsa.

CONTAS DA CAMPANHA ELEITORAL DA CANDIDATURA DE ÂNGELO MATOS MENDES VELOSO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

MAPA N.º 1 – RECEITAS

PROVENIÊNCIA	IMPORTÂNCIAS Parcial	Total
Contribuições pecuniárias dos subscritores da candidatura	2 150 000$00	
Contribuição pecuniária do Partido Comunista Português	2 254 318$50	4 404 318$50
Total Geral		4 404 318$50

MAPA N.º 2 – DESPESAS

MATERIAL DE PROPAGANDA ELEITORAL		
Produção e, ou, aquisição	3 955 386$00	
Distribuição	300$00	
Outras despesas	50 000$00	4 005 686$00
DESPESAS DE SECRETARIADO		
Outras despesas		279 556$00
DESPESAS GERAIS		
Transportes	110 969$00	
Outras despesas	8 107$50	119 076$50
Total Geral		4 404 318$50

Lisboa, 4 de Abril de 1986

A COMISSÃO NACIONAL DE APOIO À CANDIDATURA

METAL SOM, SOCIEDADE COMERCIAL DE MATERIAL DISCOGRAFICO, L.DA

Certifico que, por escritura de 8 de Novembro do ano corrente, exarada de fl. 29 v.º a fl. 30 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 94-F do 6.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria do Carmo Antunes dos Santos, foi constituída entre João Miguel Neves Nunes Henriques, solteiro, maior, e Dália Maria da Silva Martins, divorciada, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe e que se rege pelo pacto constante dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Metal Som, Sociedade Comercial de Material Discográfico, L.da, tem a sua sede em Lisboa, na Avenida de Gomes Pereira, 103 e 105, freguesia de Benfica, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O objecto da Sociedade é o comércio de material discográfico.

3.º

O capital social é de 1 000 000$, integralmente realizado, em dinheiro, correspondendo à soma de 2 quotas: uma no valor de 900 000$, pertencente ao sócio João Miguel Neves Nunes Henriques, e outra no valor de 100 000$, pertencente à sócia Dália Maria da Silva Martins.

4.º

A gerência da Sociedade, dispensada de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será desempenhada por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sendo bastante e suficiente a intervenção de um gerente para obrigar a Sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente em actos e contratos.

§ 1.º É vedado aos gerentes o uso da denominação social em actos e documentos estranhos à Sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida.

§ 2.º Os gerentes poderão delegar, em quem entenderem, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato.

5.º

A cessão de quotas e a sua divisão são permitidas entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento expresso dos outros sócios, aos quais é reservado o direito de preferência.

6.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme ao original.

6.º Cartório Notarial de Lisboa, 11 de Novembro de 1985

A Escriturária Superior,
Silvina Mora Coelho

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

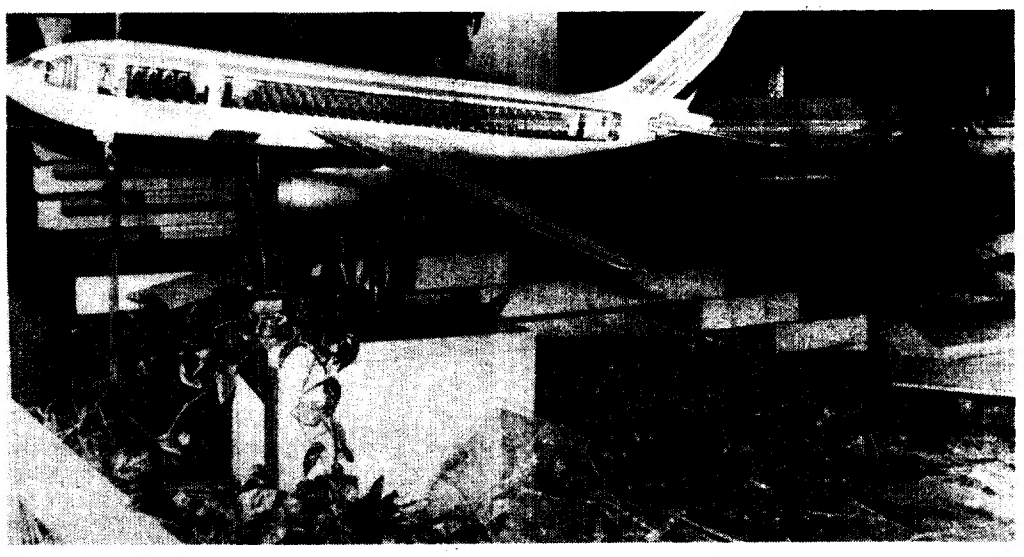
O DOUTOR CARLOS MARCOS RODRIGUES, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES, 3.º JUÍZO 1.ª SECÇÃO.

FAZ SABER que pelo Juízo de Direito desta Comarca, correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do executado ANTÓNIO MOUTEIRA DA ROCHA BACELAR, residente na Calç. dos Mestres, Rua 10, n.º 41 em Lisboa, para no prazo de dez dias posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Miguel António Macedo Neves, Maximino Gonçalves Pereira e mulher Laura de Jesus Pacheco, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se lavrou o presente que vai ser devidamente publicado.

Loures, 28 de Fevereiro de 1986
O Juiz de Direito
Carlos Marcos Rodrigues
O Escrivão Adjunto
Fernando Simões

D.L. — 10/4/86 — 2.ª Pub.

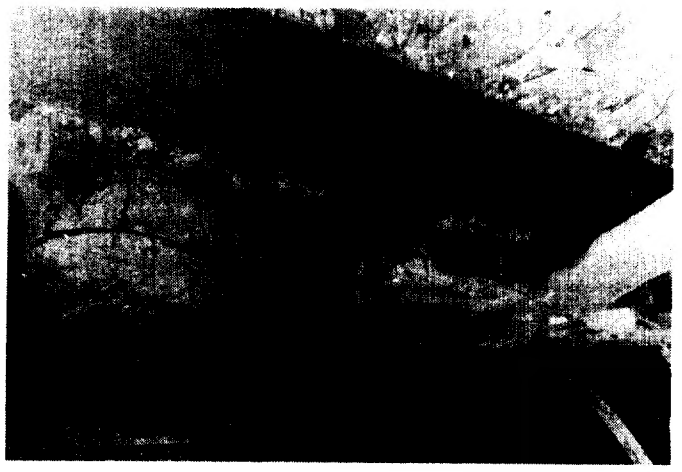


Foi uma capa de plástico especialmente colocada em reforço do vidro que evitou danos maiores no interior da Air France

Bomba ds 5 e 34, na Avenida da Liberdade

'Acção Directa' contra Air France por causa dos norte-americanos

Os escritórios da Air France, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, foram esta madrugada, às 6 e 34, destruídos por uma bomba de grande potência, provavelmente, colocada num caixote do lixo, na rua, junto a uma montra. A violência da explosão rebentou com todos os vidros do edifício onde se encontram as instalações da Air France e duma grande parte dos prédios num círculo de 50 metros. No entanto, e curiosamente, os funcionários que esta manhã se apresentaram ao trabalho constataram que os terminais de telex e de telefone se encontravam operacionais, motivo por que aquela companhia aérea continuava esta manhã a operar. O atentado foi reivindicado esta manhã para a Anop, no Porto, em nome do grupo francês «Acção Directa», com novas ameaças contra instalações francesas, naquela cidade.



Um buraco no local onde explodiu a bomba

«Foi um milagre não ter havido feridos», comentou um agente da PSP a propósito da violência da explosão, que se fez ouvir em toda a cidade e memso na Outra Banda. De tal forma que um guarda-nocturno de serviço na Praça da Alegria assustou-se e atirou-se para o chão, segundo o mesmo agente da PSP.

O porteiro do prédio onde a Air France se encontra instalada, que à hora da explosão já se encontrava em serviço no interior do edifício, disse ao «DL» que não viu ninguém quando entrou e que está convencido de que a bomba já se encontraria naquela altura dentro do caixote do lixo da companhia de aviação.

Aliás, seria o porteiro, Francisco Pacheco Monteiro, de 63 anos, a sofrer mais directamente as consequências do atentado: quando do rebentamento foi envolvido por gases e fumos que penetraram pelas escadas e quase o levaram a desmaiar. Acabaria por ser trazido para a rua pelos guardas da PSP que rapidamente chegaram ao local onde ele se encontrava.

Próximo do local encontrava-se um agente da PSP em serviço que terá visto passar por duas vezes um automóvel, primeiro com duas pessoas no interior, depois, em sentido inverso, já com três, e apenas alguns minutos antes da explosão.

No edifício onde se encontra instalada a Air France têm igualmente escritórios a companhia de seguros Tranquilidade, a Anglo-American Corporation e a Embaixada da Austrália que também sofreram prejuízos materiais.

Reivindicação

Um alegado membro da organização terrorista francesa «Acção Directa» reivindicou hoje para os escritórios da agência Anop, no Porto, a autoria do atentado contra as instalações da «Air France», em Lisboa.

O homem, com forte sotaque castelhano, disse que o comando que executou o ataque contra os escritórios da «Air France» já se «encontra na cidade do Porto, onde tenciona proceder a acções idênticas contra os interesses franceses».

«Escusam de nos procurar mais em Lisboa, já estamos no Porto», indicou o alegado elemento da «Acção Directa».

Para ele, os alvos «preferenciais» da organização na cidade do Porto são o Consulado e o Instituto Francês, que, aiantou, «em breve irão pelos ares».

Acrescentou que os ataques contra alvos franceses se devem «à colaboração do Governo de Paris com os norte-americanos» e ainda à «total solidariedade da Acção Directa com a Líbia».

A Polícia de Segurança Pública do Porto accionou já a sua Brigada de Minas e Armadilhas para proceder a buscas no consulado e Instituto Francês na cidade do Porto — disse o oficial de dia da corporação.

«Recebemos aqui também uma chamada telefónica anónima com ameaças contra os interesses e bens franceses na cidade», adiantou a mesma fonte.

Seguir-se-á procedimento «normal» nestas circunstâncias, com uma primeira revista das instalações a que se seguirá, «caso necessário», a evacuação das instalações e uma procura mais rigorosa.

As acções de vigilância, que já incidiram sobre alguns locais da cidade, nomeadamente instalações diplomáticas e outros dos Estados Unidos, vão ser agora, alargadas aos bens e consulado francês, disse o oficial de dia da PSP.

Mais forte

A bomba que hoje explodiu na companhia Air France, em Lisboa, era mais potente que a que explodiu no mesmo local em 15 de Agosto de 1982.

Segundo uma funcionária da empresa, «os estragos são elevados mas poderiam ter sido muito piores se não fosse a existência de uma película plástica apensa às vidraças da frontaria do edifício».

«Os vidros são grossos e a película foi especialmente colocada para prevenir este tipo de explosões» — acrescentou a mesma fonte.

A explosão provocou estragos avaliados em alguns milhares de contos, tanto nas instalações da Air France como nas vidraças dos edifícios contíguos, onde estão instalados a Trans World Airlines (TWA), a Força Aérea Portuguesa e a Companhia de Seguros Tranquilidade.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)
CONCURSO PÚBLICO N.º 3-7-125/86

VENDA DE PELÍCULAS RADIOGRÁFICAS JÁ IMPRESSIONADAS, dentro dos respectivos invólucros, E DE ROLOS DE FILMES RADIOGRÁFICOS

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 29 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 2 de Abril de 1986

O Chefe do Serviço
Ilídio Luís de Sousa

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 212/83, em que é Autor Manuel Bernardino e Ré, MICROPAL – REPRESENTAÇÕES E EMPREENDIMENTOS ELECTROMECÂNICOS, LD.ª, ausente em parte incerta e que teve a última sede conhecida na Rua Jorge Colaço, n.º 23-A – 1700 Lisboa, nos quais se encontra designado o dia 16 de Maio de 1986 pelas 9.30 horas, para a realização de Julgamento Singular, que seguirá os termos à sua revelia se não se fizer representar em Tribunal.

Lisboa, 3 de Abril de 1986.

O Juíz de Direito,
(Dr. António Sérgio Abrantes Mendes)
O Escrivão Adjunto,
(Luís Manuel Faria Antunes)

«DL» — 10/4/86 — 1.ª Pub.

MONTADORES

OFFSET

- **Entrada imediata**
- **Prática montagem papel**
- **Indicar «curriculum vitae»**

Resposta urgente a este jornal ao n.º *10401*

Julgamento do caso FUP/FP-25 continuou em Monsanto

Réus levantam suspeições sobre actuação da PJ

•Angelo Benevides, "arrepentido", começa a ser ouvido esta tarde

Os dois réus ontem ouvidos no Tribunal de Monsanto negaram com veemência qualquer envolvimento no Projecto Global de Otelo e nas FP-25, lançando ao mesmo tempo fortes acusações sobre a actuação da Polícia na instrução do processo que os levou à prisão. O próprio juiz-presidente Adelino Salvado, admitiu que algumas das informações da PJ integradas nos autos do chamado caso «FUP-FP-25» são «criticáveis».

Fernando Joaquim Alves de Magalhães, o primeiro dos dois réus ouvidos ontem na 97.ª sessão, acusou mesmo a PJ de «má-fé» e «negligência».

Este réu que negou insistentemente qualquer ligação à FUP ou às FP-25, citou uma informação da Pj de Lisboa onde se afirma que a pistola apreendida em sua casa não estava licenciada, enquanto o auto de busca refere a apreensão do respectivo livrete.

Segundo Fernando Magalhães, cujo nome e presumíveis actividades no âmbito das FP-25 foram indicadas à PJ por um seu ex-sócio, numa pequena empresa de curtumes da Póvoa de Varzim, a sua patroa foi ouvida durante a instrução do processo mas as suas declarações não constam dos autos.

«Ou é negligência ou má-fé da Polícia» — afirmou.

Quanto àquele seu ex-sócio, que figura no processo como testemunha, Fernando Magalhães deu a entender que as suas declarações foram forjadas pela Polícia, pois, segundo afirmou, a referida testemunha terá dito a um advogado que a Polícia lhe pôs as suas declarações na frente e teve que as assinar.

Além disso, Fernando Magalhães relacionou também a atitude do seu ex-sócio com o facto de cerca de um mês antes de ser preso ter apresentado uma queixa judicial contra ele por alegado roubo de peles.

«Já lá vão dois anos e a Polícia ainda não deu saída ao processo» — acrescentou.

Interrogado acerca da sua actividade política, Fernando Magalhães disse ter sido militante de base do ex-PRP e colaborado em 1980 na campanha eleiotoral de Otelo. Nesse mesmo ano integrou a lista de candidatos da FUP por Vila Real «a pedido de um companheiro» e sem ler sequer o respectivo programa. Após a dissolução do PRP — disse ainda — nunca mais militou em qualquer organização política.

«Não tenho nada a ver com a FUP, nem com Projectos Globais nem com as FP-25» — asseverou.

Confrontado com um manuscrito seu onde aparecem expressões «comprometedoras», designadamente a frase «uma casa de recuo», o réu disse apenas que aquele documento datava do tempo do PRP.

Fernando Magalhães, respondendo a Adelino Salvado, disse também ter estado preso durante 13 meses de 78 a 79, à ordem do Tribunal Militar de Lisboa, no âmbito do «Processo dos Comandos», tendo sido absolvido (este julgamento foi entretanto anulado pelo Supremo Tribunal Militar, depois de recurso interposto por ordem do governador militar de Lisboa, general Ricardo Durão, devendo recomeçar em breve).

Ajudas da PJ

Fernando Rosa de Almeida, antigo operário da Setenave e dirigente do ex-PRP, foi o outro réu que depôs na sessão de ontem, tendo declarado só ter ouvido falar do Projecto Global através da leitura do processo das FP-25.

Indicado à PJ por dois «arrependidos», entre os quais José Manuel Barradas, abatido a tiro já depois do início do julgamento, Fernando Rosa de Almeida afirmou ter-se «desligado completamente» da actividade política «em finais de 78, princípios de 79».

Por outro lado, este réu desmentiu qualquer ligação às FP-25 e disse não ter, também, pertencido à OUT, negando igualmente que em 78 tivesse enterrado quaisquer armas numa mata da Costa de Caparica como haviam declarado o Barradas e Alexandre Figueira.

«Nunca enterrei nem entreguei armas a ninguém» — disse Rosa de Almeida, acrescentando ainda nunca ter convidado aqueles dois indivíduos a aderirem ao PRP.

Segundo contou, tinha relações de amizade bastante intensas com o Barradas, seu ex-colega na Setenave em 76, e como o qual explorou, cerca de dois anos depois, um restaurante da Costa de Caparica.

«Nunca houve nada que o levasse a fazer isto» — disse Fernando Rosa de Almeida quando o juiz-presidente o interrogou acerca do que teria levado o Barradas a fazer as declarações que sobre ele fez.

«Não foi só o Barradas a arranjar esta coisa: teve uma ajuda da polícia» — acrescentou o réu.

O julgamento prossegue esta tarde com o interrogatório de Ângelo Benevides, o segundo réu «arrependido» a comparecer na barra do Tribunal.

Benevides, 23 anos de idade, encontra-se, como acontece com os outros «arrependidos», em liberdade provisória sob protecção da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB), da Polícia Judiciária.

"Explosão" num prédio combatida pelos Lisbonenses

Os Bombeiros Voluntários Lisbonenses, que estão a comemorar as suas bodas de diamante, irão fazer um exercício no próximo sábado, no 2.º andar do prédio n.º 63 da Avenida Visconde Valmor, simulando estar o mesmo ocupado por um armazém clandestino de produtos cosméticos onde se teria registado uma explosão. No combate ao simulacro de incêndio participarão cerca de 80 homens e 14 viaturas. «O exercício que decorre acerca de quatro quilómetros do nosso quartel, e em dia de pouco movimento, demorará três minutos entre a saída da primeira viatura e o reforço», disse o chefe Bento daquele corporação.

Objectos recuperados na Secção de Justiça da PSP

Uma lista de objectos recuperados a assaltantes foi ontem divulgada pela Secção de Justiça da PSP (Rua Capelo, 13, em Lisboa), onde podem ser reavidos por quem provar ser o seu legítimo proprietário. A saber: um relógio «Omega», um anel em ouro amarelo, um voltímetro, uma bobina para viatura, várias peças de material eléctrico, um rádio-leitor de cassetes, válvulas interruptoras para máquina de lavar louça e um macaco hidraúlico.

Detido com cheques roubados

Um indivíduo, de nacionalidade portuguesa e cuja identidade não foi revelada, foi detido em Elvas pela Guarda Fiscal, acusado de ter em seu poder «travellers» cheques roubados, respeitantes a bancos da Suíça, França, RFA e Estados Unidos da América. Foram-lhe igualmente apreendidos francos suíços, dólares americanos, pesetas, libras inglesas e escudos, no valor total de 800 contos.

Mas vai aguardar julgamento em liberdade

"Impedido" de Leite Rodrigues confessou envolvimento no rapto

O soldado da GNR que era «impedido» do capitão Leite Rodrigues, detido sob a acusação de ter raptado e sequestrado, em Novembro último, a mulher do industrial e arquitecto portuense António Vinagre, foi ouvido durante várias horas, tendo confessado o seu envolvimento na acção, em que eram exigidos 10 mil contos pela libertação de Helena Vinagre, de 60 anos.

O interrogatório do soldado, que curiosamente também se chama Leite Rodrigues, embora não tenha qualquer grau de parentesco com o capitão, foi conduzido pelo subinspector Fausto Saraiva, que o remeteu para o Tribunal de Instrução Criminal, onde, de forma considerada inesperada, lhe foi concedida liberdade provisória até ao julgamento. Círculos próximos da investigação admitiram a hipótese de se estar perante um caso de «arrependimento», ou seja de confissão, seguida de denúncia de factos relacionados com a presumível liderança no rapto e sequestro por parte do capitão Leite Rodrigues, um oficial que estava colocado no Quartel da GNR do Carmo e que fora campeão nacional de hipismo.

Registe-se que o capitão Leite Rodrigues permaneceu dois dias nos calabouços da Polícia Judiciária do Porto, acabando por regressar à Casa de Reclusão Militar daquela cidade, na sequência do protesto lavrado pelos seus advogados.

Está a ser julgado em França

Suspeito de ter tentado matar a mulher e o filho

O português António de Sousa Baltarejo começou ontem a ser julgado por um tribunal de Leon, em França, sob a acusação de haver tentado assassinar a mulher e um filho. O Ministério Público pediu 24 anos de prisão para António de Sousa, de 53 anos, mineiro reformado.

O delito de que é acusado ocorreu em 17 de Junho de 1984 na localidade de leonesa de Onamio, concelho de Molinaseca, província de Leon, onde o réu terá apunhalado os dois membros da sua família. Da acção resultaram ferimentos graves em Zaida Augusta de Carvalho, de 50 anos, e em José Augusto de Sousa, de 25 anos.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Recado para a Violeta

Nunca serás
mansa e lilaz
entrevistada
para a TV
não vales nada
não tens de quê
ajuizada
que nem você...

(Tás a topar
ó inocência
a consequência
de telolhar?)

Recado para o Halley

Vieste e não te vi.
É que nem dei por ti
estava a olhar para o chão.
Vida, que grande treta,
só a amassar o pão
e não ver o cometa!
Quando nas noites lindas
voltares a passar
dar-te-ei as boas-vindas
com o amor que te quero
pois até lá espero
aprender a cantar.

Recado para Deus

Meu pequeno engenho
mais versos não faz
palavras não tenho
para além de Paz.

Os lobos são poucos
como o Reagan é
mas se eles são loucos
tás a ver ou quê?
Bombas e trapaças
toldam os caminhos
Deus, oh Deus, caraças,
tu não tens olhinhos?

Corre, a Paz socorre
avisadamente
pois se a gente morre
morrerás com a gente.

Recado para Francisco Miguel

Teus olhos são
dois parques infantis
aonde os deuses brincam.
Ofereço-te um café
e a vida pára a ouvir-te
menina pasmada
a ver passar os astros
das lendas e dos sonhos.

Recado para Ary dos Santos

Tuas palavras tinham
uma luz lá dentro
não era gás
nem querosene
e nem petróleo
nem electricidade:
era a luz das estrelas.
Se outros as caçam, morrem.
Como se tu unicamente
fosses
a primavera delas.

Recado para a Poesia

Pedi-te que viesses
não vieste, não.
Aloiravam as messes...
Perdeu-se todo o grão
ha haste
recolhida.
Ingrata! Ou tu deixaste
distraída
passar a estação?...

FESTRU e ANTRAM prosseguem negociações

Trinta camiões furaram bloqueio de Vilar Formoso

Enquanto no Ministério do Trabalho, a Federação Sindical e o patronato se reuniam pela primeira vez, na fronteira de Vilar Formoso, 30 camiões, dos quais apenas um de nacionalidade portuguesa, protegidos por soldados da GNR, furavam o bloqueio imposto pelos grevistas dos TIR. Este episódio não inviabilizou o reatamento das negociações entre a FESTRU e a ANTRAM marcados para o princípio da tarde de hoje.

«Foram dados alguns passos significativos e a negociação vai prosseguir às 14 e 30», declarou esta manhã ao «DL» uma fonte sindical que, no entanto, se escusou a comentar os domínios em que os negociadores terão já chegado a acordo. Da parte da ANTRAM, apenas a confirmação de que a reunião iniciada às 10 horas da manhã de ontem se prolongou até às 5 horas de hoje, e que as duas partes acordaram em nova reunião no Ministério do Trabalho com início ao princípio da tarde.

O informador da FESTRU considerou que «se mantiver o clima de negociações, a greve poderá vir a ser desbloqueada», sublinhando que continuam a existir perto de mil camiões paralizados em Vilar Formoso, 600 dos quais do lado espanhol.

Esta afirmação não nos foi, contudo, confirmada pela Guarda Fiscal e serviços de alfândega daquele posto fronteiriço. O responsável da Guarda Fiscal sublinhou que, do lado português, junto à fronteira apenas estavam, ao princípio desta manhã, cerca de 25 camiões parados, embora se saiba que a BT da GNR criou parques de estacionamento para os TIR em greve, de forma a descongestionar o tráfego, tendo as autoridades espanholas feito o mesmo, encaminhando as colunas de camiões para as zonas de Salamanca e Ciudad Real.

«Não passam porque não querem»

Uma fonte da Alfândega, por seu lado, declarou ao «DL» que esta manhã nenhum camião tinha cruzado a fronteira. «Não passam porque não querem», afirmou o mesmo informador sublinhando que permanecem no local forças da Guarda Nacional Republicana.

Ontem pelas 19 horas, uma coluna de veículos, estrangeiros à frente dos quais seguia um camião português matriculado em Valença, furou o bloqueio.

Na zona onde se concentram os veículos paralizados, a coluna teve que passar por cima das divisórias da faixa de rodagem até poderem entrar na faixa de rodagem espanhola.

Este movimento foi acompanhado por cerca de 50 soldados da Guarda Nacional Republicana, armados com metralhadores G-3, bastões e cães polícias situados junto á raia entre Portugal e Espanha, e por uma viatura da GNR que acompanhou a coluna até ao posto da Guarda Fiscal que faz o controle aduaneiro.

A vistoria e controle dos documentos dos camiões e mercadorias do outro lado da fronteira estão a ser feitas através de um elemento da Guarda Fiscal de Vilar Formoso que, após a entrada dos camiões em território espanhol, vai buscar os documentos trazendo-os depois para a alfândega portuguesa.

Devido à situação de tensão que se viveu então, um agente da polícia espanhola confiscou um bloco de apontamentos de um jornalista da ANOP que efectuava uma reportagem sobre o bloqueio junto à fronteira espanhola. O incidente ocorreu quando o jornalista anotava elementos sobre o primeiro veículo pesado português que furou o bloqueio.

MUNICÍPIO DE VILA VIÇOSA
7160 VILA VIÇOSA

REGULAMENTO DO PRÉMIO FLORBELA ESPANCA

1 – A Assembleia Municipal de Vila Viçosa, em reunião ordinária de 6 de Outubro de 1981, instituiu, por unanimidade, o PRÉMIO FLORBELA ESPANCA;
2 – O PRÉMIO FLORBELA ESPANCA destina-se a galardoar obras literárias inéditas de expressão portuguesa, independentemente da nacionalidade do autor, no âmbito da poesia e da ficção;
3 – O PRÉMIO FLORBELA ESPANCA é bienal, sendo alternadamente, atribuído a obras de poesia e a obras de ficção;
4 – O valor do Prémio é, de 200 000$00 (duzentos mil escudos).
4.1 – A Câmara Municipal de Vila Viçosa editará a obra premiada em primeira edição, sem pagamento de direitos de autor, numa tiragem máxima de três mil exemplares;
5 – Todas as verbas resultantes da atribuição do PRÉMIO serão contabilizadas em conta especialmente constituída para o efeito e, uma vez deduzidas as despesas efectuadas, constituir-se-á provisão para futuros prémios, cujo montante poderá ser variável em função de deliberação camarária;
6 – O Júri para apreciação dos originais será constituído por: a) – Um elemento que será Presidente, a designar pela Assembleia Municipal;
b) – Quatro elementos designados pela Associação Portuguesa de Escritores;
7 – O Secretário será eleito de entre os restantes elementos que constituem o Júri;
8 – As decisões do Júri serão tomadas por unanimidade ou maioria, e delas não haverá recurso;
9 – O Júri pode decidir a não atribuição do prémio se entender que a falta de qualidade dos trabalhos concorrentes o justifica, mas em caso algum pode determinar a divisão do prémio por duas ou mais obras;
9.1 – O Júri pode, se assim o entender, em quaisquer circunstâncias, atribuir menções honrosas;
10 – Os trabalhos dos concorrentes devem ser dactilografados a dois espaços em papel formato A-4 e enviadas 5 cópias à Câmara Municipal de Vila Viçosa. 7160 VILA VIÇOSA e, trazer no invólucro a indicação «PRÉMIO FLORBELA ESPANCA»;
11 – Os trabalhos concorrentes devem ser assinados com pseudónimos e acompanhados de um sobrescrito fechado contendo a indentificação e residência do autor;
12 – O Júri abrirá apenas o sobrescrito que contém a identificação do autor premiado bem como das menções honrosas, caso existam;
13 – O prazo de entrega dos trabalhos concorrentes (que no corrente ano são de ficção), é até às 16Hoo do dia 29 de Agosto de 1986 na Secretaria da Câmara Municipal de Vila Viçosa;
14 – Terminado o concurso, a Câmara Municipal publicará o respectivo resultado através da imprensa diária e comunicá-lo-á ao premiado e autores distinguidos em carta registada com aviso de recepção;
15 – Os autores concorrentes, com excepção do premiado, poderão levantar as obras na Secretaria da Câmara Municipal 30 (trinta) dias após a data da publicação dos resultados do concurso.
16 – A entrega do prémio far-se-á durante a cerimónia de homenagem a Florbela Espanca a realizar no 92.° aniversário do seu nascimento e 56.° da sua morte — 8 de Dezembro de 1986.

O VEREADOR DA CULTURA,
(Ilegível)

FILAGRO

SALÃO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA

9/13 ABRIL/86

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

15/23 Horas

Quanto a escoamento e conservação

Pesca da sardinha vai ser regida por novas regras

Medidas de apoio à sardinha, tendo em vista a regularização da flutuação da produção e o seu melhor aproveitamente no mercado, vão ser implementadas pelo Governo. Existem condições mínimas para o seu escoamento e para a valorização do produto de pesca, razão por que o Estado vai actuar no sector.

O secretário de Estado das Pescas esclareceu ontem os empresários do sector sobre o alcance das medidas a accionar, manifestando o seu optimismo em relação ao futuro. Esclarecendo a política do Governo perante armadores e elementos representativos de associações de produtores de pesca algarvios, Jorge Godinho disse que o Executivo implementará medidas de apoio à pesca da sardinha.

Nesse sentido, o Estado vai ajudar as associações de produtores a estabelecer contratos directos com a indústria conserveira, permitindo o escoamento da produção pela via do consumo industrial.

Jorge Godinho anunciou ainda que aquelas organizações vão ser subsidiadas para que em períodos de excedente de sardinha a retirem do mercado para congelamento, tendo em vista suprir eventuais necessidades de importações ou de procura.

O secretário de Estado disse também ainda que vão ser introduzidas a partir da próxima semana, e a título experimental, contentores nos barcos de modo a permitir um melhor acondicionamento e conservação da sardinha a bordo.

A esta medida, que tem em vista a melhoria da sua qualidade, juntam-se também apoios para a construção de porões exotérmicos nas embarcações e comparticipações nos custos do gelo a utilizar nas embarcações.

A pesca da sardinha, de que fazem actividade a maior parte dos pescadores de Portimão, tem vindo a debater-se nos últimos anos com graves problemas devido à irregularidade do mercado de consumo.

Com efeito, se a sardinha abunda durante os meses de Verão, ela falta no Inverno. Por outro lado, se as capturas são boas, o seu preço não cobre os custos de produção, optando nestes casos os armadores por mandá-la para a farinação a preços pouco compensadores, devido à falta de uma rede de frio.

6 milhões de contos para renovar a frota

Projectos de investimento na frota pesqueira portuguesa no montante de seis milhões de contos serão apresentados até Maio que vem à CEE — prometeu ontem em Portimão o secretário de Estado das Pescas.

Jorge Godinho adiantou que esses projectos abrangem a construção de 60 novas embarcações para o continente e a reconversão de cerca de setenta e revelou que Portugal já apresentou à Comunidade Europeia um primeiro conjunto de projectos no valor de 1,8 milhões de contos para o sector da comercialização dos produtos de pesca, estando em preparação um segundo pacote que envolve cerca de quatro milhões.

Jorge Godinho realçou por outro lado, que na área da aquacultura Portugal tem em fase de apresentação projectos cujo valor ascende a 250 mil contos e nos quais o Algarve tem uma forte participação.

A investigação científica e a formação profissional são duas áreas que o secretário de Estado das Pescas disse englobar nas prioridades imediatas do seu departamento.

Nesse sentido afirmou que «é necessário fazer uma reorientação» da actividade do Instituto Nacional da Investigação das Pescas (INIP), de modo a que os seus resultados possam ser aplicados no imediato.

Neste contexto, anunciou que está a ser preparado para 1986 um plano integrado de actividades de investigação aplicada, a que estão a ser adaptados os navios de investigação «Noruega» e «Mestre Costeiro».

«Não vamos abandonar a investigação pura, o que vamos é colocar uma tónica mais determinante no prazo imediato, com vista à obtenção de resultados mais visíveis» , disse.

Acordo de pescas do Guadiana

Negociações poderão recomeçar este mês

As negociações de pesca entre Portugal e Espanha com vista ao acordo fronteiriço para a foz do Guadiana poderão recomeçar ainda este mês, provavelmente dentro de duas semanas — admitiu ontem o secretário de Estado do sector numa reunião em Portimão com autarcas e representantes das organizações de pesca.

É muito possível que até ao fim desta semana seja combinada com a Espanha uma data para o recomeço das conversações, sobre as quais Jorge Godinho revelou alguns optimismo. É plausível — segundo o seu raciocínio — existir um consenso, uma vez que — referiu o secretário de Estado das Pescas — nos encontros anteriores já foi possível acertar algumas matérias, nomeadamente no tocante a embarcações de cerco e pequenas embarcações que operam no estuário do rio que liga Vila Real de Santo António a Ayamonte.

De qualquer modo, ressalvou o secretário de Estado das Pescas, trata-se de uma matéria de âmbito muito local que terá de ser analisada prioritariamente pelos «seus legítimos representantes» da zona.

Jorge Godinho disse ainda — conforme o «Diário de Lisboa» noticiou no próprio dia — que o adiamento das conversações inicialmente marcadas para 3 do corrente se ficou a dever a um pedido espanhol, uma vez que coincidiam com o período festivo da Páscoa, no país vizinho.

Universidade do Porto

Atitude de professor gera contestação

Os estudantes da Universidade do Porto (UP) vão voltar às aulas, segunda-feira, trajados a rigor, como forma de protesto contra uma atitude incorrecta do professor Andrade Guimarães, disse à Anop o dirigente da Associação de Estudantes da Faculdade de Engenharia, Paulo Silva.

Paulo Silva acrescentou que as várias associações de estudantes do Porto apoiam integralmente as posições dos alunos e da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências, despoletando, deste modo, um movimento associativo de protesto na Universidade do Porto.

A actividade do professor Andrade Guimarães, docente da cadeira de Bloco Elementar II, do curso de Matemática Pura da Faculdade de Ciências, vem sendo contestada pelos alunos na sequência de uma situação gerada pela resposta dada por aquele docente a uma aluna deficiente motora.

Esta aluna, que discordou do resultado obtido no Exame de Bloco Elementar II, pediu àquele professor autorização para consulta do teste que fez, para averiguar os erros cometidos!

Em resposta àquele pedido, o citado docente limitou-se a escrever no quadro da sala do seu gabinete um curto texto onde se lia: «Não vale de nada corrigir as asneiras de agora, porque no próximo ponto faz outras. O que precisa é corrigir a cabeça».

A atitude do professor gerou controvérsia entre os alunos daquela Faculdade, que se solidarizaram com a aluna em causa e motivou um processo de constestação que se prolonga desde o dia 10 de Março.

Paulo Morais, dirigente da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências, disse, entretanto, que amanhã as associações de estudantes da UP darão conferência de Imprensa sobre «o caso professor Andrade Guimarães».

Na reunião de quarta-feira do conselho pedagógico daquela Faculdade, o professor Andrade Guimarães reconheceu o procedimento incorrecto, tendo apresentado desculpas à aluna a quem foi garantida a satisfação do pedido de consulta do exame.

Aquela aluna vai ser a partir de agora examinada por um terceiro elemento do júri em todos os exames em que intervenha.

Na mesma reunião o reitor da UP considerou o caso encerrado, anunciando a reposição das aulas a partir de segunda-feira, dia em que os estudantes iniciam as Jornadas Académicas.

CENTRO DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA ÁLVARO TORRÃO

(10/4/47 a 10/4/86)

Na passagem de mais um aniversário — o 39.° — da nossa fundação, saudamos todos os nossos Amigos e Alunos (mais de 50 000) e reafirmamos as nossas intenções de prosseguir na Acção Formativa, com Cursos cada vez mais evoluídos e ajustados às necessidades actuais do Mercado de Emprego.

Certificados pela depuradora de Olhão

Bivalves do Algarve à conquista da CEE

Poderão vir a ser passados certificados de garantia, dentro de dias, aceites por toda a Comunidade Económica Europeia dos moluscos bivalves tratados na depuradora de Olhão — disse em Olhão o secretário de Estado das Pescas.

Aqueles certificados destinam-se a fazer fé de que os bivalves entrados naquela estação foram depurados (tratamento que consiste na limpeza daqueles moluscos de todos os microrganismos), oferecendo garantias sanitárias quanto ao seu consumo.

Até há pouco tempo as amêijoas algarvias destinadas a exportação quase na sua totalidade eram enviadas para Espanha para serem depuradas e certificadas, dependendo assim em grande parte dos espanhóis a sua comercialização.

O secretário de Estado das Pescas trocou ontem impressões com a Câmara de Olhão, cujos responsáveis lhe solicitaram que a Reserva Nacional da Ria Formosa fosse considerada de interesse nacional.

«Não é só gastar dinheiro em estudos ecológicos, esquecendo-se os problemas da poluição», disse à NP o presidente daquelea autarquia, referindo-se ao problema dos esgotos que desaguam para aquela reserva.

Jorge Godinho frisou que a política do Governo vai no sentido de encarar aquela reserva de «interesse nacional», salientando que neste sentido a sua Secretaria de Estado tem desenvolvido um trabalho de muito vulto articulado com a Comissão de Coordenação da Região e com a Secretaria de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais.

O governador civil de Faro, Cabrita Neto, disse ainda sobre este assunto que a intenção de diversos departamentos governamentais transcende o âmbito de uma reserva, sendo intenção transformar toda a área da ria Formosa num parque natural.

Seminário sobre Uso Racional já acabou

Universo do medicamento escapa à própria formação dos médicos

A formação do médico nos seus anos de pré e pós-graduação não contempla a abordagem do universo do medicamento, pelo que o «médico emerge na vida profissional como um aprendiz de prescritor», disse Mário César Dinis na última sessão do Seminário sobre o Uso Racional de Medicamentos que durante três dias decorreu em Lisboa.

O médico está sujeito — afirmou aquele participante — a pressões de consumo muitas vezes pouco legítimas, pois tem a possibilidade de prescrever produtos idênticos com nomes comerciais diferentes.

A comunicação do médico Mário César Dinis assinala ainda que a promoção do medicamento pelas empresas farmacêuticas é uma das influências mais importantes. O autor do trabalho considera ainda o ambulatório o local propício à proliferação da permanente promoção de medicamentos «novos» ou de indicações «novas» para medicamentos mais antigos.

O leque das fórmulas de interesse duvidoso ou nulo, também elas prescritíveis, acresce à massa dos medicamentos que estão à disposição dos médicos no ambulatório do nosso Sistema Nacional de Saúde, declarou. O mesmo médico considerou «fomentada» a ignorância dos custos reais da medicação, «mesmo quando escamoteada pela referência aos montantes das comparticipações».

«A quantidade importante de medicamentos e outros preparados de venda livre e não só vem complicar o panorama confuso, não poucas vezes incómodo e mesmo não destituído de perigo», disse o autor da comunicação.

O médico situa-se segundo outro participante, Mário da Cruz Dinis, «em posição ideal para racionalizar o uso dos medicamentos». Para isso, deve ter uma formação permanente em matéria de farmacologia clínica «através de agentes de formação isentos, não comprometidos com qualquer outro campo do universo do medicamento».

Mário Dinis vincou ainda que «a adequação, muitas vezes pouco nítida, dos conteúdos das apresentações às necessidades terapêuticas de cada caso, conduz a desperdícios não negligenciáveis em termos de medicação prescrita, adquirida e efectivamente não utilizada».

O papel e responsabilidade das instituições na utilização racional do medicamento foi o tema de uma mesa-redonda, esta manhã.

Comunicação Social

Jornalista PRD coordena Subcomissão Parlamentar

O jornalista e deputado Alexandre Manuel (PRD) foi eleito coordenador da Subcomissão Parlamentar de Comunicação Social.

Nesta subcomissão, que funciona junto da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, de Direitos, Liberdades e Garantias, estão representados o PSD, PRD, PCP e MDP.

"Aqui Lagos, rádio local Costa d'Oiro"...

Uma nova rádio local, designada «Costa d'Oiro», vai emitir a partir do dia 15 em Lagos.

A «Costa d'Oiro», que poderá ser sintonizada em FM na banda dos 108 MZ, possui instalações na Praia de Porto de Mós.

O projecto existe há cerca de dois anos e foi agora concretizado «por estarem reunidas as condições necessárias para cumprir a sua função de rádio local» — disse à NP um responsável.

Adiantou que o objectivo é «ocupar um espaço verdadeiramente participativo sobre os problemas do concelho, privilegiando as pessoas e as instituições».

"Voz de Portugal" — cinquentenário comemorado

O semanário «Voz de Portugal» inicia no dia 19 do corrente uma série de manifestações para comemorar o 50.º aniversário do jornal.

O jornal foi fundado no dia 19 de Abril de 1936 por Crisóstomo Cruz e Joaquim Campos, sendo hoje o decano da Imprensa luso-brasileira.

As comemorações do 50.º aniversário do «Voz de Portugal» continuarão até 1987 e incluem diversas cerimónias, como, por exemplo, as religiosas.

II Congresso dos Jornalistas Portugueses

O Conselho do Governo Regional da Madeira atribuiu um subsídio de 150 contos à organização do II Congresso dos Jornalistas Portugueses.

A resolução do Governo madeirense anuncia ainda a responsabilidade pelo suporte dos custos das passagens dos profissionais madeirenses que participarão naquele Congresso que deverá decorrer em Lisboa em Novembro.

Rádio Lajes (voz da FAP) opera há 9 anos

A Rádio Lajes, voz da Força Aérea Portuguesa na ilha açoriana da Terceira, acaba de completar 39 anos de existência.

Com audição em toda a ilha Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Flores, Santa Maria e Nordeste de S. Miguel, trabalham na Rádio Lajes doze elementos voluntários e amadores.

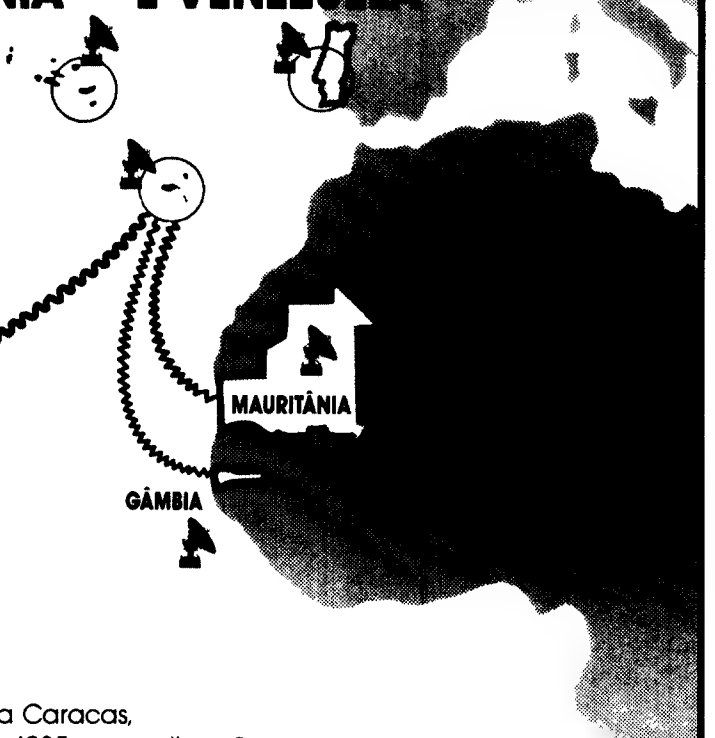
Em 1980, depois do sismo de Janeiro, a Rádio Lajes fez emissões quase ininterrumptamente durante quinze dias, em apoio às populações sinistradas e aos restantes órgãos de comunicação social.

Criada em 1947, por despacho do ministro das Comunicações, com o nome de «Erba 4», a Rádio Lajes opera desde 1956 com o indicativo «CSB 82 — A Voz da Força Aérea no Atlântico», nome que manteve até hoje.

VIA MARCONI

Automatização telefónica intercontinental

MADEIRA liga directamente à GÂMBIA,★ MAURITÂNIA★★ E VENEZUELA★★★



★ GÂMBIA
Indicativo intercontinental 097
Indicativo do país 220
Seguido do n.º do telefone pretendido

★★ MAURITÂNIA
Indicativo intercontinental 097
Indicativo do país 222
Seguido do n.º do telefone pretendido

★★★ VENEZUELA
Além da ligação a Caracas, inaugurada já em 1985, agora ligação directa a mais 16 cidades, como segue:
Indicativo intercontinental 097
Indicativo do país 58
Indicativos de zona:

BARCELONA	81	BARQUISIMETO	51	CARACAS	2	CIUDAD BOLIVAR	85
LA GUAIRA	31	LA VICTORIA	44	LOS TEQUES	32	MARACAIBO	61
MARACAY	43	MAIORIM	91	MERIDA	74	PUERTO CABELLO	42
PUERTO LA CRUZ	81	PUERTO ORDAZ	86	PUNTO FIJO	69	TINAQUILLO	58
VALENCIA	41						

Seguido do n.º do telefone pretendido
COM ESTAS NOVAS LIGAÇÕES SE COMPLETA A AUTOMATIZAÇÃO INTERCONTINENTAL DE TODO O MUNDO

CPRM telecomunicações internacionais
COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI S.A.R.L.

team

NO TEMPO E NO ESPAÇO DAS TELECOMUNICAÇÕES

5º Salão
de Velharias
da
Costa do Estoril
Pavilhão
dos
Congressos do Estoril
4 a 13 Abril
Semana • 18-23h
Sáb. e Dom.•15-23h
design a ventura
Organização:
Junta de Turismo da Costa do Estoril

Visto por dois elementos da secção feminina do ANC

O inferno de ser mulher e negra no país do "apartheid"

Vieram a Portugal para falar sobre a situação da mulher na África do Sul. De Lisboa partiram hoje para a Grã-Bretanha, onde irão continuar a sua missão de informação sobre o que se passa no país do «apartheid». Ilda Bernstein, branca, é membro fundador da secção feminina do ANC (Congresso Nacional Africano que tem como líder máximo Nelson Mandela detido há já 21 anos). Susana Mnunzana, negra, é a responsável pelo departamento internacional daquela secção do ANC. Ambas foram forçadas a abandonar o seu país em 1974 e em 1976, respectivamente. Ilda vive agora na Grã-Bretanha e Susana na Zâmbia. Nenhuma delas pode regressar a casa até que...

Até que a situação na África do Sul se altere profundamente e a revolução aconteça, disseram-nos na sede do Movimento Democrático das Mulheres, em Lisboa. Ambas acreditam que o regime do «apartheid» está agonizante. Mas para acelerar o desfecho é necessário, no seu entender, uma grande pressão internacional. Por isso apoiam o apelo feito recentemente pelo Prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, no sentido de serem aplicadas sanções contra a África do Sul.

«Tutu, dizem, teve uma posição muito corajosa, uma vez que no nosso país é expressamente proibida a defesa de sanções. Ele, no entanto, defendeu-as porque pensa que são indispensáveis. Também o ANC defende há muito a aplicação de sanções contra a África do Sul. Lutamos pelo completo isolamento do 'apartheid' tanto a nível económico, como militar e social. Pensamos, contudo, que as sanções económicas são as mais importantes porque são as únicas que verdadeiramente podem ser aplicadas pelo Ocidente e ajudar assim a modificar a situação no nosso país.»

Mas se no país do «apartheid» as coisas estão a mudar, a verdade é que a discriminação racial e a repressão continuam na ordem do dia. Segundo as duas nacionalistas sul-africanas, a mulher é a maior vítima do sistema em vigor naquele país africano: «As mulheres ocupam a posição mais baixa na escala social. São elas as mais reprimidas e exploradas».

E entre elas, dizem, são as mulheres negras que mais sofrem. «Na pirâmide social o homem branco está no topo e a mulher negra na base», acrescentam. Para além de sofrerem as discriminações decorrentes do «apartheid», as mulheres negras têm ainda sobre elas o fardo do seu sexo, num país onde perante a lei são sempre consideradas menores: o seu estatuto é definido em função do pai, marido ou filho; apenas podem habitar nas áreas urbanas se tiverem um elemento do sexo masculino que se responsabilize por elas e perante a lei só existem em função de um tutor, papel que pode mesmo ser exercido por um neto.

Mandela

No entanto, afirmam as nossas interlocutoras, as mulheres negras são extremamente corajosas e têm desempenhado um papel importantíssimo na luta contra o «apartheid». «A mulher negra na África do Sul vive em simultâneo dois estatutos: o de militante forte e corajosa e o de mulher sofredora e reprimida». Um exemplo desta simultaneidade: Winnie Mandela, a esposa do nacionalista sul-africano, Nelson Mandela, que «individualmente tipifica o que sucede à larga maioria» das suas conterrâneas.

Aproveitando a referência ao nome de Nelson Mandela para perguntar às nossas interlocutoras o que sabem sobre as notícias recentemente divulgadas segundo as quais a libertação do nacionalista estaria a ser negociada pelo governo da África do Sul. «Pensamos que essas notícias estão cheias de informações sem qualquer sentido», afirmam peremptoriamente.

«Podem-se trocar espiões por espiões ou prisioneiros de guerra por outros detidos com o mesmo estatuto. Mas o que não pode nunca suceder é a troca, no seu país, de um preso político por um sargento detido em Angola ou por um dissidente russo. É um completo disparate.»

Antes da sua chegada a Portugal, Ilda e Susana passaram por França e a última esteve ainda na Bélgica e no Luxemburgo. Outras mulheres do ANC encontram-se agora nos países escandinavos, Itália, RFA e Holanda. A digressão foi organizada pela Federação Internacional das Mulheres Democráticas e com ela as nacionalistas sul-africanas pretendem alertar a opinião pública internacional para a situação que se vive no seu país e obter apoios para a luta que o seu povo trava. Em Portugal, para além de uma sessão pública, mantiveram contactos com empresas e com a Comissão Parlamentar da Condição Feminina, numa visita que as nossas interlocutoras classificam de «frutuosa e estimulante».

ano internacional da paz
comissão portuguesa
paz·desarmamento
ASSEMBLEIA DO ANO
INTERNACIONAL DA PAZ
Lisboa, 12 de Abril de 1986
HOTEL SHERATON — LISBOA
10.00 sessão de abertura
11.30 trabalho em comissões
17.30 sessão de encerramento
contactos para sede do AIP
Rua da Barroca, 107-1.º — 1200 LISBOA — Telefone 373249
entrada livre

Aumenta a ten

"Não f perant — afirma

O presidente norte-amer a noite passada que nao quieto» perante as amea Khadafy, que descreveu Médio Oriente».
Numa conferência de Im televisão, Reagan afirm Unidos ainda procuram envolvimento de Khadaf avião da TWA e uma di

A advertência de Reagan surgiu no mesmo dia em que o Pentágono anunciou que preparava uma esquadra de dois porta-aviões no Mediterrâneo, enquanto Khadafy revelava ter concluído os seus planos militares em caso de conflito com os Estados Unidos.

Na conferência de Imprensa, Reagan abordou outros temas de política externa, manifestando-se pessimista quanto à anunciada cimeira com o seu homólogo soviético Mikhail Gorbachev e apelando ao Congresso para votar apoio militar aos «contras» da Nicarágua.

Apesar de afirmar que os Estados Unidos estão a reunir provas do envolvimento de Khadafy nos últimos atentados «tão depressa quanto podemos», Reagan manifestou-se renitente em tecer comentários sobre uma eventual retaliação militar contra a Líbia.

«Ainda não estamos preparados para falar disso. Qualquer medida que possamos tomar depende do que venhamos a saber, e não posso dizer mais nada» — disse o presidente norte-

Assembleia fr

A Assembleia Nacional Francesa deu esta madrugada um voto de confiança por 292-285 votos ao programa de governo de Jacques Chirac, um documento de 63 páginas.

O voto de confiança foi dado depois do antigo presidente Valéry Giscard D'Estaing pedir à oposição que pusesse de parte as divergências e apoiasse Chirac. O antigo primeiro-ministro Raymond Barre também declarou que votaria a favor de Chirac.

No debate, surgiram novas divergências entre Chirac e o presidente francês, François Mitterrand, que anunciara ao meio-dia de ontem que o plano de privatização de Chirac excluiria as empresas nacionalizadas antes de 1981.

Chirac, à margem do texto, preparado para a sua intervenção na Assembleia, insistiu em que as empresas nacionalizadas

tensão entre a Líbia e os EUA

ficaremos quietos nte as ameaças de Khadafy"

na Reagan

-americano, Ronald Reagan, disse e não vai «ficar aqui sentado e ameaças do líder líbio Muammar reveu como o «cão raivoso do

de Imprensa transmitida pela afirmou contudo que os Estados uram obter provas concretas do hadafy nos atentados contra um ma discoteca em Berlim.

agan -americano.
ue o «Nesta questão é como falar epa- de planos militares. Se pudermos dois identificar especificamente heo, alguém como responsável por ter esses actos, responderemos lita- nessa altura. É isso mesmo que n os procuramos saber: quem é responsável pelos atentados» — nsa, acrescentou.
s de tan- à Contudo, Reagan afirmou seu possuir «provas consideráveis hail sobre um período de tempo bastante extenso de que Khadafy on- tem sido muito activo na sua tar participação e no seu apoio a actos terroristas».

Es- O presidente norte-americano ro- foi também mais afirmativo ha- quanto às declarações de Kadtão hafy sobre planos militares s», contra os Estados Unidos e nte ameaças de novos atentados. ma «Vamos defender-nos e reagion- iremos certamente perante certas ameaças terroristas» — disse.

ra- Após ter descrito o líder líbio uer como um «cão raivoso», Rede- gan foi inquirido sobre o adjecer, tivo outrora escolhido pelo seu — antecessor Jimmy Carter, que te- tratou Khadafy de «doninha fedorenta».

«Cada um pode chamar-lhe o que quiser. Por mim, acho que ele é um bocado pior do que apenas malcheiroso» — declarou Reagan.

Reagan manifestou-se pessimista sobre a aguardada cimeira com Gorbachev nos Estados Unidos, afirmando ser «quase certo agora que não terá lugar em Junho», apesar de «ser ainda possível em Julho».

Numa declaração preparada, Reagan apelou ao Congresso para aprovar o seu pedido de cem milhões de dólares de ajuda para os guerrilheiros «contra» da Nicarágua, afirmando que isso contribuiria para estabelecer a paz na América Central.

Para o presidente, os recentes acontecimentos «demonstraram que os comunistas nicaraguanos nunca estabelecerão a paz com os seus vizinhos ou o seu próprio povo sem que aumente a pressão sobre eles».

Reagan abordou também a questão do «**apartehid**» elogiando o presidente sul-africano Pieter Botha como um homem de mudança que acha repugnante o sistema de segregação racial actualmente em vigor.

«Sabemos que há duas facções no Governo da África do Sul. Uma agarra-se teimosamente à continuação das práticas do passado. A outra, que inclui o presidente Botha, quer mudar e tomou várias medidas, tantas quantas pode tomar» — afirmou.

Planos de Khadafy

O líder líbio disse ontem que estão agora terminados planos militares para confrontar os Estados Unidos e ameaçou alvos norte-americanos todo o mundo.

«Até agora não demos instruções sobre tais acções e ataques», disse Khadafy na sua primeira conferência de Imprensa com jornalistas ocidentais desde os confrontos do mês passado entre as forças líbias e norte-americanas no disputado golfo de Sidra.

«Mas — acrescentou — eles começarão na eventualidade de uma agressão norte-americana contra a Líbia.»

«A América tornou-se uma superpotência louca, ameaçando a comunidade mundial», disse também Khadafy durante a reunião com a Imprensa.

Durante a conferência de Imprensa no seu «bunker» em Tripoli, fortemente guardado, Khadafy também ameaçou a Espanha, Itália e até os países árabes que auxiliarem as forças norte-americanas, na eventualidade de outro conflito armado.

«É um dado adquirido que os EUA serão derrotados militarmente, pois vamos aumentar a violência contra alvos civis e militares norte-americanos, no mundo inteiro», disse Khadafy.

«As consequências não são importantes para nós. O que interessa é que a «linha da morte» separa o sangue líbio do norte-americano», revelou o dirigente líbio.

Khadafy comentou a influência soviética no seu país, salientando que não espera de Moscovo ajuda num eventual confronto e sublinhou que, a registar-se, este se limitará à região mediterrânica.

Regresso cancelado

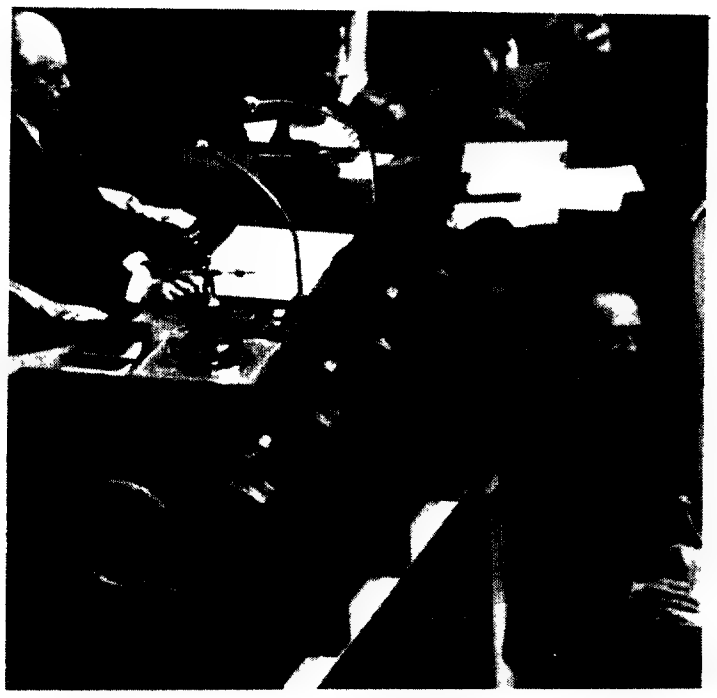
Na sequência das declarações de Khadafy, o Departamento de Defesa cancelou o regresso aos EUA de um dos seus porta-aviões no Mediterrâneo, numa clara indicação de estarem a ser estudados planos para uma actuação militar contra a Líbia, segundos fontes norte-americanas.

A Marinha foi também avisada para protelar os planos para uma licença de pessoal, respeitante ao segundo porta-aviões na região, disseram as fontes.

As fontes, falando na condição de não serem identificadas, sublinharam que a Marinha tinha ainda de receber ordens para voltar a formar um grupo de batalha naval no Mediterrâneo central, ao largo da costa líbia.

Mas a fonte acrescentou: «Tornou-se claro nas últimas 24 horas que vamos deixar em aberto as nossas opções, mantendo lá os dois porta-aviões.»

francesa dá voto de confiança a Chirac



hal antes de 1981 serão também
da alvo do plano de reprivatização.
92- No seu discurso, Chirac apego- lou para que os franceses procum rem «novas fronteiras», repetindo o termo usado pelo antigo do presidente norte-americano Va- John Fitzgerald Kennedy.
r à O voto de confiança a Chirac as foi possível mediante os 286 dec. putados neogaullistas e liberais, ro a que se juntaram deputados inla- dependentes próximos da coli- gação de governo, superando ai- em três votos a metade mais um as do número de deputados.
o Sem pormenorizar, Chirac bis disse que o seu governo «restaao belecerá o liberalismo econó- no mico, quanto a preços, salários ex- e código de trabalho, assim za- como reprivatizará as empresas estatais rentáveis».
o, De referir que os bancos e as n- companhias de seguros nacio- em nalizados em França no pós- as -guerra figuram na lista de empresas que o actual governo francês, de direita, pretende privatizar.

O porta-voz do governo, Alian Juppe, revelou que serão reprivatizadas «uma primeira série de empresas concorrenciais, como a agência Havas, a Sociedade Nacional Elf-Equitaine, os bancos nacionalizados em 1945 e as companhias de seguros nacionalizadas em 1946, bem como as empresas nacionalizadas em Fevereiro de 1982 e outras onde o Estado detém posição maioritária, como a Bull, a CGCT, a Matra e a companhia financeira do CCF».

O governo pretende ainda autorizar os poderes públicos a cederem, sob decisão administrativa, acções pertencentes ao Estado em empresas que não foram criadas pela lei e nas quais o Estado não é maioritário.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21 30H TEL 726 08 18
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA - APOIOS F GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do 2.º e último anuncio respectivo

Execução Sumária n.º 5306 2.ª Secção

Exequentes — Arminda de Jesus Maurício Lopes

Executado — Dorinda Martins da Cruz Arcanjo, residente na Rua D. Estefânia, 121-A (Drugstore IF Snack-Bar) Lisboa

Lisboa, 4 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
Lino Augusto Pinto
O Escrivão Adjunto
Fátima Valadas Campaniço

D.L. 10/4/86 — 1.ª Pub.

AS AVERIGUAÇÕES DO PILOTO PIRX

Que forças misteriosas desafiam a tripulação da nave?

com
Serguei Desnitski • Alexandre Kaidanovski
Vladimir Ivachov

Realização de Marek Piestrak

Para maiores de 12 anos

REX Estreia Hoje às 21.30 h

AGARRE-SE Á ESTRADA

Veja o estado dos pneus

PRP PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

«VINANDI – ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LIMITADA»

CERTIFICO para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Abril do corrente ano, lavrada de folhas 83, a folhas 84 verso, do livro n.º 209-B, de «Escrituras Diversas», do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Licenciado António Lopes Fernandes Costa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre Elvira de Pinho Cardoso, Irondina Augusta Andrade Nunes Coelho e Maria Fernanda da Silva Ramos Pereira, com a denominação em epígrafe, que ficou a reger-se pelo pacto social, constante da presente fotocópia, que se compõe de duas folhas, e vai conforme ao respectivo original.

Lisboa, 4 de Abril de 1986.

A AJUDANTE, ESCRIT.
Maria da Conceição Rodrigues
de Figueiredo Rocha Moreira

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «VINANDI – ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LIMITADA» tem a sua sede no Bairro Dr. Augusto de Castro, lote cinquenta e dois/cinquenta e três, Loja B, Edifício Foz, freguesia e concelho de Oeiras, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO

O objecto da sociedade consiste no/ exercício de actividades hoteleiras, restaurante e pronto a comer.

TERCEIRO

O capital é de TREZENTOS MIL ESCUDOS, acha-se integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma das quotas de sócios que são de cem mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO

A cessão de quotas entre os sócios é livre, feita, porém, a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade.

QUINTO

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de todas as sócias, que desde já são nomeadas gerentes, sendo suficiente as assinaturas em conjunto de duas das gerentes, para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Parágrafo Primeiro: – É expressamente proibido às gerentes obrigar a sociedade, em fianças, subfianças e letras, de favor, ou quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

Parágrafo Segundo: – As gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, em quem entenderem por meio de procuração e a sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos a que se refere o artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

SEXTO

No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, os quais deverão nomear de entre si, um que a todos represente na sociedade.

SÉTIMO

As Assembleias Gerais, quando a Lei não exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de dez dias, que começarão a contar-se da publicação do 2.º anúncio, citando os réus para, no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: de ser julgada procedente e provada a acção, reconhecido e verificado o crédito de 265.368$00, proveniente de custas, a sair da massa falida.

Acção Sumária n.º 198-R 1.ª Secção

Autor O digno Agente do Ministério Público

Réu O Administrador da Falência de António Burguete Ld.ª

Os credores da massa falida.

Lisboa, 1/4/86
O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

D.L. — 10/4/86 — 1.ª Pub.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO

VASCO SANTANA
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇO DE:
LUZIA MARIA MARTINS
CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Lisboa é sua
não deite lixo na rua

Objectivo africano até ao fim do século

Auto-suficiência alimentar é condição para sair da crise

A África precisa de cerca de 117 mil milhões de dólares até 1990 para superar a sua crise económica, segundo documento analisado pelos ministros da Economia e Finanças da organização da Unidade Africana.

O documento, elaborado pela Comissão Económica das Nações Unidas para a África, define a posição que os 50 países da África devem adoptar na sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU sobre a crise económica africana, prevista para fins de Maio, em Nova Iorque.

Fontes da OUA disseram que o documento, a ser ratificado na sua versão final depois de debatido pelos ministros em Adis Abeba, estabelece que 70 por cento do montante final do programa de reconstrução económica para 1986-90 seja fornecido pelos próprios países africanos.

Os restantes 30 por cento, correspondendo a cerca de 36 mil milhões de dólares, seriam fornecidos pela Comunidade Internacional.

O programa, cujo objectivo principal consiste em assegurar a auto-suficiência alimentar dos países africanos, atribui 80 por cento dos fundos ao desenvolvimento da agricultura e a construção de indústrias relacionadas com os produtos agrícolas.

O «documento sobre a posição africana» sublinha também a necessidade de medidas para combater a degradação do ambiente, como a erosão dos solos e a desertificação.

Em comparação com o crescimento populacional, a produção agrícola em vários países africanos decresceu 20 por cento desde os primeiros anos da década de 70.

O presidente etíope, Mengistu Haile Mariam, em mensagem dirigida à reunião ministerial da OUA, salientou que a reconstrução da economia africana, embora necessite de ajuda internacional, compete em primeiro lugar aos próprios países do continente.

IVA já caça níqueis conforme previsto

O primeiro mês de cobrança do IVA rendeu ao Estado cerca de 24 milhões de contos, correspondendo inteiramente às expectativas oficiais de receitas.

O subdirector-geral dos serviços de administração do IVA, Campos Laires, sublinhou, com efeito, em declarações, à NP que a primeira operação de declaração e cobrança relativo ao mês de Janeiro, cujo prazo terminou em finais de Março, está a corresponder «inteiramente» às previsões em número de declarações e receitas orçamentadas. Não referiu o total cobrado, mas tendo em conta que a receita total inscrita no Orçamento de Estado é de 220 milhões de contos para o conjunto do ano e que as cobranças se vão distribuir por nove meses, com início em Março, o montante de receitas realizadas deve rondar já os 24 milhões de contos.

A grande maioria das empresas está a cumprir, mas regista-se a falta de «alguns milhares de declarações», que deverão corresponder, sobretudo, a empresas que estão registadas mas que não têm actividade.

As restituições prioritárias do imposto às empresas exportadoras e empresas que transaccionam bens que beneficiam de taxa zero estão, entretanto a ser pagas dentro dos prazos — disse Campos Laires.

O montante global de pedidos de restituição ascende neste momento a 3 milhões de contos, tendo sido pagas várias centenas de milhares de contos relativos aos casos prioritários.

Uma cadela com sorte na fábrica de banheiras

Do Porto e embora já um tanto desfasada no tempo, chega-nos a história edificante de uma cadela verdadeiramente com sorte em meio à desgraça quotidiana dos 130 trabalhadores da Esmaltal, uma fábrica de banheiras de S. Mamede de Infesta.

É uma história rápida e cronologicamente contada por sindicalistas:

14 de Março — A administração da Esmaltal afixou um comunicado na empresa informando os trabalhadores que a cantina deixava de confeccionar refeições para o pessoal, a partir de 17/3.

18 de Março — A administração comunica que os trabalhadores deixariam de poder aquecer no fogão da cantina as marmitas com o almoço que traziam de casa.

19 de Março — Impossibilitados de aquecerem as refeições, alguns trabalhadores reagiram contra a determinação da administração. Na sequência do protesto, a administração voltou a facilitar o aquecimento das marmitas no fogão da cantina.

20 de Março — A administração comunica que a partir do dia seguinte os trabalhadores podem aquecer as suas refeições. No entanto, o período para almoço, das 12 às 13 horas, é manifestamente insuficiente para que todos os trabalhadores possam aquecer a refeição a tempo de pegar ao trabalho. Logo uma bruta confusão na hora de comer a bucha.

21 de Março — Às 11 horas, uma funcionária da empresa é destacada, em rigoroso exclusivo, para a confecção do almoço da cadela de um dos administradores da Esmaltal.

Os trabalhadores não gostaram, apesar de todo o respeito que têm pelo bicho...

Mais indemnizações de empresas nacionalizadas

Mais um novo grupo de empresas, nacionalizadas no todo ou em parte, viu fixados os valores das indemnizações a atribuir aos antigos accionistas pela passagem ao sector público. Trata-se de um despacho do ministro das Finanças, publicado no «Diário da República» de dia 7 e que abrange algumas das mais importantes unidades produtivas nacionais como é o caso, nomeadamente, da Petroquímica, Covina, Secil, duas celuloses e os três maiores estaleiros navais do País.

É a seguinte a lista das sociedades anónimas e das sociedades por quotas cujo valor das indemnizações foi agora fixado (o número corresponde ao valor em escudos de cada acção ou de cada parcela de 1 por cento do valor do capital):

Sociedade de Pescas e Crustáceos 98,88; Sociedade Nacional dos Armadores da Pesca de Arrasto 612,50; Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau 5.649,50; Pirites Alentejanas 1.323,50; Companhia União Fabril Portuense 7.390,50; Companhia Portuguesa de Celulose 7.732,50; SOCEL — Sociedade Industrial de Celulose 5.940,50; Sociedade Portuguesa de Petroquímica 3.698,00; COVINA — Companhia Vidreira Nacional 1.851,00 e SAGRES — Companhia de Cimentos do Algarve 2.383,00.

Sociedades por quotas

Sociedade Jerónimo Rodrigues Durão, Herdeiros 149.312,00; J. Ferreira e Companhia 2.410,50; Lopes e Matos 47.780,50; Aquatur — Agência de Turismo e Viagens Nulo; Transportadora Progresso da Costa do Sol 108.074,00.

Mais uma semana de paralisações dos comboios

A Federação Nacional dos Ferroviários decidiu prorrogar por mais sete dias a greve sectorial dos trabalhadores da CP iniciada em 19 de Março disse um dirigente desta estrutura sindical.

A prorrogação agora decidida está na base da «intransigência negocial» por parte da direcção da empresa na satisfação das principais reivindicações, segundo José Antunes, dirigente da Federação.

Greve desconvocada na EPAC

O presidente do Conselho de Administração da EPAC informou ontem, de manhã, a Federação dos Sindicatos do Comércio que já em Abril seriam pagos os novos salários acordados em Janeiro, bem como, os retroactivos desde Novembro do ano passado.

«**Os trabalhadores da EPAC somam assim mais uma importante vitória ao seu já rico historial de lutas**», comentou a Federação sublinhando que bastou o anúncio da greve para hoje e **o conhecimento da disposição de luta e a unidade dos trabalhadores da empresa, para esta alterar a posição de não pagar os novos salários enquanto a revisão do A.E. não fosse oficialmente publicada**».

A greve, convocada para hoje, foi assim desconvocada tendo em conta que os seus objectivos foram já integralmente atingidos, com o compromisso do C.A.

Em audiência com Mira Amaral

Intersindical exigiu do ministro do Trabalho a revogação do despacho que retira direitos aos trabalhadores com salários em atraso

A CGTP/Intersindical exigiu ontem ao ministro do Trabalho a revogação do «despacho que pretende retirar aos trabalhadores com salários em atraso os direitos da Segurança Social» — afirmou o dirigente José Ernesto Cartaxo.

José Ernesto Cartaxo e Manuel Lopes, do Executivo da CGTP, à saída de uma reunião com o ministro do Trabalho qualificaram de «desumano» aquele despacho.

Sublinharam que os trabalhadores com salários em atraso «passam a ser penalizados duplamente» porque o tempo de trabalho não conta para a reforma, perdem o direito a subsídio de doença ao fim de três meses sem entrega de folhas e a outras prestações, nomeadamente abono de família, ao fim de um ano.

O ministro do Trabalho, Mira Amaral, declarou no final da reunião que o despacho conjunto apenas chama a atenção para a legislação que já existe (Decreto 103/80) e está de acordo com um acórdão do Supremo Tribunal Administrativo.

Mira Amaral considerou que o que se pode discutir é se há novas situações no plano social e se deve rever-se a legislação que existe.

Os dirigentes da CGTP colocaram ao ministro várias questões relacionadas com o agravamento da situação social, nomeadamente a situação de salários em atraso, o aumento do desemprego e a precarização do trabalho.

Afirmaram que os dados da Intersindicalapontam para mais de 120 mil trabalhadores com salários em atraso, com uma dívida da ordem dos 34 milhões de contos, e cerca de um milhão de trabalhadores em situação de emprego precário, como contratados a prazo, por empreitada e ao domicílio. Acrescentaram que os dados oficiais apontam para cerca de meio milhão de desempregados mas que os números oficiais não reflectem a situação real do desemprego.

A CGTP considera que «o desemprego aumentou este ano e tem tendência para aumentar porque a prática demonstra que não são criados novos postos de trabalho».

José Ernesto Cartaxo responsabilizou o Ministério do Trabalho pela agudização de conflitos laborais, como o dos transportes TIR e da CP, que ocasionam prejuízos às empresas e ao País e considerou que o Governo deveria ter intervido mais cedo naqueles conflitos laborais para promover a sua resolução.

O ministro Mira Amaral, por seu lado, disse à CGTP que os dados do Ministério do Trabalho apontam para 79 mil trabalhadores com salários em atraso em Dezembro de 1985 e 55 mil em Fevereiro de 1986.

Afirmou que não há tecto salarial mas o Governo espera que as empresas nas negociações contratuais tenham em conta as perspectivas macroeconómicas do Governo. Defendeu, por fim, a responsabilização dos parceiros sociais na negociação colectiva: «Eles devem esforçar-se por se entenderem» e o Governo deve «apenas tentar conciliar as posições das partes» — disse.

Comportamento chantagista de Cavaco Silva

Ontem mesmo, em comentário à intervenção de Cavaco Silva, na televisão, a Intersindical disse que ele assumiu em relação à política económica, «o mesmo comportamento chantagista que o Governo tem assumido na política laboral».

«Porque as propostas orçamentais do Governo foram rejeitadas pela Assembleia da República, o Primeiro-Ministro decide não baixar o preço do leite, congelar investimentos públicos, limitar a expansão do crédito e a baixa da taxa de juro, como se tais medidas fossem inevitáveis», afirma a CGTP, em comunicado ontem divulgado.

Aquela central sindical acusa o Primeiro-Ministro de «procurar lançar poeira nos olhos da população, tentando justificar técnica e economicamente uma política social que vai ser ainda mais gravosa para os trabalhadores e para a maioria da população».

«A preocupação manifestada pelo Primeiro-Ministro em relação aos sectores mais desfavorecidos da população, constitui um acto da mais pura hipocrisia por parte de um Governo que continua a não tomar medidas para pôr cobro à situação dos salários em atraso», acrescenta o documento.

Para a CGTP, o Primeiro-Ministro revelou «um traço cada vez mais visível da política deste Governo: a confrontação e a desestabilização política e social, não hesitando em afrontar e procurar denegrir publicamente um órgão de soberania como a Assembleia da República».

Saldo líquido, de 181 dias a um ano

Juros de depósitos a prazo descem: 17,01 para 15,72

Os depósitos a prazo de 181 dias a um ano passam a auferir um rendimento líquido de 15,72 por cento, depois do aumento de imposto de capitais e da descida da taxa de juro, informou a Anop, de fonte bancária. Anteriormente, os depósitos a prazo nestas condições apresentavam um rendimento líquido de 17,01 por cento.

Entretanto, as taxas de juro dos empréstimos de 91 a 180 dias, que atingiam 22,5 por cento, deverão permanecer inalteráveis, de acordo com o discurso de Cavaco Silva na televisão, durante o qual afirmou que as taxas de juro efectivas do crédito ao consumo não seriam alteradas.

Para os empréstimos de dois a cinco anos, as taxas de juro, que eram de 25 por cento, descem para 23,5 por cento, e, a mais de 5 anos, caem de 26 por cento para 24,5 por cento.

Os empréstimos de 181 dias a um ano e de um a dois anos não estão sujeitos a uma taxa fixada pelo Banco de Portugal, sendo estas negociadas livremente entre as instituições de crédito e os clientes.

As alterações às taxas de juro e o lançamento de um imposto de capitais de 10 por cento sobre as obrigações, decidido pela Assembleia da República, levantam no entanto o problema de saber «se continua a ser rentável para as empresas estas recorrerem às obrigações, atendendo às novas taxas de juro dos empréstimos», disse a mesma fonte bancária.

Com efeito, o Primeiro-Ministro anunciou a intenção de proceder a um maior controlo do crédito, para evitar uma «explosão» do consumo, que poderia fazer disparar os preços e desequilibrar fortemente a balança comercial.

Ora, esse maior controlo sobre o crédito vai fazer com que os bancos, a não serem alteradas as suas reservas de caixa, passem a dispor de um excesso de liquidez, que tenderão a canalizar para outras aplicações.

Só que essas aplicações, nomeadamente no mercado de títulos e no mercado interbancário, são remuneradas a taxas inferiores aos depósitos a prazo dos bancos, que vêem, assim, a sua rentabilidade diminuída face às medidas que entram agora em vigor.

O custo financeiro dos depósitos a prazo de 181 dias a um ano atinge 19,68 por cento, após a descida das taxas de juro.

Num encontro informal com jornalistas, altos responsáveis do Ministério das Finanças referiram que, no final de 1985, existiam 48 milhões de contos de dívidas acumuladas ao Estado, «algumas desde há dez anos», estando levantados 1300 mil processos a contribuintes por essa razão.

Fisipe: segundo ano consecutivo de lucros

Acaba de ser distribuído o Relatório e Contas da FISIPE — Fibras Sintéticas de Portugal, SARL, com sede no Lavradio, empresa participada pela Quimigal e pelo Grupo Japonês Mitsubishi, produtora nacional de fibras sintéticas (acrílicas).

Trata-se do segundo ano que a empresa apresenta lucros após um período difícil de lançamento e consolidação. Os resultados líquidos conseguidos em 1985 foram bastante significativos, cerca de 323 000 contos, o que permitiu uma distribuição de dividendos de cerca de 130 000 contos.

A FISIPE encontra-se localizada na península de Setúbal, área marcada por acentuada crise industrial e opera numa actividade, fibras sintéticas, que se tem defrontado com uma profunda crise a nível mundial.

A recuperação do mercado de fibras sintéticas a nível europeu, assim como a drástica redução de custos, com melhor adequação às exigências do mercado, constituíram a base para a FISIPE consolidar a sua estrutura financeira e ainda praticar preços concorrenciais, num mercado cada vez mais aberto e competitivo devido à nossa recente adesão à CEE.

O consumo industrial de fibra acrílica em Portugal em 1985 cifrou-se em 30 mil toneladas, o que representou um acréscimo de 13% em relação ao ano anterior. Este acréscimo é fundamentalmente devido ao aumento das exportações de artefactos têxteis incorporando fibra da FISIPE, as quais atingiram 13 500 toneladas em 1985.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$50	56$50
ALEMANHA FED. (marco)	64$85	66$05
ÁUSTRIA (xelim)	9$20	9$40
BÉLGICA (franco)	3$043	3$243
BRASIL (cruzado)	4$00	6$ 50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	109$25	111$75
(notas de 5 a 1000)	109$75	112$25
DINAMARCA (coroa)	17$65	18$05
ESPANHA (peseta)	1$001	1$121
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	151$20	154$70
(notas de 5 a 1000)	151$70	155$20
FINLÂNDIA (marka)	28$85	29$45
FRANÇA (franco)	20$40	21$10
HOLANDA (florim)	57$55	58$65
IRLANDA (libra)	198$20	202$20
ITÁLIA (lira)	$087	$097
JAPÃO (iene)	$814	$849
NORUEGA (coroa)	20$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	221$75	226$25
SUÉCIA (coroa)	20$50	21$00
SUÍÇA (franco)	77$35	78$25
VENEZUELA (bolívar)	6$90	7$90

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

PONTA ESQUERDA

Guimarães: Câmara e PS querem ajudar o Vitória

António Xavier, presidente do Município de Guimarães, e o Partido Socialista apresentaram duas propostas na reunião da Câmara Municipal, visando ambas resolver o diferendo entre a edilidade e o Vitória de Guimarães.

A primeira proposta (apresentada pelo presidente da Câmara) visa desbloquear as obras no campo de treinos do Vitória, propondo que seja a Câmara a assumir a execução imediata dos trabalhos e a concretizar a obra, e que se proceda à revisão do projecto quanto à concepção e actualização do orçamento. A proposta do autarca visa também estabelecer um protocolo com o clube vimaranense, em que este se obrigue a entregar à Câmara os subsídios que vier a receber do Estado e destinados a esta obra, e que seja feita uma peritagem aos trabalhos já realizados, para uma correcta avaliação do que já foi feito.

Se a comissão (que integraria um representante da Câmara, outro do Vitória e um terceiro a indicar pelas duas partes) concluir que não foram gastas as verbas entretanto já postas à disposição do clube por má administração ou outro motivo, seja então responsabilizado o Vitória por tal facto, obrigando o clube a indemnizar a Câmara Municipal.

O Partido Socialista apresentou também uma proposta na reunião camarária cujos pontos essenciais se resumem à iniciativa de o Vitória construir o seu complexo desportivo, nomeadamente o estádio para futebol de alta competição, pavilhao gimnodesportivo, sede social e campo de treino relvado. Os socialistas pretendem ainda que, uma vez aceite a proposta pelo Vitória de Guimarães, sejam iniciadas imediatamente as negociações entre as duas partes, com vista a concertar acções junto do Governo para assegurar comparticipações e conjugar esforços para o recurso ao crédito bancário necessário à concretização da iniciativa.

Os vereadores socialistas propõem também que a Câmara assuma o compromisso de adquirir terrenos para a construção do estádio, que inscreva no seu orçamento para 1986 uma verba de 20 000 contos para despesas com o projecto e respectivas obras, e que, além dos 10 000 contos já entregues ao Guimarães, a autarquia assuma o compromisso de pagar os juros que sejam devidos por um empréstimo para assegurar a conclusão das obras no campo de treinos.

A proposta socialista pede, finalmente, que a Câmara sensibilize o Vitória para a urbanização dos seus terrenos na zona das piscinas e que, com as receitas daí provenientes e com os subsídios que vier a receber do Governo, avance com a construção do seu pavilhão gimnodesportivo e sede social. Por fim, propõe que a Câmara inscreva no plano de orçamento de 1986 uma verba de 20 000 contos para a electrificação do estádio municipal, de acordo com as deliberações municipais de 10 de Fevereiro, e que, caso não seja possível electrificar o estádio até ao início da próxima época, que sejam contactadas empresas especializadas, para uma electrificação provisória tendo em vista os jogos da Taça UEFA. As duas propostas serão votadas na reunião da Câmara, a realizar terça-feira, dia 15.

Preparando o México

Monge da Silva: nada de gordura vamos aos hidratos de carbono

A selecção portuguesa de futebol vai ter o seu quartel-general em Saltillo, a cerca de 900 metros de altitude, mas deslocar-se-á frequentemente a Monterrey, a uma altitude menor, para não perder velocidade de jogo.

A afirmação foi feita pelo preparador físico da selecção, professor Monge da Silva, que defendeu ser de todo o interesse a realização de jogos particulares em Monterrey, durante o período final de preparação: **Depois da fase de adaptação à altitude, em Saltillo, Portugal tem toda a conveniência em treinar com alguma regularidade em Monterrey, com o objectivo de evitar a perda de velocidade e potência muscular por parte dos jogadores** — explicou.

Monge da Silva (38 anos), natural da Aldeia Nova de São Bento (Serpa) e actualmente ao serviço do Portimonense, refere que a principal preocupação é a de que os jogadores estejam no seu pico de forma na altura dos encontros: **Tem-se falado muito sobre os efeitos da altitude, mas nem sempre com o devido rigor. É sabido que a altitude condiciona o rendimento do atleta. Porém, está longe de ser dramática: no México já se disputou um mundial de futebol (1970) e os Jogos Olímpicos de 1968 pelo que a situação não é estranha** — observou.

Monge da Silva esclarece que a altitude das cidades mexicanas acaba por ser uma «média altitude» e isto porque para o preparador físico da selecção a verdadeira altitude situa-se a 7000 e a 8000 metros, onde existem **factores perturbadores de rendimento.**

Aumento da frequência respiratória, menor quantidade de oxigénio e uma aceleração de frequência cardíaca são os sintomas da permanência em altitude.

O preparador físico da selecção refere que, no período de adaptação à altitude, há sempre uma fase aguda, na qual o rendimento sofre quebras acentuadas: mas a recuperação não é difícil se for acompanhada de treinos específicos. Monge da Silva defendeu que as equipas mais tecnicistas acabam por beneficiar do facto do «Mundial» se disputar em altitude, pois esta não permite aos atletas esforços sucessivos e prolongados e os habituais «sprints» em locais ao nível do mar.

Julgo que as equipas vocacionadas para o contra-ataque vão ter dificuldades em pôr em prática o seu sistema de jogo, pois correm o risco de esgotarem as suas reservas físicas prematuramente — diz Monge da Silva, que prevê um **futebol mais lento no México.**

A selecção nacional vai efectuar dois estágios até ao início dos jogos, sendo o primeiro em Lisboa (entre dia 25 de Abril e 4 de Maio) e o segundo já no México e em Saltillo (a partir de 11 de Maio).

Nesta perspectiva, no primeiro estágio vai-se procurar que os atletas tenham uma descida forçada de forma no sentido de posteriormente se adquirir um novo estado de adaptação ao esforço específico que irão desenvolver no «Mundial» — salienta.

Todos os jogadores irão ser submetidos a inspecções médicas no Centro de Educação Física das Forças Armadas (no Alfeite) que darão, com rigor, o estado de forma física: e será a partir desses dados que o trabalho se irá desenvolver. **Gostaria de ter tido mais tempo para trabalhar com a equipa, mas sejamos pragmáticos: temos o tempo possível e é neste período que medeia até ao «Mundial» que iremos rentabilizar o trabalho** — sublinhou.

No ponto de vista de Monge da Silva, Portugal pode qualificar-se para a segunda fase do «Mundial» e surpresa seria (nas suas palavras) a ausência dos «infantes» nessa fase. **Se Portugal fôr apurado, não será propriamente um brilharete, pois temos valor suficiente para impormos o nosso futebol** — defende aquele responsável.

Mostrando alguma relutância em falar sobre a alimentação especial dos jogadores durante o «Mundial» (no México) pois trata-se de um assunto do foro médico, Monge da Silva adianta, contudo, que esta deve privilegiar os alimentos à base de hidratos de carbono, pondo de parte as gorduras: **Está provado que as gorduras e os açucares ao serem transformados em energia pela sua combustão queimam mais oxigénio. Por isso, em altitude (menos oxigénio) há grandes vantagens numa alimentação mais rica em hidratos de carbono** — explicou o preparador físico.

Do signo do Escorpião, Monge da Silva concluiu o curso do INEF em 1970, tendo durante vários anos sido professor de Educação Física dos diversos ramos do ensino e docente do ISEF. Autor de muitos trabalhos e estudos, Monge da Silva esteve ligado a um total de 16 modalidades, entre as quais o atletismo, hóquei em patins, andebol, judo e naturalmente, o futebol. Monge da Silva, para quem o **treino é uma ciência**, esteve ao serviço do Benfica e Vitória de Setúbal, antes de ingressar no Portimonense, sendo agora a selecção um novo campo para o seu trabalho.

Sport Society

Atletismo benfiquista

À hora em que encerramos esta edição do «DL» está a realizar-se, no Restaurante do Estádio da Luz, um almoço volante com conferência de Imprensa, para o Sport Lisboa e Benfica e a Comissão Organizadora da 12.ª Taça dos Clubes Campeões Europeus de atletismo em Pista apresentarem o programa dessa realização que muito honra o desporto português.

BNU: desporto tem nova direcção

O presidente da mesa da assembleia geral do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino convidou a Imprensa para o acto da tomada de posse dos corpos directivos da colectividade, que se processa amanhã, pelas 17 e 30, na sede do GDCE do BNU (Rua da Prata, 234, 4.º, Lisboa).

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 15 DE 13 DE ABRIL DE 1986

RDP/Rádio Guarda: X11 X22 X11 2111; Horizonte: 12X 122 111 1211; Reconquista: 121 221 212 22X2; Ecos do Cacia: 12X 111 X12 1X11; Notícias de Guimarães: 1X1 22X 212 1211; Defesa de Espinho: 12X X11 X12 2211; Rádio Totobola: X2X 11X 2XX 221X; Notícias do Douro: 111 111 111 XX11; Jornal de Santo Tirso: 121 211 211 X2X1; Gazeta das Caldas: 1X1 111 212 2111; Diário de Coimbra: 1X1 X21 X1X 2X1X; Penalti: 121 111 21X 2112; No Estúdio e no Estádio: 1X1 2XX 212 X11X; RR-Desporto: 121 XX1 212 XX11; RR-Diário do Desporto: 1X1 X11 212 211X; RR-Bola Branca: 121 2X1 2X2 2X11; Jornal «A Defesa»: 12X X11 211 2212; Jornal Notícias de Gouveia: XXX 11X 211 1X12; O Jornal da Lixa: 121 XXX X1X 2X11; Boomerangue: 1X1 XX1 212 2212; Programa da Manhã: 121 2XX x12 221X; Canal Mais: X2X X21 212 22X2; Fotogramas: 121 2X1 212 2212; Palavra Puxa Palavra: 111 X21 112 XX2X; Fora de Jogo: 12X 2XX X12 221X; Eu Sei Tudo: 121 221 X1X 221X; Grande Sábado: 12X XXX 212 2XXX; Sintonia Desportiva: X2X 221 X12 X21X; Bola ao Centro: 1X1 XX2 212 2X12; A Voz do Domingo: 121 111 211 21X2; Totobola em Linhas de Elvas: 211 111 211 1211; Jornal de Sintra: 121 21X 21X 221X; O Algarve: 1XX 111 X11 2X12; Folha do Domingo: 121 111 212 1X12; Jornal da Beira: 121 X11 21X 2X12; Alvo Suplemento: XX1 111 X1X 2X11; Correio de Coimbra: 1XX 111 212 221X; Correio do Vouga: 121 2X1 X1X 2211; O Emigrante: 1X1 2XX 212 X211; Jornal de Felgueiras: X21 X11 X11 1112; Litoral: 2X1 11X 21X 2X1X; Maria da Fonte: 121 111 21X 2X11; O Mensageiro: 1XX 11X 2XX 2X12; Notícias de Felgueiras: 1X1 XXX X1X 111X; Clube da Manhã: XX1 1XX 2XX 21XX; Manhã, Manhã: 121 1X1 21X 2X1X; RDP/Secção Desportiva: 121 X11 212 2XX2; Tempo de Desporto: X2X 11X 21X 211X; Voz de Lamego: 121 X11 X12 X211; Fim-de-Semana Desportivo: XX1 121 X1X 22X1; Panorama Desportivo: 221 2XX 212 XX1X; Jornal de Amarante: 121 X1X 212 2X12; A Arte de Bem Madrugar: X21 21X 211 XX1X; O Diário: X2X 11X 212 XX1X; Diário de Lisboa: 1X1 X11 X1X 211X; Dribling: 1X1 X1X X1X 2X1X; Gazeta de Felgueiras: 22X 211 X11 2211; Rádio Sports: 121 X11 2X1 2X12; Diário de Aveiro: 1X1 X11 X11 2X11; Voz do Ave: 1X1 11X X1X 221X; Comércio de Leixões: 121 12X 21X 2X12; De Tudo um Pouco: 1X1 112 1X1 X2X1; Jornal de Gaia: 1XX 11X XX1 XX1X; Jornal da Graça: 12X X22 212 121X; Jornal de Notícias: 12X 111 X1X XXX1; Jornal o Porto: X21 XX1 X12 X211; O Primeiro de Janeiro: X21 12X 21X 2X12; Quadrante Norte: 121 111 21X 221X; Repórter do Dia: 121 2X1 212 1211; Resenha Desportiva: 12X XX1 112 2X11; Alvo Desportivo: 1X1 X11 X1X XX12; Rádio Alvo: X21 XX1 212 2212; Alvo: 111 111 212 211X; A Voz dos Ridículos: 1X1 2X1 X1X X111; O Jogo: 1X1 11X 212 2XXX.

assim vai o totobola

		RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1	Benfica-Sporting	56	15	4	9	2	1
2.	Setúbal-Porto	5	26	44	1	4	7
3.	Chaves-Portimonense	55	20	0	9	3	1
4.	Aves-Braga	30	27	18	5	4	3
5.	Penafiel-Académica	41	21	13	7	3	2
6.	Salgueiros-Belenenses	45	25	5	7	4	1
7.	Covilhã-Boavista	5	26	44	1	4	7
8.	Guimarães-Maritimo	68	7	0	11	1	1
9.	Tirsense-Rio Ave	16	26	33	3	4	5
10.	Alcobaça-Águeda	10	17	48	1	3	8
11.	Sacavenense-Farense	13	34	28	2	5	5
12.	Estoril-Montijo	63	11	1	10	1	1
13.	Barreirense-E. Amadora	26	28	21	4	5	3

(*) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
121 111 212 2X1X

Covilhã enganada por empresário que trazia cá os marroquinos

A selecção nacional de Marrocos não vai efectuar nenhum estágio em Portugal, declarou uma fonte da Federação Marroquina de Futebol. «A Federação Marroquina de Futebol desmente as notícias da deslocação da qeuipa nacional a Portugal», acrescentou fonte federativa.

A selecção de Marrocos (adversária de Portugal no Grupo F do Campeonato Mundial de Futebol, do México) fará um estágio de 10 dias em Genebra, a partir de amanhã, onde efectua alguns jogos-treino com equipas da 1.ª e 2.ª Divisões da Suíça. A selecção segue depois para Belfast, onde defronta a Irlanda do Norte em jogo particular, e regressa a Marrocos, seguindo para Monterrey (México) no dia 6 de Maio.

O Sporting da Covilhã havia assinado um contrato com um empresário português (José Fernando Cardoso) segundo o qual a selecção de Marrocos efectuaria um estágio na serra da Estrela e disputaria dois ou três jogos com a equipa portuguesa. Segundo esse contrato, o Sporting da Covilhã iria dar facilidades para o «estágio de adaptação à altitude— da selecção africana», e iria disputar mesmo um jogo a Marrocos com a selecção. O «empresário» havia mencionado no contrato com o clube português o italiano António Roselini, delegado da UEFA. «Admirado ao tomar conhecimento do assunto, informo-vos que o senhor Cardoso é conhecido em todo o Mundo», disse António Rosellini em réplica. «Excluo qualquer participação ou autorização minha nesse assunto», acrescentou o delegado da UEFA.

Râguebi: irradiado jogador do CDUP

O râguebista António Gramacho, do clube primodivisionário CDUP, foi irradiado da modalidade por ter agredido a murro o árbitro do jogo Agronomia-CDUP, no dia 15 de Fevereiro. Os incidentes registados no final do jogo mereceram ainda a suspensão de Manuel Gramacho (irmão do jogador irradiado) por 12 jogos e de José Vareta (por seis).

Selecção "canarinha": em convulsão absoluta

O chefe da delegação brasileira para o campeonato mundial de futebol no México, Márcio Braga, demitiu-se do cargo e criticou os responsáveis da selecção do Brasil. Márcio Braga, antigo presidente do Flamengo e actualmente deputado federal do partido oficial, apresentou a demissão em carta entregue ao presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Octávio Pinto Guimarães. Na carta, exige que se demitam também os outros dirigentes responsáveis pela selecção «canarinha», uma referência ao vice-presidente da CBF (Nabi Abi Chedid) ao director responsável pelo futebol Pedro Lopes, e ao segundo chefe da delegação José Maria Marin. «**Se o não fizerem, meu caro Octávio, chama a polícia**», escreve Márcio Braga, para quem a crise na direcção está a provocar o desânimo nos jogadores e pode levar ao fracasso na fase final do «Mundial». «**Com o país numa fase de austeridade e moralização da administração pública, a Confederação dá uma imagem pouco recomendável, com dirigentes acusados de extorsão, inoperância e abuso administrativo», afirma o deputado na sua carta, que tornou pública.**

O pedido de demissão de Márcio Braga ocorre 24 horas depois do presidente da CBF (Pinto Guimarães) ter anunciado «alterações radicais», com a possível saída da comissão técnica, incluindo Telé Santana, se a equipa perdesse o «particular» com a RDA em Goiania.

As alterações anunciadas pelo presidente da CBF foram, entretanto, contestadas pelo seu vice-presidente (Abi Chedid) para quem Telé Santana «**realiza um excelente trabalho**» na selecção.

Itália: futebol avoluma crise

O presidente da Federação Italiana de Futebol, Federico Sordillo, denunciou o esbanjamento de dinheiro pelos clubes de futebol como a **doença crónica** que provocou a crise económica que os obrigou a pedir auxílio ao Estado. Sordillo manifestou-se surpreendido pelas recentes críticas do ministro do Turismo e Espectáculo (Lelio Lagorio) e ao futebol profissional, e salientou que **o futebol apresenta hoje números vermelhos porque os presidentes dos clubes concedem aos jogadores tudo o que estes pedem. O futebol gasta hoje 130 por cento daquilo que recebe** afirmou Sordillo, dirigindo-se ao presidente do Nápoles (Corrado Ferlaino) numa reunião de delegados do Congresso Nacional da USSI (União Italiana de Sociedades Desportivas). O presidente da Federação perguntou a Ferlaino o valor da receita anual do clube: **30 milhões.** E quanto gastas? **33 milhões,** respondeu o presidente do Nápoles. Sordillo salientou que, enquanto se registar um esbanjamento de dinheiros na 1.ª divisão, **será difícil pôr cobro a uma situação destas,** referindo que o Estado exige sociedades saneadas e contas limpas antes de prestar auxílio com **balões de oxigénio.**

João Rosa leva Benfica a tribunal

O árbitro João Rosa apresentou queixa-crime contra dois dirigentes do Benfica e o jogador Diamantino, por afirmações públicas após o jogo do Salgueiros com os comandados por Mortimore.

Ferreira da Costa foi operado

Ferreira da Costa (Chaves) foi operado a uma rotura de ligamentos cruzados na perna esquerda.

Venâncio: Nova lesão

Uma vez mais o azar bate à porta do sportinguista Venâncio: nova lesão está capaz de o impedir de alinhar perante o Benfica.

João Pinto: Regresso

Bela notícia: o defesa «internacional» João Pinto reaparece hoje, no jogo entre reservas do Porto e do Salgueiros, para o Troféu Pedroto.

Carlos Valente na Luz?

Tudo indica que sim: o árbitro Carlos Valente é o nome mais falado para dirigir, na Luz, o duelo Benfica-Sporting.

Braga reforça-se

Alberto Bastos Lopes (Penafiel) transfere-se para o Braga.

Nacional de juvenis

Resultados dos jogos realizados do campeonato nacional de futebol em juvenis, na Zona Norte, Série A: Gil Vicente -Chaves, 2-0; V. Guimarães -Régua, 7-1; Leixões - Braga, 1-1; Vila Real - Paços de Ferreira, 2-2; Série B: União de Coimbra - Sanjoanense, 1-2; Águeda - Repesenses, 3-4; Fundão - Académica, 0-7; Avintes -Feirense, 2-1. Zona Sul, Série C: Vialonga - Sporting, 0-7; Almeirim - Nazarenos, 3-0; Série D: Benfica - Beja, 1-1; Estoril - Imortal, 8-0; V. Setúbal - Torralta, 0-0; Casa Pia -Corroios, 1-0.

Suecos na Amadora

A turma do AIK (da Suécia) defronta hoje, às 16 horas, no Campo J. Pimenta, o Estrela da Amadora, em jogo de carácter particular.

Calendário muda

Os jogos Feirense - Viseu e Benfica, da Zona Norte, e Sacavenense - Farense, da Zona Sul, da 27.ª jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão, foram antecipados para sábado, às 16 horas. Outros jogos marcados para o mesmo dia: III Divisão — Sport Lisboa e Olivais - Olivais e Moscavide, às 16 horas. Juniores — Futebol Clube do Porto -Beira-Mar, às 16 horas, e Académica - Rio Ave, às 17 horas. Juvenis — Mirandela - Merelinense às 15 horas, Benfica de Castelo Branco - Fundão, às 16 horas, Olivais e Moscavide -Portalegrense, às 15 e 30, em Alagoa, e Farense - Estoril, às 16 horas. Iniciados — Varzim -Ponte da Barca e Celoricense -Arouca, ambos às 16 horas.

Setúbal em França

O Vitória de Setúbal joga, em 17 de Maio, com o Metz, em França — informou o secretário do clube sadino. Tavares da Silva disse que este jogo será a retribuição do realizado por aquela equipa da 1.ª divisão francesa em Setúbal, em 13 de Novembro passado, e corresponderá à segunda mão da Taça Cidade de Setúbal.

Segundo o dirigente do clube do Bonfim, o Vitória deverá aproveitar a deslocação para realizar mais três jogos em França. Por outro lado, a equipa foi convidada para jogar no México (de 23 a 27 do mês em curso) mas a aceitação do convite depende (disse Tavares da Silva) da posição final no campeonato. Outro convite dirigido ao Vitória foi para participar no Troféu Cidade de Zamora, em Espanha, a 5 de Agosto.

Entretanto, Fernando Tomé afirmou **ainda não lhe ter passado pela cabeça** que o Vitória de Setúbal vá disputar o «Torneio de Competência».

O técnico da equipa que domingo recebe o FC do Porto, em jogo crucial para as duas equipas (uma para fugir ao torneio de apuramento e outra para continuar a defesa do seu título de campeão) garante ainda estar confiante em que, no Bonfim, o Vitória consiga vencer.

Sabe-se, também, que o defesa sadino Barrinha rescindiu amigavelmente o seu contrato com o clube. Segundo fontes do Vitória, o jogador, cujo contrato com o clube terminava no final da presente época, abandonou o futebol **para se estabelecer comercialmente em Tomar.** Para Fernando Tomé, **o futebol português ficou mais pobre.**

Esperanças

Lista dos jogadores convocados para o treino da selecção nacional de esperanças, com vista ao Torneio Internacional de Toulon, a realizar nos dias 14 e 15 do corrente, no Estádio Nacional: Benfica — Samuel, César Brito e Rui Pedro; Covilhã — Germano e V. Santos; Sporting - Sérgio; Chaves — Carvalhal; União da Madeira — Passos; Atlético — Vítor Valente; Salgueiros — Edgar; «Os Belenenses» — Paulo Monteiro; Vitória de Guimarães — Bobó; Famalicão — Justiniano; Boavista - Jaime; Académica de Coimbra — Mito; Portimonense — Augusto; e Rio Ave — Francisco Faria.

Estes jogadores devem comparecer no próximo dia 14 às 15 horas, no Hotel Tivoli-Jardim (Av. da Liberdade, em Lisboa) munidos de botas com pitons, sendo dispensados após os treinos.

RFA: campeonato

O Borussia Moenchengladbach derrotou o Colónia por 2-0, no encontro em atraso do campeonato alemão-federal de futebol da 1.ª divisão. Nos restantes dois encontros, o Bayer Uerdingen bateu o Saarbrucken (2-1) e o Bayer Leverkusen superou, em casa, o Waldholf Mannheim (3-1)

Espanha: Taça

Barcelona e Saragoça qualificaram-se para a final da Taça do Rei de Espanha depois de terem, respectivamente, vencido o Atlético de Bilbau (2-1) e sido derrotado pelo Real Madrid (3-2).

Em jogo da 2.ª mão das meias finais da prova, o Real Madrid recebeu o Saragoça e triunfou por 3-2 (1-0 ao intervalo) e o Atlético de Bilbau foi derrotado em casa pelo Barcelona, por 1-2 (1-1). Todavia e apesar da sua derrota de ontem em Madrid, o Saragoça foi apurado, já que no encontro da 1.ª mão vencera por 2-0. Por seu lado, o Barcelona limitou-se a confirmar (agora em Bilbau) a vantagem já alcançada na mão inicial, na capital catalã, em que também saira vencedor por 1-0.

Preparando o «Mundial»

As turmas nacionais continuam preparando a sua viagem ao México efectuando jogos particulares. Desfechos: Uruguai, 1— River Plate (Argentina), 1 e Suiça, 0 — RFA, 1 (golo de Hoeness).

Um lamentável acidente ocorreu aos 71 minutos, deste jogo, quando o alemão-federal Jakobs agrediu o «internacional» helvético Perret, (Neuchatel Xamax), que saiu do campo em maca, com fractura na perna esquerda.

Sob a direcção do francês Joel Quinou, as equipas alinharam: Suiça: Brunner; Botteron (Weber), In Albon, Egli e Ryf; Wehrli, Decastel, Perret (Bregy) e Hermann; Sulser e Halter (Mathey).

RFA: Stein; Aughentaler, Berthold, Foerster (Jakobs) e Briegel (Buchwald; Falkenmeyer (Brehme), Matthaeus, Magath e Rolf; Honess e Thon (Allgower).

Cartão amarelo: Egli e Jakobs.

Outro jogo particular: Bulgária, 3-Dinamarca, 0. Pelo «team» dinamarquês alinhou o benfiquista Manniche.

—Modalidades—

Ténis de mesa: Suécia conquista título europeu

A Suécia conquistou o título europeu de ténis de mesa, ao bater na final a França, por claros 5-0. A turma sueca actuou com Erik Lindh, Joergen Persson e Jan-Ove Waldner.

Moniz Pereira contra má invasão estrangeira

O treinador de atletismo Mário Moniz Pereira criticou, em Coimbra, a contratação de técnicos estrangeiros para a orientação das diversas modalidades desportivas em Portugal.

Moniz Pereira falava numa reunião organizada pelo Centro Universitário Manuel da Nóbrega, onde defendeu que um técnico, para obter resultados positivos, **tem que ter conhecimento da língua do país, dos costumes, condições climatéricas, socioculturais e mesmo familiares.** Nessa perspectiva, criticou algumas federações desportivas por contratarem técnicos não-portugueses e salientou os casos da esgrima, ginástica, voleibol e canoagem, respectivamente orientadas por um polaco, um japonês, um romeno e um espanhol.

Referiu (também) que **desde 1952 não há nenhum medalhado olímpico que cumpra um horário normal de trabalho** e sublinhou que **só na cabeça dos nossos governantes desportivos será possível fazer resultados de categoria internacional com treinos após um dia inteiro de trabalho.**

Sobre a Associação de Amizade Portugal-Portugal, de que foi principal impulsionador, disse que tem por objectivo **lutar contra o colonialismo estrangeiro nos campos desportivo e artístico** e frisou que apenas está **contra a incompetência que é importada.**

Esta Associação conta actualmente com 200 sócios e entre os fundadores figuram José Torres, Humberto Coelho, Ângelo Pintado, Carlos do Carmo, Rodrigo, Pedro Osório, Os Trovante, Jorge Machado e o próprio Moniz Pereira.

Manuel José e Fernando Tomé: os seus pupilos vão funcionar, no próximo domingo, como juízes de paz do título nacional de futebol

"Open" de ténis:

McNamara abdica

O par português Pedro Cordeiro - Cunha e Silva eliminou a dupla Joerge... ....(Suécia) e Ivo Werner (RFA) pelos parciais de 7-5, 5-7 e 7-5 na 1.ª eliminatória do torneio de pares do «Open» de Portugal, em ténis. Os dois estrangeiros obrigaram os portugueses a um terceiro «set», muito disputado, acabando Pedro Cordeiro e Cunha e Silva por se imporem nos momentos finais da partida.

Nos oitavos de final de «singulares», os resultados foram: Claudio Mezzatri (Itália) — Fernando Lleo (Espanha), 6-1 e 6-2; Jan Willem Lodder (RFA) — Juan Rodriguez (Espanha), 4-6, 6-3 e 6-0; John Frawley (Austrália) — Jaromir Becka (RFA) por 6-1 e 7-6, (7-5).

Porém a vitória do tenista jugoslavo Marko Ostoja sobre o australiano Peter McNamara (6-1, 6-4) foi a nota de destaque. McNamara, que travou 3.ª-feira uma difícil partida com o espanhol José Clavet, ressentiu-se do esforço desenvolvido e esteve lento perante Ostoja.

Outros desfechos em pares: Eric Winogradsky / Jason Goodal (França / Inglaterra) — Horst Skost Skoff / Mark Buckley (Austrália / EUA) 6-7, 6-1 e 6-4; Juam Rodriguez / Jose Clavet (Espanha) — Christophlesage / Bruno Dadillon (França) 6-4, 3-6 e 6-0; David Felgate /Bruce Derlin (Inglaterra / Nova Zelândia) — Tony Mmoh / S. Vasudevan (Nigéria / Índia) 3-6, 6-4 e 6-3.

Calendário das partidas para hoje, em «singulares»: Bruce Derli (Nova Zelândia) — Magnus Tideman (Suécia); Tony Mmoh (Nigéria) — Eric Winogradsky (França); Juan Avendano (Espanha) — Pedro Cordeiro (Portugal) e O. Vasudevan (Índia) — Jorgen Windhal (Suécia).

Pares: Peter Mcnamara /Carmichael (Áustrália — Lleo /Riba (Espanha); Carlsson / Tideman (Suécia) — Avnadano (Espanha / Franwley (Austrália); Hedman / Virtanen (Finlândia — Becka / Lodder (RFA) e De Minicis (Itália) / Ostoja (Jugoslávia) — Brichant / Vanlandendonk (Bélgica).

Ivan Lendl em Cascais

A Soténis/Escola de Ténis João Lagos (com o apoio da «Denim») vai proporcionar aos adeptos portugueses do ténis a oportunidade de verem uma grande «estrela» mundial: o checoslovaco Ivan Lendl, número um do «ranking» mundial. E vem a talhe de foice recordar que foi também a Soténis quem trouxe ao nosso país o sueco Bjorn Borg.

Lendl (praticamente recuperado de uma lesão no joelho) foi anunciado, para 29 do corrente, no Pavilhão de Cascais, durante uma conferência de Imprensa que teve lugar no Restaurante de Miraflores (Algés). O famoso «rei dos courts» terá pela frente Kevin Curen, sul-africano naturalizado norte-americano. Completando o espectáculo, anuncia-se o embate entre João Cunha e Silva (o melhor júnior português de sempre) e um nome grande do mundo tenístico, a divulgar dentro de dias.

Salve-se quem puder: a bola (às vezes) é um perigo público

Joel prepara-se para o segundo tento dos «azuis»

Bento: ferida incisa no lábio esquerdo suturada com seis pontos

"Taça de Portugal": Belenenses na final com Benfica e Penafiel na lista de espera

Sangue, suor e lágrimas

Neves de Sousa

Não está ainda encontrado o par de símbolos que vão confrontar-se no Jamor (a 27 do corrente) pela posse da Taça de Portugal. Ontem, o Belenenses já marcou lugar, ao bater o Braga (no Restelo), por 2-0. Mas o Benfica, na viagem a Penafiel, deixou tudo em suspenso para a «decisiva», que será jogada no Estádio da Luz: em terreno penafidelense, os homens de Mortimore, acusando muita a falta de Manniche (que integrou a turma do seu país, em jogo particular com a Bulgária), não lograram, mesmo com recurso a prolongamento, suplantar a equipa que começou a ser dirigida por Joaquim Jorge e acaba de baixar de divisão.

Ao lado do Tejo, Kostov (34 minutos) e Joel (53) assinaram os tentos que, 26 anos depois, voltam a colocar o emblema da Cruz de Cristo no palco do Jamor: então, a 3 de Julho de 1960, o árbitro portuense Clemente Heriques dirigiu um Belenenses-Sporting que os «azuis» venceram por 2-1. Foi a segunda Taça de Portugal embolsada pelo clube de Acácio Rosa.

Ontem, num belo lance recortado e planificado por Jaime, o luso-bulgaro (por insólito casamento...) colocou em sentido os bracarenses que, no tempo complementar, sofreriam o golpe definitivo, numa jogada de Murça para Jaime que Joel concluiu.

Bruno não deixa progredir Rui Águas: mais tarde saía esgotado do palco

Mortimore e Toni: avivar ideias antes do prolongamento: não serviu para nada

Todavia o Belenenses poderia ter chegado mais alto, não fora Djão (em muito má forma) ter desperdiçado uma grande penalidade (42 minutos) após Nelito provocar o castigo máximo sobre Norton de Matos. Depois, com a saída de José António (lesionado) foi necessáriA uma belíssima actuação do guarda-redes Jorge Martins (foi espectacular um corte a remate de Toni, como a atirar pela cabeceira um toque de cabeça de Jorge Gomes) para evitar tremores no esquema urdido por Depireux para o confronto com os minhotos, que catapulta Belém para uma festa de que andava longamente arredado.

Nota aborrecida: a saída em maca do minhoto Vítor Santos (duramente atingido por Gamito) e também a lesão de Jaime, que foi substituído por Jorge Silva, que, 5 minutos mais tarde, agredia Toni, obrigando o bracarense a também sair em maca.

Para além da soberba exibição de Jorge Martins (a pedir passaporte para o México), deve salientar-se a óptima actuação do árbitro portimonense Francisco Silva que (muito bem ajudado pelos fiscais Francisco Gravanita e Alexandre Afonso) não teve nem provocou qualquer problema, firmando direcção modelar.

Aliás, também a arbitragem de Santos Ruivo (que esteve acompanhado por João da Catraia e António Estroaca) foi motivo de unânime aplauso no Penafiel-Benfica, duelo que obrigou dois atletas (Bento e Paulo Campos) a darem notável exemplo de profissionalismo, tão vincado que não sabemos que mais aplaudir: se o guarda-redes da Luz, qu após um choque com o colega Oliveira ficou largo tempo a sangrar da boca, se o brasileiro que já alinhou pelo «team» da águia e que, vítima de cãibras, arrastou no terreno uma perna esquerda que deveria pesar como chumbo.

Penafiel veria, de resto, outras lesões: Bruno teve de ceder o posto a Carlos Alberto e Alberto Bastos Lopes, também afectado fisicamente, acabou o jogo na dianteira (em ofício de corpo presente, com passagem de Teixeira para o centro da defensiva nortenha e a colocação de Babo como «back» esquerdo.

O prolongamento não modificou o zero-zero inicial, ainda que, ao cair do pano, o Benfica tivesse introduzido a bola na baliza de Cerqueira: um fora-de-jogo assinalado a Diamantino deixou tudo adiado para a próxima 4.ª feira, desta vez no Estádio da Luz.

●

Tanto em Belém (jogo muito táctico) como em Penafiel (espectáculo pastoso e monotono, especialmente porque o Benfica esteve a léguas-luz da sua real capacidade, física e anímica, parecendo no limite das forças, tantos os esforços sucessivos a que tem sido submetido) não houve motivo para o público embandeirar em arco: salvo os afectos ao Belenenses que (esses sim) saborearam lautamente a presença no Jamor como consequência de uma temporada que varre da memória o desequilibrio da época de Melia.

Jorge Martins foi a «estrela» no Restelo, secundado por Alberto e Kostov. Samuel e Madureira vincaram personalidade em Penafiel. Porém, foram os juízes (Francisco Silva e Santos Ruivo) que limparam a onda de um sector arbitral onde os bons valores não podem ser impostos por sucessivas e inglórias nomeações: os êxitos conquistam-se, não se recebem como ofertas, bem ou mal intencionadas.

●

Para o Belenenses ficam agora duas hipóteses de chegar à Taça dos Vencedores das Taças, da próxima época: ganhar a final ou perder com o Benfica, se este for finalista da Taça e campeão nacional.

Emfim, houve quem chorasse. E muito: em Belém, há anos que não se vivia alegria igual. Muitos suaram a bom destilar: artistas submetidos a sequentes testes tiveram de fazer apelo a todas as reservas de energia. Para erguerem o pendão ou abdicarem de cabeça erguida. E, para que se recordasse Churchill, até o sangue de Bento ficou tingindo mais uma etapa deste apressado futebol lusitano que, há meia dúzia de meses, nem sequer sonhava que tinha de carregar no acelerador e fazer horas extraordinárias porque a sorte de um pontapé certeiro o convidava para o festim mexicano.

Em frente

Belenenses: Jorge Martins; Murça, José António (Canito aos 43 minutos), Sobrinho e Artur; Alberto; Jaime (Jorge Silva aos 81), e Kostov; Joel, Norton de Matos e Djão.

Sporting de Braga: Hélder; Toni, Ernesto (Jacques aos 45 minutos) e Nelito; Dito,; Zinho, Serra e Guedes (Fontes aos 59); Jorge Gomes, Spencer e Vítor Santos.

Cartão amarelo a Canito, aos 65 minutos, e a Kostov aos 82. Golos por Kostov (34) e Joel (54).

Travagem

Penafiel: Cerqueira; Madureira, Bruno (Carlos Alberto, 54), Alberto Bastos Lopes e Teixeira; Elias, Babo, Afonso e Paulo Campos; Sanhá e Tozé (Baba, 64).

Benfica: Bento; Veloso, Samuel, Oliveira e Álvaro; Nunes (Nené, 66), Shéu, Carlos Manuel e Vando (José Luís, 109); Diamantino e Rui águas.

Cartão amarelo para Oliveira, aos 36 minutos.

— O que é a alquimia, Fausto, o que entendes tu por isso?

E ele, ali na nossa frente, sem qualquer espanto, adentro de uma sala com muito vidro, como fica bem nas multinacionais do sonho (e do dinheiro, claro). De novo o copo aos lábios, como um tranquilizante/estimulante.

— Um alquimista? Olha, Rogério, é um transformador do mundo, a alquimia é a mudança para melhor. Trata-se da construção da felicidade dos homens. Nada tem a ver com o sentido medieval que a química lhe deu...

No seu caso concreto, não foi já o despertar. Afinal, a sua obra discográfica é toda ela marcada pelas grandes veias do coração e também pela teia lúcida do pensamento.

Fausto no Coliseu: o regresso do alquimista

Rogério Vidigal

E ele é, ao nosso olhar, ainda um certo menino que foi dado ao mundo, quase como em declaração de voto: sobre as ondas do Atlântico, latitude desconhecida, azimute determinado pelo movimento migratório dos anos 40. Os pais deixavam as terras beirãs e transmontanas e atiravam-se a outro mundo. Ele começaria a sua aventura marcada por um nome, «Pátria», do baptismo do navio. Dezassete anos depois, encetava o torna-viagem. Ao estudo, que era cá que se faziam os homenzinhos. Concretizava o sonho do pai e enraizava a vocação. «O curso já cá canta», poderia dizer. E ele canta, canta, porque desde pequenino lhe dava a queda.

Ele diz tudo isto com o ar tímido que parece inevitável. Os pormenores que já sabemos desta sua estranha/curiosa-/marcante vinda ao mundo confirma-os agora diluindo em doçura: «Eu sou muito mentiroso a contar a história da minha vida. Não porque eu queira, mas começaram a aparecer dados equívocos e eu não achei graça. Entrei no jogo e agora sou mentiroso. É assim que não se acerta no local e na data em que eu nasci».

Ou seja, esta reacção traz toda a carga da pessoa que aqui está pintada de calma mas roendo o tempo que falta para se apresentar no palco do Coliseu. «É uma espécie de pudor» — diz. «Quando alguém quer conhecer os pormenores da vida de uma pessoa como eu tem de haver uma reacção».

Ele aí está. Por enquanto, ainda sem as habituais borbulhas a rebentarem-lhe a cara, mas já com a bílis a consumir-lhe algum tempo, o apetite a esvair-se no galope da tensão. «Ah, foi uma noite terrível» — confessa.

E senta-se à mesa comentando desde logo que está sem apetite, vai comer pouco. «É um bom restaurante este, mas eu não vou poder...» Estamos num estabelecimento de sua escolha e onde é conhecido e bem recebido. Ele gosta dos prazeres da mesa e vai logo por recomendar a parrilhada de marisco e os medalhões de vitela. Com acerto, também, esta alquimia.

Depois, o branco vinho com que abrimos, lá das terras do Dão que marcaram os seus antepassados, começa o seu lento trabalho de distensão. Mas não basta. E já o tinto o não tenta. Tem que ser uma cerveja, pois então, ouçam, creio que é «o conquistador»: não vêm por lá as referências a bebedeiras siderais, a cirroses e outras coisas mais?

Claro que há um fio a segurar estas coisas todas. Aquele menino que se fez nos mistérios do planalto angolano, estimulado na descoberta e no perigo pelo próprio pai, veio completar-se aqui no velho Portugal de origem, crescendo na descoberta de tudo, também da sua liberdade, com certeza um álcool, as noites, o espreitar por sobre o mundo que se lhe oferecia.

«Lá em Angola, eu percorri o caminho dos bissondes e das pitacaias» — conta, trazendo ressonâncias tão estranhas quanto a distância e a memória lho pedem. (Exigimos que explique o que é uma coisa e outra: bissondes são umas formigas vermelhas de mordidela terrivelmente dolorosa; pitacaias uns parasitas que se alojam com mais frequência nos pés, e que noutras paragens angolanas se chamam de matacanhas).

Já mora a música nestes tempos e evocações. O pai que lhe estimulava uma vida livre, com caçadas e tudo, desde sempre se mostra relutante à veia musical que o Fausto patenteia. «Não fui um menino protegido. Era até despreocupado. Era uma média burguesia, eu podia contactar com amigos de todas as cores. A única limitação foi com a música. Mas acabou por não me limitar porque hoje sou um músico».

Foi assim: O pai não tinha sensibilidade para a música e receava o que poderia ser a vida de um músico. «Ainda hoje nunca me fala em questões ligadas à música» — assinala Fausto. De pequenino, ainda se lembra de tocar uma harmónica de boca, tambores de lata e, aos 14 anos, foi aprender a guitarra. Aconteceu então o inexplicável: «O meu pai comprou-me a minha primeira guitarra mas também nunca mais fez nenhum investimento».

Só que ele acabou por cumprir os sonhos do pai. Veio para Lisboa, deu largas à música que lhe apetecia, cresceu politicamente à medida do seu sonho e da sua visão do mundo e completou o curso, o diploma, o ganha-pão que acaba por não ser. São assim as coisas. De tal modo que anda de más relações com o mestrado — interrompido.

A par de tudo isso, ia crescendo a sua discografia e o nome entrava na lista que marcará toda uma época. Ele, Fausto, confessa-o só teve consciência do problema colonial quando se enleou nas tertúlias e leituras da capital. «Enquanto não me politizei, limitei-me a viver» — comenta.

A tomada de consciência vai-se traduzindo em intervenção musical. Em 1970 aparece à venda um disco chamado «Fausto». Quatro anos depois publica «Pró que der e vier». A seguir é o seu «mal-amado» intitulado «Um beco com saída». Em 77, a viragem, com «A Madrugada dos Trapeiros»; 79 fica marcado com «Histórias de Viajeiros». Por fim, os dois grandes êxitos, já com a consagração do mercado, os discos de prata: «Por este rio acima», o canto do Fernão Mendes Pinto que enche tantos portugueses, um duplo álbum; «O despertar dos alquimistas», com um ano.

Fernão Mendes Pinto mete-se, aqui, na conversa. Traz consigo um mundo de fastasmas, uma rede de conceitos e aparentes contradições ou não fosse o Fausto um «homem de esquerda».

«O Fernão Mendes Pinto propiciou-me uma análise do que foi a presença portuguesa no mundo, de uma forma descomplexada, o maniqueísmo do significado dessa presença. Ele é capaz de contar e cantar as virtudes da obra dos portugueses noutras paragens, como é capaz de denunciar de forma aberta e cruel outros aspectos, como a luta pelo domínio de mercados, ou o estímulo à luta entre reinos, o dividir para reinar».

Concretizava-se aqui um ciclo. As leituras de Fernão Mendes Pinto tinham começado nos bancos do liceu, aqueles textos dispersos que também serviam para dividir orações. Houve uma segunda passagem, mais recente, mais concreta. E, por fim, o trabalho de elaboração do disco. «Foi a procura das referências culturais que nós normalmente vamos perdendo» — explica.

A esta altura da conversa — no tal gabinete com uma grande parede de vidro, vídeos piscando os olhos das horas e microfones inúteis, secretárias eficientes e saltitantes matraqueando as ordens recebidas — do lado de lá, neste passo do diálogo, o desafio também já metia política. Uma leitura do que é ser português, patriota, porque afinal ele até nasceu numa «pátria» muito especial.

«Para compreendermos o sentido da nacionalidade, ou temos os valores fabricados pelo Poder ou compreendemos as razões últimas que nos fizeram nascer numa pátria chamada Portugal. Isso significa, diz, que existe um pulsar com significado para as pessoas. E muitas delas terão percebido, em «Por este rio acima», que têm necessidade das suas referências culturais».

E assim que Fausto põe as questões. Não recusa, por exemplo: «Meu querido Portugal, porque não?»

Mais claro? Diz: «A esquerda não deveria ter preconceitos relativos ao passado colonial. Deveria. A História não pode ser olhada de duas maneiras: ou racional e científica ou apaixonadada. Diria três: a terceira é ideológica. Eu prefiro as duas primeiras. A primeira diz que a História tem contingências, explica os factos nas suas relações com o tempo. A passional comenta explosões de ordem emotiva ou para aceitar ou rejeitar determinados fenómenos. A terceira, a ideológica, leva à tentativa de valorar as coisas pelo bom e pelo mau...»

Vai longo este discurso e as coisas do dia-a-dia, ainda os nós do mesmo fio que ligam uma vida, as opções, as ideias, estão aqui bem perto. É o que faz estar à mão da conversa, por exemplo, aquilo que poderia ser um certo isolamento de Fausto em relação à esquerda, estranhamente; à direita, naturalmente.

São coisas que alimentam a conversa mas não tiram o sono. Apoiante, por exemplo, da independência das colónias, interventor no processo («houve uma altura em que as nossas canções valiam mais do que a palavra de um secretário-geral»), lembra agora que em certa altura apareceram os homens que eram convidados para o pastel de bacalhau e o copo de vinho tinto. Que Fausto, e nós conhecemo-lo, não é de frequentar essas montras. Mas tudo isso somado também dá para entender com que linhas se tem cosido tudo isto.

Falamos ainda de como se tramam (tecem, cosem, enleiam) os dias de hoje. E damos na Televisão. Ele que nunca foi convidado para coisa que se visse (e recusa as presenças de interlúdio) vê agora, mais uma vez, esquecida pela RTP a sua passagem pelo palco do Coliseu. Houve alguém que sugeriu a gravação do espectáculo. A resposta veio demolidora e imbatível: «não temos disponibilidades de material».

Fausto tem continuado a ensaiar e ainda não surgiram as borbulhas. Por enquanto é só a bílis.

Hoje, para si

Antestreia de "Amor e Sangue"

Vindo do Fantasporto trazendo na bagagem um certo sucesso, «**Amor e sangue**» vai hoje ter a sua antestreia em Lisboa, às 18.45 h, no cinema Londres. Organizada pelo **ABC-Cineclube de Lisboa**, com o patrocínio do nosso suplemento «**Cartaz/DL**», essa antestreia tem em si, leitor, um destinatário preferencial dado que — como já é costume — poderá aceder à sessão em condições especialmente favoráveis.

Jennifer Jason Leigh e Rutger Hauer em «**Amor e sangue**» *de Verhoeven (hoje, às 18.45 h, no cinema Londres — para si)*

O que é «**Amor e sangue**»? Antes do mais é a estreia americana do renomado realizador holandês Paul Verhoeven que assim atinge, em pleno, a plataforma da grande promoção internacional. Com ele está o actor Rutger Hauer, seu compatriota: juntos tinham conquistado notoriedade com «**Delícias Turcas**», em 1973, juntos continuaram em mais alguns filmes holandeses, juntos estão agora nesta aposta produzida nos Estados Unidos.

Tematicamente «**Amor e sangue**» é um filme situado numa vaga Idade Média cruenta e fantástica, a história de uma jovem mulher dividida entre o puro e recto amor por Jehan e a paixão incontrolada pelo foragido Martin. O curioso da história é que o «herói» é o foragido (Rutger Hauer é o intérprete de Martin) e o amor pecaminoso a vertigem positiva. Para interpretar o principal papel feminino escolheu Verhoeven uma quase desconhecida actriz americana, Jennifer Jason Leigh, que, tem sido afirmado, atinge aqui o estatuto de brilhante revelação.

Para que o leitor possa beneficiar das condições especiais que lhe estão reservadas deve recortar o cupão que aqui publicamos e seguir as instruções nele expressas. Com os votos de um bom fim de tarde no cinema.

PELA PRIMEIRA VEZ...
...20 ANOS DEPOIS
DO HOLOCAUSTO NUCLEAR!

ANTEVISÃO DAS LUTAS FEROSES ENTRE GRUPOS DE SOBREVIVENTES PELO DIREITO À VIDA, PELO PODER E PELA RECONSTITUIÇÃO DE UM MUNDO NOVO.

UM SENSACIONAL ÊXITO MUNDIAL!

2019
DEPOIS DA QUEDA
DE NEW YORK
(2019 AFTER THE FALL OF NEW YORK)

com MICHAEL SOPKIW • VALENTINE MONNIER
ANNA KANAKIS • ROMAN GEER • VINCENT SCALONDRO
Realização de MARTIN DOLMAN • Eastmancolor • Telecolor
Para maiores de 16 anos

REX | A partir de hoje ás 21.30 h | CINEMA N'GOLA

Cena de um ensaio de «O Noivado no Dafundo» de Almeida Garrett, apresentado pelo «1.º Acto Clube de Teatro» no Palácio Anjos

Teatro em Algés pelo "1º acto"

O «1.º Acto Clube de Teatro» (marginalizados) estreia no próximo dia 12, pelas 21.30 h, no Palácio Anjos, em Algés, com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras e da Junta de Freguesia de Carnide, um espectáculo teatral, constituído pelas peças «O noivado no Dafundo», de Garrett, numa versão de Armando Caldas e «O Ilustre Conferencista», de Roque e Lyra.

Participam Alexandra Meneses, Antonieta Aguiar, Cassiano Rodrigues, Cristina Guerreiro, Francisco Sanchez, Ivone Ferreira, José Matias, Luís Pata, Lita Vaz, Miguel Pipa, Nazaré Carinhas, Silva Heitor, Tozé Fonseca e Mário Azevedo.

Os cenários e figurinos são de Gila, a música de Carlos Alberto Moniz para um poema de José Fanha, a coreografia de Ruben Matos e a encenação de Armando Caldas.

O espectáculo repetir-se-á todas as 6.ªs feiras e sábados, pelas 21.30 h.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Antestreia de «AMOR E SANGUE» de Paul Verhoeven

Cinema Londres
Dia 10
18.45 h

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 125$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC).

Vítor Santor e José Eduardo numa cena da peça «Falatório do Ruzante».

Teatro

• Integrado num ciclo de teatro que a companhia do Teatro da Rainha, das Caldas da Rainha, apresenta em Lisboa, tem lugar esta noite a primeira representação na capital, na sala da Comuna, do espectáculo que serviu de apresentação no princípio de 85, como companhia criada. Trata-se da peça «**O Falatório do Ruzante, desertor da Guerra**», de Ângelo Beolco, autor paduano de princípios do séc. XVI. É um espectáculo sobre os deserdados da vida e da história, sobre as desventuras de um camponês-soldado fugido da guerra, Ruzante, animal solitário enganando a fome, as dependências com sonhos desvairados, a única coisa que lhe resta. O espectáculo, transposto para um tempo actual, pretende ser a relação crua, em carne viva, de personagens que a guerra atira agora/outrora para a fronteira da própria história. Com encenação de Fernando Mora Ramos, cenários de José Eduardo Faria e interpretação de Isabel Leitão, José Eduardo e Victor Santos, a peça fica em cena hoje e amanhã pelas 21.45 e sábado e domingo às 15 e às 21.45 horas.

Música

• No Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se esta noite, pelas 21.30 horas, um cencerto da **Orquestra Gulbenkian,** sob a direcção do maestro Ivo Cruz e no qual actua como solista a pianista **Nella Maissa.** O programa é constituído pela interpretação de obras de Marcos Portugal, Liszt e César Franck. Nella Maissa, que nasceu em Turim é portuguesa por casamento, estudou piano com professores italianos e com mestre Viana da Motta e composição com Ferrari Trecate. Licenciada pela Universidade de Parma, Nella Maissa foi premiada no 1.º Concurso de Jovens Concertistas, em Roma, e obteve por unanimidade o 1.º Prémio Viana da Motta. Em 1974 recebeu da Imprensa um Prémio Especial pela sua obra de divulgação da Música Portuguesa. Tem dado muitos concertos, quer em Portugal quer no estrangeiro, incluindo Brasil e África do Sul. É intérprete dos maiores compositores universais e gravou vários discos de música portuguesa.

Exposições

• «A Gravura e suas Técnicas» é o título da exposição que se inaugura esta tarde pelas 18 horas na Galeria Almada Negreiros (Av. da República, 16, em Lisboa). A mostra realiza-se por ocasião do lançamento do livro «Técnicas da Gravura Artística», da autoria das pintoras **Alice Jorge e Maria Gabriel.**

• A exposição documental do escultor, pintor e desenhador alemão **Otto Herbert Hajek,** apresentando exemplos das suas obras de duas e três dimensões, criadas na República Federal da Alemanha e noutros países, continua patente no Instituto Alemão, Campo dos Mártires da Pátria 37, nos dias úteis, até 18 de Abril.

Nos dias 10, 14 e 16 sempre pelas 18.30 horas, haverá sessões de apoio no auditório do Instituto, com um «Retrato de O.H. Hajek» em vídeo (15 min.) e o filme «Vistas» (30 min.), um historial da pintura paisagística alemã que inclui seis artistas ainda vivos. Ambos os documentários são comentados em português. A entrada é livre.

• Cento e trinta e três obras de **Almada Negreiros, António Soares, Bernardo Marques, Eduardo Vianna, Jorge Barradas e Stuart Carvalhais** estão patentes na Galeria Nasoni, no Porto, integradas numa exposição denominada «Dos Nossos 'Anos 20'». «Rever e repensar o que possa ter sido um grupo de artistas, que sem um grupo serem, se constituiram, pelo melhor e pelo pior, como os mais representativos que temos dessa primeira geração, que assumiu nos anos 20 ser contemporânea num país que o não era.» É um dos motivos que levou à organização desta mostra, de acordo com o texto inserido no catálogo, assinado por Bernardo Pinto de Almeida. A exposição poderá ser visitada de terça a sexta-feira, das 10h00 às 12h30 e das 15h30 às 19h30 e aos sábados e domingos das 15h30 às 19h30. A Galeria está encerrada às segundas-feiras.

DL CINEMAS

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA».
Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET.
Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358

SEXO INCONTROLÁVEL
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblogo
— T. 556824

ROCKY IV
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O VIOLADOR
(m. 18 anos)
24.00 h

Cine Caxinas
T. 324194

OS VINGADORES DE SHAOLIN
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

D A R L Y
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AUTO STOP ALUCINANTE
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

O DRAMA DE UM JUIZ
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha

TRINITÁ COWBOY INSOLENTE
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A DIVA E OS GANGSTERS
(maiores 13 anos)
23.45

Condes
— T. 322523

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

O SOL AOS QUADRADINHOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

HERÓIS E AMANTES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

O HOMEM QUE VEIO DO ESPAÇO
(int. men. 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134

ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDO EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

AS ULTRAPOTENTES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933

O INSPECTOR MARTELADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
EXCESSOS
(maiores 18 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305

DESTACADAMENTE EM MISSÃO ESPECIAL
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MASH
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AOS NOSSOS AMORES
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

RUMBLE FISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 19.45, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407

FEITOS GLORIOSOS DE PEDRO, O GRANDE
(maiores 12 anos)
14.30 e 18.30 h
2019 DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
21.30 h

Restelo
T. 610375

ROCKY IV
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45 e 19.00 h

Roma
T. 889192

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Roxy
T. 548560

JOÃO BRONCAS E A LICEAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

MAD MAX – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

SOFRIMENTO DE AMOR
(n/acons. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A mascara», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O beijo da mulher aranha», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Chamavam-lhe Buldozer», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 13 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «As noites de China Blue», às 15,00 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso.
ESTÚDIO DOIS EME — «A história de uma traição», às 21.30 h (para todos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Os especialistas», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Os gansos selvagens contra-atacam», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «A paixão de Swann», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Divórcio em Hollywwod», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Regresso ao futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
OXFORD — «Vingança jurada», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MIRAMAR — Sala 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)
SALA 2 — «Divórcio em Hollywood», às 15.30 e 21.45 (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Gelado de Limão III», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALMADA — Incrível — «4 ponhos contra Rio», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Máscara», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maioes 12 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Cotton Club», às 15.45 e 21,30 h (maiores 16 anos). **Sala 2** – «Fugitivos do Inferno», às 16.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Código do silêncio», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – Descanso.
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «O fim-de-semana de Osterman», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «Amanhecer violento», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «O purificador sexual», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Inferno atrás das grades», às 15.30 e 21.30 h (int. maiores 18 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE: Líbia**, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS NOVAS - AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BAIRRO AZUL: Bairro Azul**, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA: Normal de Lisboa**, R. da Prata, 220 (T. 878342); **BENFICA -BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 23-A (T. 708242); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHELAS - JUNTO À AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **CHILE -ALAMEDA: Nobel**, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO - SANTA MARIA: Davi**, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 514342); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PAMPULHA -JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **QUINTA DA LUZ - CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 687949); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8.

REFORÇO — AREEIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34 **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS: Valentim**, R. do Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO: Botânica**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DA CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais. 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas** Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira**, P. Jorge Af. (T. 20427). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121). MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008); Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; **Nunes**, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja (T. 9290088).**

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da RepúLICA, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

Da 3.ª a sábado, às 21.45; aos domingos, às 16.00

«QUASE POR ACASO UMA MULHER», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«E o **GODOT SEMPRE CHEGOU**, de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«JOGO DE LOUCOS», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«D. JOÃO», de Molière. Encenação de Jean-Marie Villégier. Interpretado por António Rama, Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta, Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lúcia Maria, Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa, António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«AS VIAGENS DO FERRO-VELHO», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«BODAS DE SANGUE», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Mazum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Cerlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 2

6.ªs, às 21.30; sábados, às 15.00 e 21.30; domingos, às 15.00

«NÓS DE UM SEGREDO», de João Brites, pelo Grupo «O Bando». Encenação de João Brites.

Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

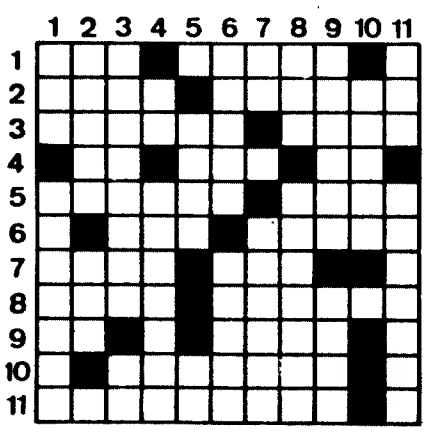
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intpérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 701

HORIZONTAIS:

1 Quadrúpede ruminante. Velhaco.
2 Animal carnívoro. Máscara.
3 Nome de mulher. Os deuses benfazejos da mitologia escandinava.
4 O mais. Terceiro. Caminhar.
5 Davas mios. Registo do que se tratou numa sessão ou assembleia.
6 Forma apocopaca e proclítica de vale. Levar à toa, à sirga.
7 Efectivo. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
8 Secretário de Luís XIV. Sobrou.
9 Carta de jogar. Filho de Zeus, rei de Egina.
10 Erraras.
11 Emparelhara.



VERTICAIS:

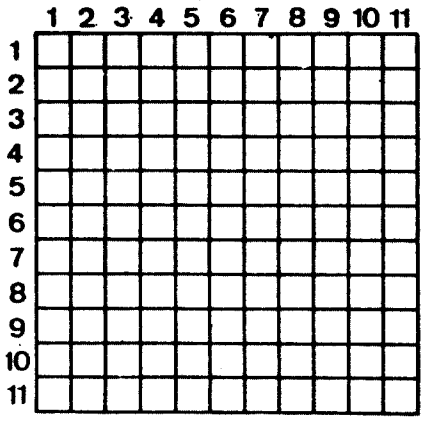
1 Berreiro ou choradeira de crianças (Bras). Acto de marrar.
2 Debruai. Deusa da Aurora, esposa de Titono.
3 Punhas só. Deus dos pastores.
4 Interjeição brasileira. Carta de jogar.
5 Nome dado à parte superficial do globo terrestre, onde predomina o silicato de alumínio. Centiare.
6 Escavais. Praia.
7 Sódio (s.q). Desmontara.
8 Semhora. Enterrar em lodaçal.
9 Relativo a oásis. Tosquia.
10 Certeza.
11 Cabelos brancos. Ordenai.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 540

HORIZONTAIS:

1 Título do soberano da Etiópia. Sepultura.
2 Levantaras. Nesse lugar.
3 Jubas. Costume.
4 Nome de homem. Transpiramos.
5 24 horas. Batráquio. Átomo.
6 Sadio. Continuado.
7 Catafalco. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo. Cidade da Ucrânia.
8 Deus dos pastores. Nome de mulher.
9 Azia. Nome do trono imperial da Etiópia.
10 Neon (s.q. e inv). Rio de França. Dividir ao meio.
11 Ralador. Aloja em tendas.



VERTICAIS:

1 Morte de um tecido. Preposição.
2 Prendeu com elos. Toma de assinatura.
3 Lamentos.
4 Freguesia do concelho de Vimioso. Pequeno planeta descoberto em 1932 pelo belga Delporte, no Observatório de Ucle.
5 Peneirar. Guarneço de asas.
6 Érbio (s.q). Letra grega.
7 Colega.
8 Arsénio (s.q). Matemática. Mulher nobre.
9 Alternativa (inv) Sacudam.
10 Antiga medida de quatro palmos. Cidade de França.
11 Escudeiro. Tostara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 700**

HORIZONTAIS:

1 A. OCASIÃO.
2 Rã. Avis. La.
3 Ríamos. Ocar.
4 Ur. Asta. Adi.
5 Lear. Arrã.
6 Cãs. Aa.
7 Apodaria. Op.
8 Éramos.
9 Asoto. Ode.
10 At. Ratadas.
11 Zurca. Amara.

VERTICAIS:

1 Arrulha. FAZ.
2 Aire. Pê. Tu.
3 Açora.
4 Camaradas.
5 Avós. Samora.
6 Sisto. Rota.
7 Si. Risota.
8 Am.
9 O. Cara. Soda.
10 LADRÃO. Dar.
11 Caria. Presa.

PROVÉRBIO: A ocasião faz o ladrão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 539**

HORIZONTAIS:

1 Jarreteira.
2 Amainara. Me.
3 Votar. Com.
4 Aro. Ecaras.
5 Lo. Idades.
6 Ísara. Orçar.
7 Nanaras. Aer.
8 Asadas. Sire.
9 Tosaras.
10 Ovas. Der. Ba.
11 Cor. Começar.

VERTICAIS:

1 Javalina. Oc.
2 Amorosas. V.º.
3 Rato. Anatar.
4 Ria. Irados.
5 Enredaras.
6 Ta! Cá. Asado.
7 Errados. Rem.
8 Ia. Rer. Sare.
9 Cascais.
10 Amos. Aer. Ba.
11 Em. Arredar.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Trechos de óperas; **17.00**: Integrais; **17.22**: Noveletas, opus 21, de Schumann; **18.00**: Trio, em sol maior, op. 9, n.º 1 de Beethoven; **18.40**: Requiem, op. 5, de Berlioz; **20.05**: Primeira sonata, em fá sustenido menor, op. 24, n.º 1, de Enesco; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «Nero», de Boito; **23.45**: Solos instrumentais, de Franz Schubert; **00.25**: Música, de Olivier Messian; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A Floresta Portuguesa: «A Floresta e a Indústria». O abate das árvores, os sectores de aplicação artesanal da madeira e de métodos industriais e o aproveitamento da floresta. «O Urso Tedy».

18.45 — País, País

19.15 — Desporto

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

(23.º episódio): Osmar tenta encontrar Ronaldo. Amauri liga a dizer que Ronaldo está em casa dele. Ronaldo, revoltado com a mãe, diz que a não quer mais ver. Osmar tenta contornar a situação e consegue que Eloá converse com o filho. Os três acabam por se reconcilar. Margarida manda trazer Heloísa para que ela se acostume com a nova casa. Teresa e Alfredo chegam de viagem. Amauri persegue Lúcia e vigia-a, o tempo todo. Segundo a polícia, o avião de Alceu caiu depois de bater contra um urubu. Rogério põe o caso do homem misterioso nas mãos de um detective. Lúcia diz a Alice que o dinheiro delas acabou de vez. Eloá está em casa sozinha quando recebe a visita do homem misterioso.

21.25 — Europa

O rearmamento alemão. A criação da NATO. Uma Europa neutral, entre URSS e EUA, ou uma Europa unida mas aliada aos EUA? A guerra da Coreia. Os EUA insistem no rearmamento alemão. A Comunidade Europeia de Defesa como «resposta europeia» ao problema. Adenauer propõe participação alemã num exército europeu. De Gaulle contra. Os acordos de Paris criam a União da Europa Ocidental, permitindo a entrada da RFA na NATO. O fracasso da CDE representou, no entanto, a inexistência, até hoje, de uma política europeia de defesa. A solução cómoda de viver sob o «guarda-chuva» nuclear americano. O falhanço da CDE, prenúncio da crise da união política europeia. Perspectivas actuais: Duas propostas para a Europa económica: A integracionista e a livre cambista. Mac Millan propõe a Zoom de trocas livres (1956). A conferência de Messina.

21.50 — México/86

(5.º programa)

22.20 — As Aventuras de Sherlock Holmes

(8.º episódio): Alguém está interessado em pagar três vezes mais que o habitual, a uma professora particular, desde que aceite cortar o seu bonito cabelo castanho e usar determinado vestido azul. Violet Hunter, vê-se envolvida neste mistério, que Sherlock Holmes e Watson, desvendarão com argúcia.

23.15 — 24 Horas

23.40 — Remate

RTP 2

19.30 — Notícias

19.37 — Desenhos Animados

«Recruta Bailey»

20.00 — Conheça Melhor

«Bélgica»

20.30 — A Família Vialhe

(2.º episódio): Verão de 1909. Pierre volta do serviço militar, recusa-se a aceitar a tirania do pai e, sai de casa. A vítima passa a ser a filha mais nova, Berthe. Verão de 1944. Assassínio de Jaures, mobilização geral, a guerra. A povoação adapta-se às dificuldades e Berth que, entretanto, atinge a maioridade, foge de casa. Jean-Edward e a mulher ficam sozinhos na quinta. Intérpretes: Maurice Barrier, Suzanne Carra, Bruno Devoldere (entre outros). Realização de Phillipe Monnier.

21.30 — Notícias

21.35 — Da... Música

Encontros com Maria João Pires. A pianista Maria João Pires que preenche este programa, executando valsas de Chopin, é entrevistada por Herman José. Maria João Pires — pianista; entrevistador — Herman José; produtor — P.M. Martins.

22.40 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP-1

11.00 — Gente Singular
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical

Verónica consegue retirar Vítor do carro antes deste explodir, mas este está desmaiado. Bina não percebe porque não pode ficar em casa e acorda Marco para que ele lhe explique porque mandou embora o irmão. Oliva castiga Gabi por ter sido expulsa da faculdade. Ivan conta a Verónica que Vítor morreu durante a operação. Teo promete a Catarina não a trair contando ao avó o acordo dela com o dr. Rodrigues. Luca despede-se de Jonas e promete visitá-lo quando estiver em Belém. Miro avista Zeca e sai a correr do escritório.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Follow Me
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.15 — Guerra e Paz
22.00 — Sarilhos com Elas
23.05 — 24 Horas
23.30 — Remate

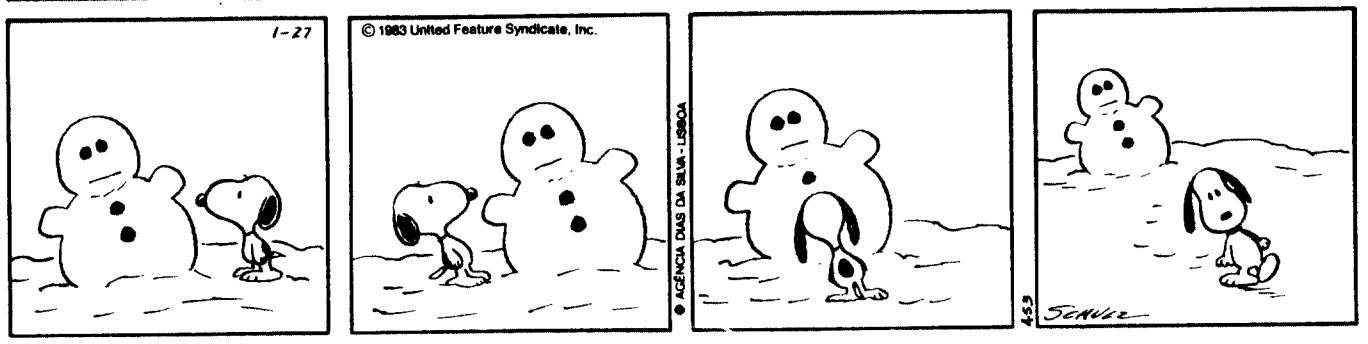
RTP-2

19.30 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Enquanto é Tempo
20.30 — Adágio
21.00 — Viagem pelo Teatro
21.30 — Notícias
21.35 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES
S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1
22.15 — As Aventuras de Sherlock Holmes
RTP 2
20.30 — A Família Vialhe
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.42	**4,10 m**	09.16	**1,00 m**
15.57	**4,00 m**	21.31	**0,90 m**
Dia 11			
04.14	**4,00 m**	09.45	**1,00 m**
16.28	**3,90 m**	22.01	**1,00 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	0°
VIANA DO CASTELO	4°
VILA REAL	2°
PORTO	2°
COIMBRA	3°
CABO CARVOEIRO	8°
CASTELO BRANCO	4°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	7°
ÉVORA	5°
BEJA	5°
FARO	8°
SAGRES	8°
PONTA DELGADA	11°
FUNCHAL	13°

Oposição responde a Cavaco Silva

A Oposição desencadeou esta manhã um forte ataque contra a intrevenção televisiva de Cavaco Silva, na passada terça-feira. Não houve excepções: todos os partidos da Oposição acusaram o primeiro-ministro de falta de rigor e demagogia.

Raul de Castro, do MDP/CDE, abriu a série de críticas, rebatendo ponto a ponto as alegações do chefe do Governo que acusou de preferir «o monólogo televisivo ao debate institucional».

José Carlos de Vasconcelos, da direcção parlamentar do PRD, recusou, ao primeiro-ministro, legitimidade para «dizer na televisão o que disse». Acusou Cavaco Silva de «julgar-se detentor da verdade absoluta» e referiu que, quando disse que iria tornear as alterações impostas pela Oposição, estava na verdade a dizer que não iria respeitar o Orçamento.

Mas a intervenção mais contundente seria a de Almeida Santos, do PS, aplaudida no final por todas as bancadas da Oposição, com excepção da direcção do grupo parlamentar do PRD.

Almeida Santos disse ser «ridiculo» estabelecer uma relação de causa e efeito entre a baixa da gasolina e o preço do leite e classificou a intervenção de Cavaco DSilva como «pouco séria» e como tendo «poluído a televisão», acrescentando que o primeiro-ministro havida perdido «o respeito pelo país e por si próprio». E concluiu: «Não acredito que seja verdade este primeiro-ministro».

Seguiu-se no uso da palavra o deputado Octávio Teixeira, do PCP, que, num discurso técnico, rebateu o primeiro-ministro e, referindo-se por sua vez aos preços da gasolina e do leite, disse «ser falso» que a descida de um impeça a baixa do outro.

Obrigatória a declaração dos casos de SIDA

O Ministério da Saúde anunciou ter adoptado uma resolução do Parlamento Europeu que apoia a introdução na CEE de testes gratuítos e anónimos de contaminação pela SIDA e a obrigatoriedade de declaração dos casos da doença.

A garantia do anonimato dos doentes por parte da classe médica faz parte da resolução adoptada pelo Parlamento Europeu em 13 de Março.

Da resolução consta ainda um apelo aos meios de Comunicação Social para que comentem o tema de modo sério. abrangente e regular e um convite aos ministros da Saúde. através dos Estados membros para que apoiem um plano de combate da doença, através de resoluções comuns e da necessária dotação de meios.

Autoridades italianas à caça de terroristas

As autoridades italianas implementaram um gigantesco dispositivo de «caça aos terroristas» depois de receberem informações sobre um plano árabe de atentados na Itália, informaram fontes do Ministério do Interior.

A notícia de um «último» dos terroristas libaneses ao Governo italiano, recebida de Beirute, levou os ministros italianos da Defesa e do Interior a reforçar as medidas de segurança nos aeroportos, embaixadas, bases militares e edifícios públicos em toda a Itália.

Um comunicado, assinado pelo «Grupo de Defesa dos Prisioneiros Politicos Árabes na Europa», recebido nos escritórios da agência italiana ANSA em Beirute, anunciava uma série de ataques «nas ruas italianas e contra cidadãos e bens italianos na Europa e no Médio-Oriente».

/D/E/C/A/R/A/S/

PIRES DE MIRANDA, ministro dos Negócios Estrangeiros, disse que a dimensão cultural «assume uma permanente relevância» na política externa portuguesa. Pires de Miranda fez esta afirmação ao dar posse ao novo secretário-geral do Ministério, António Patrício. O ministro explicou que a vertente cultural da política externa deve ser valorizada, tendo em atenção o passado histórico do País.

ARISTIDES PEREIRA, presidente da República de Cabo Verde, encontra-se desde ontem em Tunes, para uma visita oficial de três dias à Tunísia. A digressão, que se realiza a convite do chefe de Estado tunisino, termina no sábado, dia em que Aristides Pereira regressa à Cidade da Praia.

LEONARDO RIBEIRO DE ALMEIDA, ministro da Defesa, afirmou ontem no mosteiro da Batalha que «a paz de que gozamos e em que queremos continuar a viver é sinónimo de desenvolvimento». Ribeiro de Almeida falava na sessão solene das comemorações do 9 de Abril, data que assinala a passagem do sexagésimo oitavo aniversário da Batalha de La Lys e quinquagésima romagem ao túmulo do soldado desconhecido, a que assistiram altas individualidades militares e civis.

IAN SMITH, líder da oposição branca do Zimbabwe e ex-primeiro-ministro rodesiano, foi considerado culpado de ofensas ao Parlamento do país — disse uma comissão parlamentar. O grupo designado especialmente para analisar as declarações de Ian Smith numa entrevista à BBC, em Outubro do ano passado, emanou o seu parecer depois de ouvir um advogado que considerou as declarações em causa depreciativas para os parlamentares.

EDUARDO MONDLANE: uma biografia do fundador e primeiro presidente da Frelimo, da autoria da sua mulher, Janet Mondlane, vai ser publicada ainda este ano. A biografia, «O Eco da Sua Voz», tem como base as recordações pessoais de Janet, as milhares de cartas trocadas entre ambos e 25 entrevistas de contemporâneos e amigos de Eduardo Mondlane.

VERGÍLIO FERREIRA: a Assembleia Municipal de Gouveia aprovou por unanimidade a instalação de uma sala dedicada ao escritor, no âmbito do museu-biblioteca daquela vila. A proposta foi subscrita pelo representante do Partido Renovador Democrático, Casimiro Nogueira. Vergílio Ferreira é natural da freguesia de Melo, no concelho de Gouveia, facto que esteve na base da apresentação da referida proposta.

Afirmado na inauguração da Filagro/86

Agricultura é prioritária para a integração europeia

O ministro do Trabalho, Mira Amaral, considerou ontem que o sector agrícola «é primordial, face à situação de Portugal em relação à CEE».

Falando na inauguração da Filagro/86 — Salão Internacional de Agricultura e Pecuária, que está a decorrer na Feira Internacional de Lisboa até 13 de Abril, Mira Amaral lembrou a importância e o empenhamento do factor humano no sector agro-pecuário, considerando que «o Governo confia no trabalho dos portugueses, e em recursos humanos, eles são tão aptos como os europeus».

À inauguração esteve também presente o secretário de Estado da Alimentação, Amaral de Matos, que referiu existirem «boas perspectivas» no que respeita a capacidade de adaptação e trabalho, tendo em visita a integração europeia, realçando que «os próprios agricultores estão optimistas em relação às perspectivas dessa integração».

«É encorajador verificar que temos mais de 300 projectos com valor total superior a 30 milhões de contos para enviar ao FEOGA — Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola — referiu Amaro de Matos ao interpretar o empenhamento dos agricultores portugueses no processo de integração na Comunidade Económica Europeia. Acompanhou também o ministro o presidente Rocha de Matos, da Associação Industrial Portuguesa, entidade organizadora de Filagro/86.

Ramalho Eanes felicita o "DL"

Por motivo da passagem do 65.º aniversário do «Diário de Lisboa», o general Ramalho Eanes enviou-nos um telegrama no qual felicita «a direcção, jornalistas e todos quantos tornam possível o 'Diário de Lisboa', título prestigiado entre a informação portuguesa».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIARIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 248

Mil contos para Lobo Antunes

■ *«Auto dos Danados» ganha grande prémio da APE*

AÍ está: depois de um momento (não muito longo) de hesitação, e sobretudo porque Portugal é, de facto, um país onde o «segredo» é impossível de guardar, soube-se que Lobo Antunes tinha ganho o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores com o seu romance **Auto dos Danados**. O **Ler Escrever** também o soube, e há quinze dias publicou em primeira página uma extensa recensão do livro, assinada por Urbano Tavares Rodrigues, chamando exactamente a atenção para a obra que... ia ser premiada.

Esta semana, Lobo Antunes instalou-se na D. Quixote para satisfazer os diversos pedidos de entrevista provocados pela atribuição do prémio de mil contos. Ele, o psiquiatra de 45 anos (Virgem, 1 de Setembro), homem da escola freudiana e da grupo-análise, emergiu como autor em 1979, com dois romances que conheceram um êxito fulminante: **Memória de Elefante** e **Os Cus de Judas**. Seguir-se-lhes-iam, a uma cadência quase anual, **Conhecimento do Inferno** (1980), **Explicação dos Pássaros** (1981), **Fado Alexandrino** (1983) e no ano passado, **Auto dos Danados**, obra que viria a dar-lhe a preferência do júri da APE.

Nesta meia dúzia de anos, Lobo Antunes vê-se traduzido e editado ou em vias de edição nos EUA, Canadá, França, Inglaterra, Espanha, Brasil, Itália, Alemanha Federal, Dinamarca... e incluído em diversas antologias, entre as quais a **Literature for Politics**, da Granta, 1983, surgindo ao lado de Peter Weiss, Milan Kundera, Nadine Gordimer e Uwe Johnson.

Tanto quanto se sabe, estão em elaboração, ou já publicadas, teses e trabalhos de fim de curso sobre a sua obra nos EUA, Brasil e em França. Nos cursos de português das universidades francesas, as suas obras são indicadas como de leitura obrigatória. Entretanto, passaram à história e são quase desconhecidos os seus textos sobre D. Duarte, Bocage, Antero, Ângelo de Lima e Lewis Carrol.

Nada na manga: o **Auto dos Danados** é dedicado, **também**, a Thomas Colchie, «meu agente e amigo, cuja fé e entusiasmo tão decisivos foram ao longo da dolorosa composição deste livro».

A D. Quixote soube apostar nele desde o início: os seus seis títulos estão publicados na colecção **Autores de Língua Portuguesa**, desta editora.

No entanto, António Lobo Antunes não deu sempre provas de grande perseverança na vontade de trabalhar em Portugal: em Julho de 1983, por exemplo, num colóquio promovido em Coimbra pelo Sindicato dos Professores da Região Centro, ele disse que iria em breve abandonar Portugal para se fixar nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, reconhecia que tirara o curso de medicina «por acidente e que ganhava mais dinheiro 'a escrever histórias' do que como médico». Convidado, por psiquiatras, a comentar a situação nos hospitais para perturbados mentais, ele sublinhava «o poder discricionário dos médicos sobre o doente, que tanto pode levar electrochoques como um conselho, um comprimido ou uma consulta de psicanálise». Criticava igualmente os psicanalistas portugueses, «que de manhã fazem electrochoques e de tarde dão consultas nos seus consultórios». Referindo-se, então, ao seu trabalho literário, Lobo Antunes dizia que a **Memória de Elefante** é um livro fraco e cheio de defeitos, **Conhecimento do Inferno** um livro falhado, e **Os Cus de Judas** um livro razoável.

Poucos meses depois de ter surgido como escritor, ainda em 1979, Lobo Antunes explicava como trabalhava, numa entrevista ao «Diário de Lisboa»:

«Traço um plano, ando com a história na cabeça um ano ou dois... e depois sigo o plano ponto por ponto. Escrevo com muita lentidão e dificuldade, três ou quatro horas por dia, e por vezes essas horas podem render-me apenas sete ou oito linhas. O meu método consiste na elaboração de três versões da história. A terceira é sempre definitiva. Depois não olho mais para o livro, nem provas, nem originais, nem nada.» Ele dizia também, então, que três quartos do que escrevera antes de **Memória de Elefante** tinham ido para o lixo, tinham acabado amarrotados no cesto dos papéis.

Lobo Antunes, que tinha publicado, então, os seus dois primeiros títulos, descrevia assim o estado das coisas na literatura portuguesa: «Na nossa literatura predominam duas espécies de escritores: os incompreensíveis e os que escrevem à moda de Ferreira de Castro.» Entre os estrangeiros, Hemingway, Faulkner e Céline tinham a sua preferência.

«O livro — dizia então o autor de **Memória de Elefante** e de **Os Cus de Judas** — é uma espécie de suporífero que se lê à noite na cama.» E citava Nuno Bragança que tinha escrito, em **Directa:** «a grande coisa da vida é... a vida».

Amanhã à tarde, Lobo Antunes é apresentado pelo júri como o autor que leva o Grande Prémio da APE de 1985.

Setecentos e cinquenta para Fiama

■ *«Âmago I — Nova Arte» ganha novo prémio INASSET*

UM outro «grande prémio» esta semana atribuído, e que o da APE quase fez esquecer, foi o Inasset, instituído pela INAPA (uma das mais importantes empresas portuguesas de papel) no valor de 750 contos. Trata-se do Grande Prémio de Poesia, criado este ano, e que foi entregue a Fiama Hasse Pais Brandão, pelo seu livro **Âmago I — Nova Arte.** O júri do prémio Inasset, escolhido pelo Centro Nacional de Cultura, integrava Alberto Vaz da Silva, Hélder Moura Pereira e José Bento, e a INAPA tenciona dar-lhe periodicidade bianual, prevendo, para 1987, a criação de um galardão suplementar — o Prémio Revelação.

Fiama Hasse Pais Brandão, hoje com 46 anos, publicou **em cada pedra um voo imóvel, Morfismos, (Este) Rosto, Área Branca** e **Cântico dos Cânticos,** além de **Âmago I — Nova Arte.** Preferencialmente afastada da vida pública, Fiama é, desde os anos 60, uma das vozes de maior importância da poesia portuguesa.

...E sete mil e quinhentos para Marguerite Duras

■ *Prémio Hemingway para «O Amante»*

Foi o romance «L'Amant» (O Amante) que lhe deu o prémio Hemingway. Para ela, trata-se de apenas mais uma consagração internacional, embora o valor a receber também tenha **algum** significado: são 50 mil dólares (perto de 7500 contos). Aos 71 anos, Marguerite Duras é eleita por um júri internacional de onze elementos, entre os quais Pierre Sallinger, que foi conselheiro de Imprensa do presidente Kennedy. Marguerite Duras, cujo romance mais recente, «A Dor», está igualmente traduzido em português, é desde há longos anos conhecida do nosso público leitor; conhecemo-la desde «Hiroxima meu amor» e «A tarde do sr. Andermas». Tardiamente, a romancista «passou» também pelo cinema, sobretudo com dois filmes que marcaram momentos importantes do cinema francês dos últimos anos: «Détruire, dit-elle», e «India Song». Actualmente, colabora regularmente num novo semanário parisiense, **L'Autre Journal,** que publicou, coincidindo com a campanha para as Legislativas do mês passado, uma longa entrevista em três semanas consecutivas, realizada por Duras com François Mitterrand. Duras impôs-se como autora na orla do «nouveau roman», mas é, hoje como já no tempo de «Hiroxima meu amor», uma escritora da **memória.**

Estante infantil

TÍTULO — Charlie e a fábrica de chocolate
AUTOR — Roald Dahl
ILUSTRADOR — Faith Jaques
TRADUÇÃO — Ana Paula Mota
EDITOR — Círculo de Leitores

É frequente ouvirmos dizer e ler que, no domínio da tecnologia, Portugal se encontra atrasado uma data de anos, com evidente reflexo no nosso desenvolvimento económico.

Também no domínio cultural o nosso atraso anda pelas dezenas de anos, com os prejuízos que me abstenho aqui de enumerar. De facto, o contacto internacional não é apenas indispensável aos jogadores de futebol.

Vai para cima de duas dezenas de anos, publicava Roald Dahl o seu CHARLIE E A FÁBRICA DE CHOCOLATE, que é hoje um clássico da literatura infantil. Por esse tempo, só quem dominasse o inglês podia conhecê-lo — isto numa altura em que já proliferavam as traduções de escalracho comerciais que ainda por aí circulam.

Temo-lo agora traduzido, finalmente, e editado em Portugal, pelo Círculo de Leitores. Gratos as crianças e os autores portugueses.

Roald Dahl conta-nos as aventuras de cinco crianças que se encontram envolvidas em mil e uma peripécias durante a visita a uma fábrica de chocolates. Charlie é o menino bom, o menino pobre, amigo da família e do estudo. Os outros são umas pestes, cada qual a seu modo: Augustus é glutão, Veruca é a menina estragada com mimos (o que, para um educador inglês é o cúmulo dos defeitos) Violet masca pastilha elástica constantemente (pastilha elástica: herança da civilização americana do após-guerra...) e Mike é o menino que nada mais faz senão ver televisão — e por isso recebe o pior dos castigos: transforma-se num pigmeu, destino fatal, acrescento eu, de todos meninos e crescidos que vêem muita televisão. Um só acaba por ser premiado e se transforma no herói positivo da história: Charlie, pois claro.

Isto dito assim parece envolver restrições a este Charlie. Envolve, mas só um bocadinho. De facto, a finalidade moral (e haverá literatura, para crianças ou para adultos, que a não tenha?) não ocupa neste **Charlie** uma posição escandalosa. Ela fica mesmo soterrada pela imaginação, pela criatividade, por essa qualidade indefinível, e que mais que todas me apaixona na literatura para crianças, que é a alegria de escrever. Diz-nos Roald Dahl que este livro nasceu das histórias que contava aos filhos antes de adormecerem. E talvez esteja aí o segredo da alegria de escrever: fazer de conta que os leitores são os nossos filhos...

Roald Dahl é já conhecido dos telespectadores portugueses adultos. Era o autor dos **Contos Imprevistos,** lembram-se? Chegou agora a vez de as crianças o conhecerem. E vale a pena.

Mário Castrim

Lemos para si

Estradas de Fogo. **Bruce Springsteen, Assírio e Alvim (prefácio e tradução de João Lisboa)**

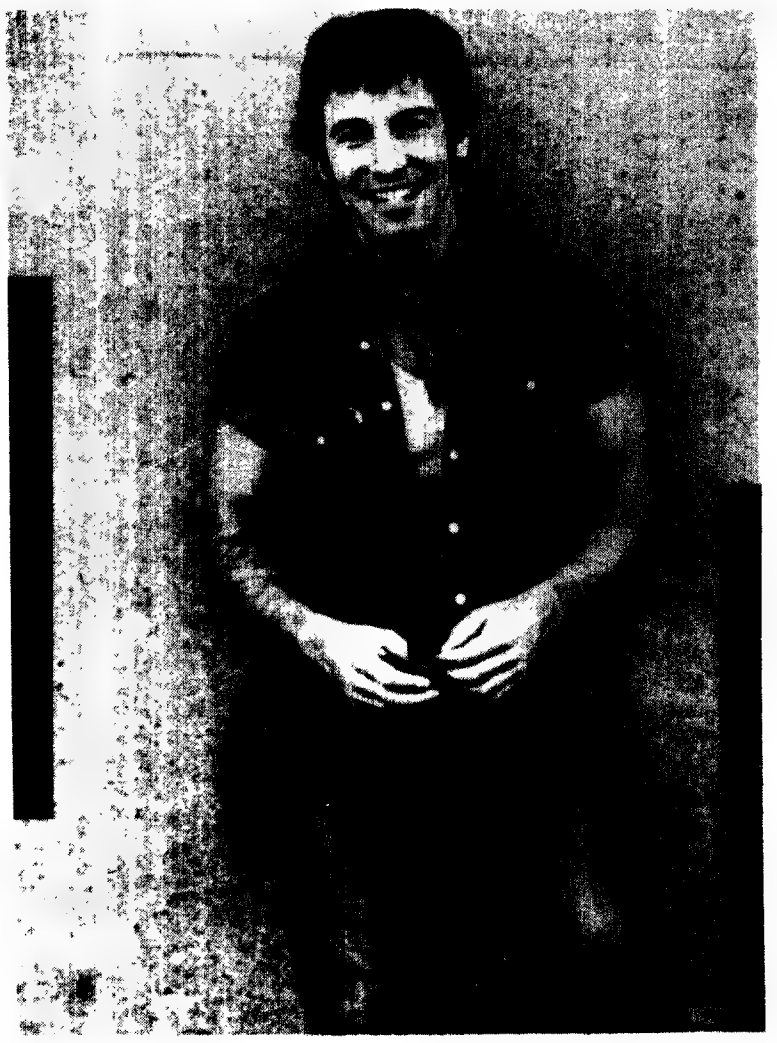
«PORQUE não canta nossa fuga heróica?» Perguntava ao trovador a Princesa após a primeira fuga do palácio do rei de Chifres. Será todavia que o imaginário que preside a **Taran** se encontra de algum modo fundamentado no nosso quotidiano? E ainda: será que aos novos **trovadores** restam **fugas** ou **feitos heróicos** para serem cantados?

Se à primeira questão a outros competirá encontrar resposta, quanto à segunda, algo deverá ser referido. Com efeito, muito tem sido dito a propósito do **fenómeno** Springsteen (e, como sucede frequentemente, não indo, por vezes, além da tradução de revistas americanas), tendo-se chegado ao ponto de, graças às «escolhas» dos candidatos presidenciais, se identificar de uma forma apressada e idiota, Springsteen-direita Vs Waits-esquerda. Ora, contra tudo isto conseguiu reagir João Lisboa no seu prefácio a **Estradas de Fogo.**

Em primeiro lugar, João Lisboa insere Springsteen, de uma forma necessariamente sucinta, numa tradição americana, recorrendo, e muito bem, a **On the Road** de Jack Kerouac: «É exactamente em New Jersey, onde a estrada de Kerouac se suspende temporariamente no final de **On the Road,** que tudo começa com Bruce Springsteen. E, num como noutro, é, de igual modo, sob céus intermináveis que tudo se passa, por extensões de terra e estradas que cavalgam o horizonte, percorridas sem destino, eternamente em perseguição de sonhos sucessivamente encontrados e logo desfeitos, mas sempre incansavelmente procurados por entre os destroços de 'qualquer coisa que há na noite'.»

Em segundo lugar, o prefaciador sugere que a dicotomia Springsteen-Waits constitui uma resposta fácil demais para ser resposta: «O Sprigsteen de hoje é cada vez mais irmão quase gémeo de Tom Waits no mesmo universo cru e desamparado que ambos partilham.»

Na realidade, o trabalho deste compositor — intérprete deverá ser entendido no espaço de uma tradição tipicamente americana que, em termos temáticos, poderá ser traçada a partir de finais dos anos sessenta. Embora escrito na década anterior, **On the Road**, insinua a atmosfera de busca utópica que irá delinear a geração seguinte: na recusa da moral da classe média, as gerações de sessenta tentam encontrar formas de estar e de (con)viver a amizade e o amor que em tudo se assemelham à perfeição, i.e., à utopia. A viagem o pacifismo, as comunidades marcadas por um claro regresso às origens, surgem de imediato identificados com os anos sessenta e com aquela maneira de estar. Mas, e **On the Road** prova-o de uma forma evidente, foram os anos cinquenta que sedimentaram



uma possibilidade de existência que se tornaria importante entre certos grupos sociais na década seguinte. Nada de mais errado do que pensar numa dicotomia do tipo anos cinquenta Vs anos sessenta, ou, como mais habitualmente sucede, ao vazio dos anos cinquenta, sucede a utopia de sessenta.

O mesmo se passa em relação à década de setenta e, obviamente, à de oitenta. Ninguém melhor do que Jim Morrison para mostrar como imprecisas e vãs são as barreiras das décadas. «Queen of the Highway», de 1970, em tradução de Manuel João Gomes (Assírio e Alvim, 1981):

Era uma princesa, rainha da estrada.
O sinal anuncia: leva-nos à madre.
Ninguém o podia salvar salvo o tigre
[cego;
ele era um monstro negro vestido de
[couro;
e ela uma princesa, rainha da estrada.

Casaram-se entretanto, é uma boa
[moça,
Nus como crianças no meio do prado,
mas como crianças, perfeitos
[selvagens.
Breve terão filhos, tudo recomeça.
Tudo recomeça.

Rapaz americano, moça americana,
não há em todo o mundo criaturas mais
[lindas.
Filho dum remoinho índio da fronteira,
dançando no informe remoinho
[da meia-noite,
espera que as coisas perdurem algum
[tempo mais.

Neste texto estão presentes algumas linhas de força da chamada geração de sessenta, de imediato reconhecíveis na viagem, na liberdade, na harmonia do bom selvagem com a natureza, na vida **pura**. E, no entanto, eis que o último verso insinua já uma outra atmosfera, a de um futuro que se aproxima e que, por certo, vai pôr em causa a harmonia do presente. Com a descoberta da fugacidade do tempo, chega a destruição da utopia porque já vivida e consciencializada.

Bruce Springsteen inicia a sua experiência musical, ou **de estrada**, como sói dizer-se, no final dos anos sessenta, i.e., quando a atmosfera utópica se desvanece e um outro tempo sem mitos se aproxima, ou, como o diz Mary Renault em **Funeral Gales**, último livro da trilogia por ela dedicada a Alexandre da Macedónia: «A time had gone and a time was coming, and they did not like the auspices of its birth.» Poder-se-á dizer que Jim Morrison, tal como Mary Renault, «did not like the auspices of its birth», ao escrever «espera que as coisas perdurem algum tempo mais».

Com efeito, recorde-se a solução imposta para a guerra do Vietname, o caso Watergate, o pessimismo de Carter e, porque não?, as personagens de Woody Allen obcecadas nos seus universos de neurose.

Springsteen acompanha discograficamente todo este espaço de tempo: **Greetings From Asbury Park, New Jersey**, seu primeiro álbum é de 1973, tendo ainda ditado, até 1980, mais três álbuns. Ora, também os temas por ele focados nos seus textos revelam essa passagem do tempo que culminará na lucidez desencantada de **Born in the USA**. (E aqui uma pequena chamada de atenção para a importância do conhecimento do texto do tema que dá nome a este álbum. Aqui se demonstra quão er da pode ser a aproximação imediatista do cantor poeta a ondas revivalistas existentes nos Estados Unidos.)

Em alguns dos textos antologiados por João Lisboa se demonstra qual o solo de sedimentação mítica desta América nos anos oitenta, e como tão pouco de heróico resta para cantar. Na realidade, o trovador de **Taran** teria bastante dificuldade em encontrar, por exemplo, os **feitos** dos **gangs** ansiados por Rusty James, mas por certo encontraria aí os sinais que permitem reconhecer uma América que, também ela, se pretende reconhecer.

É nessa linha de lucidez desencantada que se inserem textos como «The Promised Land» ou «Glory Days». Observe-se o seguinte excerto do primeiro:

Já sou um homem, não sou um miúdo,
E acredito que existe uma terra
[prometida.
Tenho feito tudo para viver como deve
[ser
Todas as manhãs me levanto e vou
[trabalhar todos os dias
Mas os olhos deixam de ver e o sangue
[esfria
Por vezes sinto-me tão fraco que só me
[apetece explodir
Explodir e rebentar com esta cidade
Pegar numa faca e arrancar esta dor do
[coração
Encontrar alguém desejoso de ver algo
[a começar

A **terra prometida** insinua-se aqui em estreita associação com a consciência. Longe do jovem, ou da criança frágil, surge agora o homem que trabalha bem duro, a imagem do operário numa zona industrial (e a própria imagem de força de Springsteen). A tensão decorre da expectativa da utopia sempre adiada. Também «Glory Days» aponta de uma forma evidente para a importância da consciência e da lucidez no conhecimento de si próprio:

Acho que esta noite vou até ao bar
Beber até ter a minha conta
E só espero que quando for velho
Não fique por aí recordando,
Mas, se calhar, ficarei mesmo...

Talvez resida aqui uma marca de geração que a diferencia de outras, nesta lucidez no enfrentar do quotidiano, onde a ideia da utopia ainda é uma presença que não serve, todavia, de justificação para o adiar do presente.

Mário Avelar

Um espaço privilegiado

O Ler-Escrever é um espaço privilegiado para a publicidade do livro. Quanto mais os nossos leitores o lêem, mais têm vontade de ler os textos e os autores a que ele se refere, em cada novo número. Porque não pode este espaço ser para si, já na próxima semana?

Lemos para si

O amor nos tempos da cólera, Gabriel Garcia Marquez

HÁ quatro anos, numa longa conversa com Plínio Mendonza, seu antigo companheiro de redacção na Prensa Latina, contou Garcia Marquez como seu pai, Gabriel Garcia, o violinista e telegrafista de Aracataca (dezasseis filhos conhecidos e outros semeados) lamentava o facto de o filho escritor nunca o referir nos seus livros e entrevistas. Já na casa dos oitenta, Gabriel-pai comentava, com raro sentido de humor, que o filho se parecia com «esses franganotes que se julgam gerados sem galo à vista».

O remoque deve ter pesado na consciência de Gabo, que admitiu ter dado maior atenção nos seus livros às figuras da mãe e dos avós maternos, nomeadamente nos «Cem anos de solidão» (avós) e na «Crónica de uma morte anunciada» (mãe). A branda censura do pai teve, porém, um prémio fabuloso. Chama-se «O amor nos tempos da cólera», o último e talvez mais belo dos romances de Gabriel Garcia Márquez, à espera de edição em Portugal.

A «comunicação tranquila...»

Não o li de um fôlego, ao contrário da «Crónica...» ou dos «Cem anos...». Este «Amor» de Florentino Ariza, violinista, telegrafista e, depois, abastado administrador da Companhia Fluvial do Caribe, por Femina Daza, é para saborear calmamente, sem pressas.

Ele estabelece finalmente, julgo, a tão desejada «comunicação tranquila» do escritor com os eleitores... e com o pai. Obra da maturidade, da reflexão, do encanto medido, controlado, história de meio século de experiências com pais, avós, filhos, mulheres, aldeias, cidades, continentes. Um relato límpido, azul, caribenho e simultaneamente denso.

«Meditações sobre a vida, o amor, a velhice e a morte, ideias que lhe tinham passado muitas vezes, esvoaçando como pássaros nocturnos sobre a sua cabeça mas que se desfaziam num regueiro de penas quando tentava agarrá-las... Ali estavam nítidas, simples, tal como (ela) gostaria de as exprimir» assim pensava Fermina, «la diosa coronada», (Luísa e Mercedes, mãe e companheira do escritor?) ao ler, viúva já, as cartas de Florentino Ariza, que, cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias depois da primeira declaração, lhe fora «reafirmar o juramento de fidelidade eterna e amor para sempre».

Episódios reais, entre outros, da vida do pai, da mãe e da sua própria vida (os tempos de Barranquilla, cidade caribe, onde foi hóspede, longo tempo, num hotel de prostitutas), são magnificamente recriados nesta história de rara beleza e ternura, a história de um homem que permaneceu fiel ao seu primeiro único e verdadeiro amor. O amor por Fermina Daza. E, no entanto, cinquenta anos mais tarde, quando Fermina, ficou «livre da obrigação matrimonial», tinha Florentino «uns vinte e cinco cadernos com seiscentos e vinte e dois registos de amores contínuos, fora as incontáveis aventuras fugazes que não mereceram uma simples nota de caridade...».

Amaram-se, finalmente, num incrível cruzeiro fluvial. «Foi como se tivesse ultrapassado o duro calvário da vida conjugal para chegarem, sem mais voltas, à semente do amor. Deixavam-se estar em silêncio, como dois velhos esposos, escaldados pela vida, para além dos enganos das paixões ou dos brutais ardis das ilusões e dos espelhos dos desenganos. Tinham vivido o bastante para saberem que o amor é o amor em qualquer tempo e em qualquer lugar, todavia mais denso quanto mais próximo da morte.»

... Dos «amores contínuos»

Confessou Garcia Marquez a Plínio Mendonza («El olor de la guayba») que os principais personagens dos seus livros são construídos com «peças de pessoas muito diferentes e, obviamente, com peças de mim próprio».

Florentino Ariza, telegrafista e violinista, hóspede também de um hotel de garças nocturnas, foi profundamente discreto acerca das aventuras menos passageiras. Aventuras do pai, histórias do filho?

«Rosalba, a mais antiga, que empe-

nhou o troféu da sua virgindade; a Viúva de Nazaret, a única com quem profanou a casa materna e a quem consagrou mais compreensão que a qualquer outra por ser a única que irradiava ternura suficiente para esquecer a Fermina Daza; Prudência Pitre, a mais velha das sobreviventes, conhecida como a «Viúva de Dois», porque o era duas vezes; a viúva de Arellano, a amorosa, que lhe arrancava os botões para o demorar mais em casa enquanto os voltava a coser; Josefa, a viúva de Zuniga, louca de amor por ele, que esteve a ponto de lhe cortar o «pião» durante o sono com as tesouras de podar para que não fosse de mais ninguém, ainda que nem dele também; Angeles Alfaro, a efémera, de todas a mais amada, que tocava violoncelo na azoteia, nas noites de luar, tal como a sua mãe a deitara ao mundo — «Com ela aprendeu Florentino Ariza o que sofrera muitas vezes sem se aperceber: que podemos estar enamorados de várias mulheres ao mesmo tempo e de todas com a mesma dor, sem nenhuma atraiçoarmos. Quando ela embarcou, acenando, à distância, com um lenço branco, ele, solitário entre a multidão do cais, gritara com raiva: «o coração tem mais quartos que um hotel de putas»; Andrea Varon, amante de homens ou mulheres — porque não se detinha em minúcias dessa natureza nas desordens do amor — que fez carreira lendária de cortesã clandestina com governadores, almirantes, presidentes, nome de guerra «Nossa Senhora de Todos»; Sara Noriega, a tortuosa, única que o fez provar uma gota de amargura e terminou os seus dias no manicómio da Divina Pastora recitando versos senis de tão desaforada obscenidade que tiveram de a isolar para não enlouquecer as restantes loucas; Ausencia Santander explicou-lhe a única coisa necessária para entender o amor: ninguém ensina a vida.

Da vida

No domingo de Pentecostes, quando morreu Juvenal Urbino, marido de Fermina, Florentino, 74 anos, já só tinha America Vicûnan, 14 anos, que foi o seu «rincão mais abrigado na enseada da velhice» (...) «ambos tinham perdido a consciência das suas idades, e tratavam-se com a confiança de dois esposos que tinham ocultado, entre si, tantas coisas nesta vida que já nada lhes sobrava para falarem».

Adiantará discutir se a história corre em Barranquilla ou em Cartagena? Se este ou aquele pormenor respeita mais ao pai, ao avô, ao autor ou a Mercedes, eterna companhia? E para quê mastigar considerações sobre influências (se mais Joyce ou menos Faulkner) escolas ou tendências? Escritores europeus há que dizem nada haver de novo nos grandes criadores latino-americanos. Pequena ciumeira? Alguma verdade?

O homem repete-se, naturalmente, nas histórias do amor, da vida e da morte. A diferença, o talento, estará no molde, no quadro, no poema, na recriação. Garcia Marquez é inimitável (e não imitador) na forma como nas 500 fascinantes páginas de «O amor nos tempos da cólera» nos prova que os seres humanos «não nascem para sempre no dia em que as Mães os dão à luz, mas que a vida os obriga, outra e muitas vezes, a parirem-se a si mesmos».

Eugénio Alves

O trabalho do escritor

Nesta «carta branca», Claude Roy distingue a «virtude primeira» da literatura.

ACABÁMOS de sair de um bom quarto de século durante o qual, em França, a literatura foi a prima pobre e ingrata da escrita, uma gata borralheira remetida para a cozinha. Na comunicação social, o pensador do século da semana «em promoção» ocupava orgulhosamente a montra. A crítica enfeita-se com as plumas do poeta. A glosa e o comentário ocupavam o proscénio. A ciência verdadeiramente humana era tão rara nas ciências humanas que os saltimbancos de ideias tomavam-se por filósofos, e olhavam do alto um Julien Gracq, um René Char ou um Philippe Jacoppet.

Um público maravilhado e ainda intimidado descobre que a literatura é uma coisa demasiado importante para ser confiança aos ideólogos. Já o sabíamos, aliás, desde as origens em que a literatura de criação era precisamente assunto do Criador. A Bíblia contém de facto uma dessas contradições internas que obrigam os lógicos a fazer exercício e tornam os sofistas felizes. A Génese garante-nos que depois de ter criado o Mundo Deus descansou. Mas como a Geénerse e a Bblia, foram, como se sabe, redigidas por Deus em pessoa, ele não repousou portanto depois da Criação, mas tornou-se escritor.

Mesmo se somos, na qualidade de deuses, lamentavelmente insuficientes, os móbeis que levaram o Criador a lançar-se na literatura depois de ter feito nascer o mundo são igualmente válidos para os homens da pena. Experimentamos todos perante o Universo os sentimentos mesclados que habitaram Jeová: a impressão de que **isso é bom,** e ao mesmo tempo que há bastante mas misturado ao bom, e que seria útil tentar destrinçar algo desta trapalhada, o Universo. Habita-nos o sentimento vago de que o mundo saiu do caos mas permaneceu, apesar disso, em grande desordem, e que uma arrumação seria bemvinda. Sem esquecer esta dupla sensação de um excesso no coração que gostaríamos de libertar (com a famosa **catarse**) e o desejo — estando o nosso próximo muitas vezes menos próximo que desejaríamos — de nos aproximarmos dele pela palavra.

Os astrólogos de Sumer

Esta necessidade de escrever que os homens emprestaram ao seu Deus, eles canhecem-lhe o ferrão desde o início. A escrita literária, ou pelo menos a utilização da palavra organizada por prazer, e não por utilidade, sem dúvida que começou muito antes da invenção da escrita. As palavras organizadas, a oração, a fábula, a receitazinha, o mito sagrado e a ficção secular foram encarregados pelos homens de pôr em ordem ou de inventar uma ordem para a profusão caótica das aparências, de **seduzir** as forças ameaçadoras que nos cercam e de estabelecer ou sugerir laços, uma rede de relações que organizaria a desordem aparente do Universo. Ou seja, prefigurar no imaginário o que é, paralelamente, a busca do sábio, astrónomo, matemático ou físico. As literaturas são as testemunhas da impaciência humana: inventam leis ainda antes de que posssamos vislumbrar as leis da natureza. Gilgamesh explora o espaço do dentro antes que os astrólogos de Sumer tenham começado a explorar os espaços infinitos.

As artes literárias, como as outras artes, partem, como muito subtilmente observou Claude Lévi Strauss, do fabrico prévio de **modelos reduzidos.** Estes modelos reduzidos têm a aparência ou a realidade de uma ordem, ou do projecto de uma ordenação. A aparência tem já uma virtude apaziguadora e sugere um sentimento de satisfação inconsciente e de harmonia.

A própria imagem de uma bela desordem, a expressão de uma forte fúria ou duma mortal agitação de alma podem produzir, na sua redução de escala, na sua encenação e na sua realização, uma sensação tranquilizadora de ordenação da desordem. Mas a virtude primeira de uma ficção bem organizada, de um poema apurado, de uma história bem contada e de uma tragédia bem «finalizada», é fornecer ao leitor ou ao ouvinte a sensação de um conjunto que é possível considerar e desaprumar, de que a arquitectura, as correspondências, as simetrias, os ecos, os equilíbrios e os desequilíbrios anulam os perigos da realidade, ao neutralizar as ofensas e ao dar ao espírito a satisfação surda de entrever, no mais perigoso arrebatamento das paixões e das infelicidades, a serenidade surpreendente de uma ordem dissimulada e subitamente evidente.

A justificação da literatura (se um prazer do espírito tem que ser **justificado**) é que ela se cumpre, por vezes na totalidade, nas obras-primas, o que cada escritor aspira realizar, mesmo que por intermitências e nalgumas páginas que talvez o salvem do esquecimento: a criação de laços entre os seres, os fenómenos e a sucessão dos tempos, laços que, até aí, não tinham sido observados nem louvados. O trabalho do escritor, se não pode ser nem de um decorador nem de um bobo, consiste em **unir.** Unir não apenas um leitor a um autor, uma obra a um público, e, no caso das vozes muito grandes, uma palavra a um povo e um povo a uma palavra. Unir é também estabelecer uma comunicação ou uma correlação que, nos melhores dos casos, só tinham sido entrevistas e pressentidas.

Claude Roy

Primeira mão

«CARTAS a um jovem poeta», de Reiner Maria Rilke, numa tradução de Fernanda de Castro, é a novidade que a Contexto Editora lança este mês nos escaparates. Escusado será dizer que é um livro a não perder. Estará na Feira do Livro, é certo, mas em qualquer livraria poderá ser adquirido. Tão leve e tão profundo, este livro!

Referência também para «Contos Breves», de Mário Sá Carneiro, pela primeira vez publicados em livro. Saíram para os olhos quando o poeta tinha 18 anos, na revista «Azulejos». Agora, pois, podem ser desfolhados em livro. Livro que exclui uma nota explicativa da responsabilidade do editor, com dados que interessam a todos os estudiosos daquela grande figura das nossas Letras. Merecerá igualmente atenção o livro «Orwell ou o Horror da Política». Trata-se de uma biografia de leitura obrigatória do célebre autor do «Animal Farm» — e de outras obras inspiradas na Guerra Civil Espanhola.

«Mais novidades...?»
«Para já estas...»
Mas a Contexto apostou também nos livros infantis.
Que títulos...?
Estes para já:
«A Bola e o Goleiro», de Jorge Amado, «A Menina dos Fósforos», de Andersen (numa versão de Miguel Esteves Cardoso), «Como cacei um Urso», de Mark Twain (traduzido por Ana Ferreira de Almeida) e «Os Seis Magníficos», dos Irmãos Grimm, sendo a tradução da responsabilidade de Teresa Balté

«Todos estrangeiros. Nenhum de um autor português...?»
«Certamente que sim.»
«Quem...?»
«Clara Pinto Correia.»
«Título...?»
«'O Sapo Francisquinho'.»
Numa outra área, a Contexto lança no próximo mês o volume 2 da edição fac-similada da revista «Contemporânea», um dos bastiões do modernismo português. Este volume compreende, daquela revista, os números 4, 5 e 6. Que nomes do modernismo português neste volume 2 incluídos...?

Nomes que de maneira nenhuma podem ser ignorados: Pessoa, Almada, Raul Leal, Aquilino Ribeiro, Mário Saa...

Tudo para já relativamente à Contexto Editora. No entanto, talvez que destinado à Feira do Livro surja ainda outro qualquer título. É que, por vezes, há mesmo surpresas no mundo das editoras, dos livros, dos escaparates oferecidos aos olhos do público leitor. Aguardemos, pois.

MUDANÇA

Porquê adopção em vez de adoção?

O acordo ortográfico ataca outra vez

OS portugueses escrevem «adopção» e lêem «adoção». Os brasileiros escrevem e lêem «adoção». em termos técnicos: em «adopção» representa-se uma vogal pré-tónica aberta por meio de um diacrítico que é uma consoante muda, o P.

Se, no Brasil, se escrevesse «adopção», os brasileiros leriam, atentamente, o P.

A língua, porém, é, no Brasil e em Portugal, a mesma: portuguesa. Falam-na, em Portugal, no Brasil, em cinco países africanos que Portugal colonizou e noutros, um pouco por todo o mundo, 100 milhões ou mais de pessoas.

Como lembra o escritor e filólogo brasileiro António Houaiss, que traduziu para português, nos anos 60, uma das obras magnas da literatura universal «Ulisses», do irlandês James Joyce — a língua portuguesa «é uma das mais importantes da humanidade».

«Não é apenas uma de entre 10 mil línguas faladas no mundo. É uma entre 100 línguas de alta cultura literária e uma de entre 10 que têm 100 milhões ou mais de usuários. Neste sentido, é extremamente relevante não apenas para nós, usuários dela, como para a condição humana».

Esquizofrenia/ortográfica

Curiosamente, é ela também a única língua no mundo com duas normas ortográficas. Pergunta-se: interessará a portugueses, brasileiros, moçambicanos, angolanos, cabo-verdianos, são-tomenses e guineenses que «essa brecha», a duplicação de normas ortográficas, se mantenha?

Desde finais do século XIX que linguístas, filólogos de maior ou menor envergadura, portugueses e brasileiros, vêm tentando demonstrar o interesse da simplificação e da unificação ortográficas. No início, naturalmente, para apenas dois interessados, Portugal e Brasil. Agora, com cinco novos Estados na área da língua portuguesa, para sete interessados.

Quando apenas a Portugal e ao Brasil interessava a unificação ortográfica, foram feitas, a título oficial, três tentativas no sentido de a conseguir.

Na primeira, por volta de 1943, o Brasil adoptou um padrão de ortografia simplificada altamente inspirada nos precedentes portugueses, lembra António Houaiss.

Em 1945, Brasil e Portugal firmaram um acordo inter-academias que era suposto transformar-se em lei mas que o Brasil não honrou, rejeitado que foi pelo Parlamento.

«Circunflexologia»

Os anos passaram e, em 1971 — recorda Houaiss — o Brasil tenta segunda simplificação «sobre a que já tinha», com vista a «proscrever o uso de uma quantidade de acentos circunflexos que caracterizavam, por assim dizer, a norma brasileira».

Para além de consequências de algum folclore, como a do aparecimento de especialistas em «circunflexologia» — possível no quadro de uma «aplicação» obsessiva no estudo da matéria — uma houve que se impôs: descobriu-se que se criara um «princípio de instabilidade ortográfica».

«Eventualmente, explica Houaiss, uma palavra como 'mesa', que nunca teve acento, poderia passar a ter, se se usasse o verbo 'mesar' (actividade de 'mesário' numa votação), o que era perfeitamente possível, potencialmente, para a língua».

Por essa altura, de um lado e outro do Atlântico se entendia já que o «estado das coisas» não podia manter-se. As duas academias, a de Ciências de Lisboa e a de Letras do Brasil, encetaram negociações. Objectivo: atingir um acordo ortográfico.

Esse acordo aconteceu em 1975, num plano inter-académico. Nele participaram, do lado português, entre outros, Jacinto do Prado Coelho e do lado brasileiro, entre outros, António Houaiss.

Quarentena

Devia ter-se, então, tramitado a matéria no plano legislativo; era essa a ideia dos redactores do acordo. Mas surgiram obstáculos: por um lado, a situação interna nos dois países mobilizava toda a atenção para «o político». Por outro, novos Estados africanos — os cinco de língua oficial portuguesa — apareciam a «reclamar» uma «quota parte» de intervenção na matéria.

Tudo isto somado levou a que se pusesse «de quarentena», como diz Houaiss, a questão ortográfica.

«Mas desde há uns dois anos para cá, descreve Houaiss, ela (a questão ortográfica) tem sido reavivada, tanto por portugueses como por brasileiros. Num dado momento, fui pessoalmente instado por portugueses muito eminentes para ver se poderia fazer algo em favor da tramitação política. Propus então na academia brasileira de Letras que tomássemos a iniciativa de um encontro, na base do entendimento inter-académico».

Esse encontro tem já data e local: de 6 a 12 de Maio, no Rio de Janeiro. Além de portugueses e brasileiros, estarão também presentes representantes dos cinco estados africanos de língua oficial portuguesa.

Houaiss, que na semana passada, como enviado do presidente José Sarney, esteve em Portugal para contactos com especialistas e o Governo no quadro da conferência, esteve já em Moçambique, Angola e Cabo Verde para formalmente convidar estes Estados a enviarem representantes ao Rio de Janeiro.

Em Lisboa contactou, entretanto, os representantes diplomáticos da Guiné-Bissau e São-Tomé e Príncipe, dos quais recebeu também a garantia de participação no encontro.

«Houve, observa o escritor, uma inversão de método. Eu deveria principiar convidando o governo português e vou terminar convidando o governo português».

A inversão ficou a dever-se a uma coincidência. É que, no dia em que Houaiss deveria iniciar a sua missão, o recém-nomeado embaixador do Brasil em Portugal, Alberto Costa e Silva, entregava em Lisboa as cartas credenciais.

«No fundo, comenta, saiu uma coisa boa, porque poderei dar, não apenas um convite, mas uma prestação de contas ao governo português».

Batalha campal

No Rio de Janeiro, durante sete dias, representantes dos sete países onde se fala a língua portuguesa vão tentar chegar a um acordo, assentar numa norma ortográfica comum.

Dificuldades? Naturalmente as haverá.

«Todas as inovações ortográficas na história da humanidade, diz Houaiss, foram sempre rejeitadas por parte dos interessados. É uma constante. Mas isto não pode ser visto só sob o seu aspecto negativo. É graças a esse espírito conservador que uma ortografia se estabiliza, de modo que há um aspecto positivo».

Como certo e provável tem o escritor o seguinte: vai travar-se, tanto no Brasil como em Portugal, uma «batalha campal» para que o acordo venha a prevalecer.

A primeira objecção, prevê, virá «talvez dos parlamentos de ambos os países».

«Possivelmente, haverá aqui em Portugal, como no Brasil, quem não veja com muito agrado esse acordo».

Mas... importa que esse acordo seja alcançado. A existência de duas normas ortográficas, pouco discordarão de que é prejudicial para a língua portuguesa.

Concessões

Concessões, já algumas foram feitas de parte a parte. «Nós lá continuamos a marcar fortemente certos ditongos abertos, que pronunciamos abertos, com acento agudo, e vamos abrir mão nisso. Da parte portuguesa, uma das grandes concessões foi reconhecer que as vogais pré-tónicas abertas existiam, já que não eram marcadas. **Padaria, pregar,** no sentido de predicar, por exemplo, não são marcadas. Se fazemos isso com algumas palavras, por que não com todas?»

Haverá, certamente, quem não concorde com o que for acordado no Rio de Janeiro. «Desgosto passageiro, considera Houaiss, porque o preço a pagar é muito pequeno em face das vantagens que se obterão».

No Rio de Janeiro, durante sete dias, os sete representantes dos países onde se fala a língua portuguesa vão tentar chegar a um acordo e, a partir dele, propor aos respectivos governos a sua adopção como «lei ortográfica nacional».

«Será um passo, teoricamente, para a eternidade. Haverá sempre futuras modificações ortográficas, mas a longo prazo, e o que se quer é que, no próprio acordo, se preveja que qualquer alteração do estatuto obtido venha a ser consensual. Isto dará a segurança de que não haverá modificações tópicas, locais. Esse é o grande passo a dar».

Agência Anop

Que português escrito ensinar às crianças?

O menino Satanaz

A queda dos anjos rebeldes (gravura romântica)

Estátua de demónio alado (Museu Arqueológico de Florença)

UM **A Literatura e o Mal,** Georges Bataille analisa, nos casos de Emily Bronte, Baudelaire, Michelet, Blake, Sade, Proust, Kafka, Genet, uma prática literária que se compraz na representação do mal, típica do romantismo e de muita literatura posterior e recente.

Recordemos que circunscrever e perseguir o mal é o mesmo, sem paradoxo, que aceitar e reconhecer o bem. A literatura do mal, herdeira não tanto da religião quanto do misticismo, tributária de uma religiosidade «associal» que se nutre de ritos «parasitas», como o «malefício» ou a «missa negra» («o homem mítico morreu, deixando-nos esta última mensagem: uma atroz risada negra»), tem origem, segundo Bataille, numa atitude arcaica ou infantil. A criança «alimenta sentimentos de ódio e revolta, limitados pela admiração e a inveja». Citando Sartre: «que coisa é no fundo Satanaz se não o símbolo dos meninos desobedientes, que pedem á vigilância paterna que os petrifique na sua essência singular, que praticam o mal dentro dos quadros e parâmetros do bem para afirmar a sua singularidade e fazê-la consagrar?»

Bataille encontra esta atitude infantil nos seus autores e em particular em Kafka, cuja obra, de «perfeita puerilidade», exprime a submissão a uma autoridade amada e terrível. A necessidade de desenfreamento ou desregramento, quando perpetuada no adulto, já não se orienta para a alegria, mas, diz Bataille, para a morte.

Nesta literatura, coincidem o prazer sem freio, a revelação do instante, a dispersão, a autodestruição, a recusa do futuro, o sentido do nada. A transgressão desenfreada assume certamente também um sentido antiutilitário, anticonvencional, mas se nela atentarmos com alguma profundidade, verificamos que simultaneamente afirma e corrobora mais do que nunca a ordem que nega. Do mesmo modo Satanaz, menino desobediente, não passa afinal de um adorador do pai.

Na verdade, quem não é súcubo do velho bem não vive obcecado pelo mal. Que pensar da tendência difusa para considerar particularmente modernas ou actuais estas representações obsessivas do negativo, esta imaginação esquizóide,que recolhe do cristianismo, não a ideia do «mediador», mas a medieval polaridade do bem e do mal? Tal tendência chega mesmo a inventar as qualidades literárias dum escritor medíocre como Sade (é Bataille que o admite, não nós) ou dum exibicionista e esteta do mal, como Genet.

É, no entanto, duvidoso que se possa considerar verdadeiramente moderna semelhante «literatura-malefício». O próprio Walter Benjamin, no fim de contas, apreciava-a paradoxal e exactamente por causa da sua feição alegórica, teológica, medievalizante. Tentanto iluminar as reticências suscitadas por esta literatura do mal, convém dizer que na raiz delas não se encontra qualquer nostalgia de uma tradição convencional (tal é, pelo contrário, o sentido evocado por este demonismo que afinal só interessa a quem é súcubo do velho bem) ou opção acentuada por formas litrárias oitocentistas; trata-se, isso sim, de preferir experiências espirituais menos «arcaicas» e infantis, mais laicas e adultas, que no século XIX (e muito mais raramente no nosso século) induziram os grandes escritores a evitar a já então dominante tendência romântico - infernal - infantil, espécie de sucedâneo da crise da religião.

O próprio Bataille nem sempre demarcou claramente a representação idolátrica do mal de uma ideia tão diferente como a clássica imagem (que vai do mito à tragédia grega e desta ao romance oitocentista) de um herói irregular, transgressor de convenções. Aqui o herói (e antes dele o Deus) é uma figura de «mediador», excessivo e culpado perante as instituições, mas «herói» exactamente enquanto superador dos valores constituídos, das velhas interdições e do velho mal, e criador de novas possibilidades de civilização, de um bem novo, não convencional, numa aventura orientada para a liberdade, e para o futuro e não para a embriaguez do instante que passa.

E no entanto Bataille tem razão quando diz que a literatura autêntica é prometaica e que é preciso violar os interditos, mesmo que o resultado da aventura se salde em mais angústia e escuridão, transformando a arte numa espécie de testemunho da decepção dos homens.

A última palavra talvez pertença a Kafka, um homem que **realmente** se tornou estranho ao mundo da existência normal e da consciência comum: «O buraco que a obra genial abriu pelo fogo nos muros que nos rodeiam oferece-nos um bom lugar para colocar o nosso pequeno archote. Por isso a obra de génio é uma fonte de encorajamento».

Sade propõe outra saída: pintar com cores vivas a noite em que vivemos e ao mesmo tempo indicar a maneira de vencer essa noite. «Venho oferecer-vos grandes ideias: atentem nelas, meditem-nas; nem todas hão-de agradar, mas decerto haverá algumas aproveitáveis. Se assim for, se de algum modo tiver contribuído para o progresso das luzes, fico contente».

Essas grandes ideias dizem respeito à natureza do homem e à sua actividade. O homem é um produto da natureza, por ela agido e determinado. Quem contesta esta verdade há-de sempre procuraramos para adorar, escravizar-se a ídolos e patrões, autoridades de Deus e da sociedade, da religião e da moral. Quem a aceita reconhecerá oferecer a natureza ao homem duas faculdades essenciais que lhe permitem realizar-se, conquistar o seu ser: o desejo e a imaginação. Refrear o primeiro e não fazer uso da segunda são práticas que tornam o homem maduro para todas as servidões. Assim dizia Sade, e assim falava Mefistófeles, Satanás adulto, nos seus sermões a Fausto.

Esperto como um Papa, a inteligência do Diabo impede-o de adoptar atitudes rigorosas e definitivas. O Demónio evolui com o tempo, historiciza-se, como a Igreja. Segundo Baudelaire, o mais eficaz dos truques recentes do «mais sábio dos mais belo dos anjos» é persuadir-nos de que não existe. Tal como o seu concorrente, talvez se tenha feito homem.

Ernesto Sampaio

O eu nos outros

Acção e acto

MAS que música!

É o cego no corredor do Metro. Um sobretudo muito caído pelo corpo, a barba por fazer, uma lata aos pés ainda com poucas moedas, o queixo no violino, o arco na mão de unhas sujas. Toca de pálpebras descidas, inteiro na sua fragilidade, o coração concentrado no fluir das notas.

«Acção e acto» — reflito.

Acção é o movimento executado pela mão, que transporta o arco, ao longo das cordas do violino — e acto é pura e simplesmente o som que do violino emerge. Um acto que envolve quem passa, se introduz nos bolsos, se some nos cabelos, se entrelaça no íntimo do ouvido...

Suspendo-me, fico quieto, manietado pela melodia. E vou murmurando para mim, tocado pelos indiferentes, num claro espanto de revelação: «É isso, é isso... O que nos prende, e nos transforma, não é a acção, o movimento do arco pelas cordas — e sim o acto que se eleva da acção. Significa isto, pois que a música é perfeita, que o cego é a própria música, que o cego é o próprio acto...»

Distancio-me, lentamente, com uma lição aprendida: a acção é um mero suporte, o acto é que é a vida.

Pedro Alvim

Uma circunferência no ar

Toda a memória é o palmilhar de este caminho exacto

E ir ser dia. Ouvir-se para os lados do Castelo um rumor de dia crescer.

Não. Levantar-me e virar-me para o Terreiro do Paço. Os braços das casas apertando-me, o arco que prometia o discurso dos passos.

O que então escrevi passava-se com um sábio, daqueles que se rodeiam de retortas, por um lado, aparelhos tiquetaqueantes, por outro, e espreitam por telescópios, etc. Ou se sentam pensativos em terraços sob cúpulas envidraçadas, magicando entre arcos de fumo.

Meter por ali dentro, — e ir indo entre imagens, entre raros nocturnos que por mim cruzav[illegible] me verem, polícias desfardado[illegible]s tardios, insones fugidos de casa, [illegible] da cidade, vagabundos sem dinhe[illegible] o quarto, fazendo horas.

Agora: encontrar-me no Cais das Colunas, sozinho. Instalar-me num degrau, de frente para a água que se sentia.

Pedimos duas cervejas.

Levámos o contador desligado, era só ocasião para um pequeno descanso prévio ao dia. Mas o motorista já tinha percebido: eu estava ali a pernoitar desde ontem, era dos que conduziam às escuras.

Mas, naquele momento, a meio da ponte que leva ao primeiro rufar de motor do dia, eis que descansei, aturdido da refeição demasiado copiosa para a hora, descansei como se devesse ter de parar tudo por monumentos-luz, preferível mesmo o morrer a avançar com as luzes apagadas por um túnel inclinado, húmido. Do que ser iluminado pelo dia com todo o seu sentido, o bulício...

E entrei no snack.

O dia começou com toda a glória reprimida do sol que ia saltar do horizonte a qualquer movimento, como uma rolha de vinho forte, que descrevesse uma circunferência no ar.

Cabral Martins

Fragmento de **Sub Estâncias**, de Cabral Martins, livro recentemente publicado pelo **BLACK SUN EDITORES**

FICÇÕES

Diurnos

O frio (II)

*H*OJE, o dia tem-se mantido claro e sem chuva.

Contudo, alguns fenómenos vaporosos continuam a alertar-nos para a iminência do súbito.

Tudo se passa como se estivéssemos num jogo em que, através das cartas de que dispomos e, tendo em conta as vasas que, entretanto, já revelaram suficientemente o comportamento dos outros, pudéssemos, ainda que com uma margem (fatal) de erro, prever o desenvolvimento final da partida.

Um jogo em que as cartas não passassem de coisas líquidas e o tabuleiro do improvável fosse uma banheira em tudo típica, de chumbo, revestida por uma camada de tinta branca, com apliques de metal cromado (cinzento ou azul). As paredes da casa-de-banho — em que a banheira se encontra (cheia de água, quente) — encontram-se cobertas de azulejos, que as sustentam. Um espelho (baço) reflectirá (ou não) a presença (opaca) do impossível.

Eis a analogia. O impudor da comparação. A pequena mística.

Da água, num tom gris-esverdeado, elevam-se rasteiros fumos, produzidos pela película fina, teórica, que provisoriamente serve de fronteira entre os dois estados e as duas formas de ser da matéria (dos climas). Produto do calor e da diferenciação das temperaturas, o equilíbrio instável entre os contrários — o ar frio, os espelhos que nada reflectem (a não ser a luz, clara), as paredes (que azulam) — subitamente dissolve-se e à borda d'água desencadeiam-se tempestades que vêm emocionar as condições atmosféricas até há ainda bem pouco estabilizadas (limpas). Nuvens formam-se, assim, sobre o horizonte exterior e despertam-nos para a realidade da água.

Dizemos, então, **o dia está frio.** Ou melhor, tratámos da permanência de uma outra realidade por detrás das formas do momento, aparentemente limpas. O dia, enfim, está frio. Não tem chovido. Mas pequenos balões de vapor (morno) saem das bocas das pessoas e o sol, depois de atravessar as nuvens dispersas pelo céu, friamente, alguns objectos à luz expõe. No dia, tal como na banheira, um pouco mais de calor poderia precipitar o equilíbrio (transparente) da manhã, tornando a atmosfera translúcida.

Está dito (o que deveria ser dito). Denominarei este fenómeno — inominável, que se processa nos domínios do provável e que faz da fragilidade e da inconstância a sua própria forma de ser — a «súbita precipitação dos elementos (— e dos sentimentos) num ambiente previamente saturado pelo frio». (O calor continua a ser o princípio — o motor — de tudo o que se transmuta).

«De la vaporisation et de la centralisation du **Moi**. Tout est là»: escreveu Baudelaire **(Mon Coeur mis à nu).**

A fórmula de Baudelaire faz reviver, sob uma nova forma, o princípio da dupla postulação que serviu de vórtice à difícil construção da sua obra. No entanto, se em Baudelaire há já a consciência da existência de profundas contradições, e se a sua obra é feita na base da discursividade concreta e imaginária que lhe permita esta premissa teórica — que lhe serve também de motor da escrita —, falta-lhe ainda o terceiro termo do processo, aquele que, precisamente, melhor conta dá da fase da passagem à escrita.

Vaporização, refrigeração e cristalização — serão, para nós, os termos dialéticos deste processo.

Se o promeiro termo do ciclo consiste no humedecer do ar com o calor da terra, na abstracção dos mitos e dos fantasmas que uma particular configuração do real ou a correspondência de um estado de espírito em nós despertam, a uma inevitável saturação do

ambiente, que pode demorar mais ou menos tempo — e que funciona sempre como uma temporada de incubação, de jogo dos improváveis, de definição do acaso e de maturação do destino (na fogueira teorizante do desejo e da morte) —, segue-se, invariavelmente, uma fase de precipitação das formas e dos conteúdos inicialmente bafejados pelo ar e por fim volatizados no espírito. Assim, ao falármos em «precipitação», ao empregarmos uma fórmula muito ampla e extremamente vaga, poderemos estar a referirmo-nos a diferentes formas de incipiente materialização do imaginário: chuva, neve, grahizo ou faíscas.

Na realidade, defendo que, no processo da escrita, o que verdadeiramente se dá é um abaixamento da temperatura do ideal, uma condensação da matéria e a sua centralização em espaços vagos ou nos ecos metafóricos em que, até então, lutava o espírito; frágil mecanismo que, por um complexo itinerário de resfriamento, levará à precipitação (ritual e cíclica) do Mito. Chuva ou neve, ou mesmo relâmpago, o mais importante do processo está, contudo, para lá do próprio instante da precipitação e não tem tanto a haver com a forma assumida por essa precipitação, como com os fenómenos que se lhe seguem e que definem, no papel, um continente pré-escrito.

O frio só se consubstancia realmente, enquanto diferença, quando não conhece limites, nem sequer os de si mesmo: isto é, quando, apesar dos rios já estarem gelados e de as lágrimas empalidecerem, como vidros, nas pupilas (das crianças e dos animais, parados à janela, que olham para a rua coberta pela sua brancura), a temperatura, inumanamente, continuar a descer. É esse, também, o jogo vivido pela escrita. A opção que ela acrescenta: satisfazermo-nos com a sua aparente facilidade ou corrermos o risco de a destruir, de a anular, duvidando, constantemente, dos **ersat** do destino com que ela nos fascina.

Naquele que escreve, o processo de refrigeração dos sentimentos e do espírito é, assim, um processo continuado, que conduz sempre à cristalização dos últimos segredos — aqueles que uns olhos extremamente lúcidos e habituados às baixas temperaturas (aquelas sob as quais se diz ser impossível viver) apercebem, confusamente, no mundo da Noite em que passam a exercer a sua vidência.

Há que matar a vida para chegar à sua fonte mais límpida. Há que ir ainda mais longe no domínio do frio — até que, ante os nossos olhos, se venham formar as milenárias e clandestinas estalactetites que, muitos anos mais tarde, com algum espanto e alguma ternura, ainda admirarão (?) certos seres insensíveis....

Théodore Fraenckel

Há bens que vêm por mal

*H*Á bens que vêm por mal. Quando li nas pautas de mobilização que me tinham destinado Timor, deu-me o regozijo para dois dias de estúrdia, com grandes consumos de cerveja na Portugália e na Trindade, em explosões juvenis de exuberância e euforia, que os amigos do peito, já com reserva marcada numa das três guerras, muito invejaram.

Sabia lá eu o que era Timor... Uma vaga ilha no termo do Mundo, verdejante e quente, bárbara a mais não poder, mas em paz, sobretudo em paz. Por esses dias, fui muito felicitado. Perguntavam-me que empenhos tinha arranjado, que influências adregara mover... Nada, a minha sorte deveu-se ao castigo duma falta militar análoga ao abandono de posto, numa vez em que me coube oficial de dia ao meu quartel. Por uma destas ironias em que os costumes militares são vezeiros, apostando por sistema no que for adverso ao senso comum, como efeito dos cinco dias de prisão a que então fui condenado, coube-me Timor na rifa.

Mas a Providência lá se encarregou de corrigir o desatino da hierarquia militar. Ao cabo da segunda semana, ainda não estava eu refeito das trinta variedades de enjoo da interminável viagem de barco, em navios vários e escalas dispersas, rei e senhor de materiais e equipamentos, quando sobreveio o estúpido acidente com a granada de instrução, o inferno terreal que me foi remetido a domicílio.

Durante um mês, abrasei em febres malignas, em delírios flamejantes, no triste hospital de Dili. Os oficiais médicos, meus afortunados colegas de desterro, revezavam-se, nos seus cuidados e companhia, e não me quiseram deixar morrer. Fiquei paralisado da cintura para baixo e com meia cara insensível e arrepanhada. Quando recobrei da febre vieram comunicar-me que ia incontinente recambiado para Lisboa. E animavam-me: que a recuperação, pelo menos parcial, se vislumbrava, que não estava condenado à imobilidade eterna.

Não tardou, uma ambulância militar levava-me, ao cuidado de um furriel solícito, para o extremo do aeroporto de Dili, onde estacionava, triste e lanzudo, o bimotor que me havia de levar a Bacau, escala de Darwin, rumo da Europa.

— Ainda tem muito caminho até Lisboa, meu alferes. Quem me dera poder ir consigo... — observava o furriel, sonhadoramente, quase com inveja.

— De certo modo, você teve sorte — acrescentava o oficial médico que viera despedir-se de mim ao aeroporto. — É certo que vai ter complicações, a bem dizer nunca será exactamente o mesmo homem... Sendo bem tratado, talvez fique a coxear um pouco, talvez mantenham certos desarranjos musculares, mas ganhou três anos de vida. É a lei das compensações. A tropa para si acabou...

— Eu é que de bom grado trocava a minha situação com a do meu alferes — insistia o furriel. Aqui não há guerra, é verdade. Isto não é Moçambique ou a Guiné, mas a violência, a barbárie estão latentes por todo o lado. É do clima, penso eu. A atmosfera é podre... Outro dia apareceu um saguim pequeno na parada. O bicho vinha assustado, guinchava, andava perdido da mãe, decerto. Sabem o que é que aconteceu? Tresmelharam-se as formaturas, todo o quartel acorreu à caça do animal. Fomos impotentes, eu, o oficial de serviço, e alguma tropa da metrópole que tentou ajudar. Aquela malta, ululante, fora de si, trepava às árvores, atirava pedras, corria desaustinada, e não sossegou enquanto não deu conta do pobre do bicho e o deixou esmagado na parada. Tinham ganas de matar, era o que era. Tinham necessidade de matar...

— A mim, deram cabo do meu tokai — continuou o médico — Você não chegou a conhecer o tokai, porque tudo se passou antes de cá chegar. O tokai é uma espécie de lagarto colorido, basto vistoso, que há nestes sítios. Eu tinha um manso, em casa. Chamáva-mos e ele vinha. Dizia-se doze vezes baixinho: «Tokai, tokai, tokai, tokai...» e logo o bicho espreitava por debaixo de algum móvel, ou de trás de alguma porta, a olhar fixamente para a gente. Um dia, tive de mudar de apartamento, quando construíram aqueles alojamentos para oficiais que você conhece. Pois bem, chego eu no jipe, para ajudar a carregar e ouço uma grande algazarra. Os soldados tinham descoberto o meu tokay e tinham-no morto à paulada. Mas porque diabo haviam de fazer mal a um bicho perfeitamente inofensivo como aquele? Dei com o tokai esbarrondado no chão, com as tripas à mostra, e o estupor dum soldado timorense a mostrar-mo com um sorriso alvar. Como se me tivesse feito um grande favor. Atirei-lhe um soco pelos queixos que o deixou estendido. Agarrei outro pelos colarinhos e pu-lo fora de casa a pontapé. Chorei, meu caro. Chorei naquela noite ante os despojos do tokai, minha melhor companhia nesta malfadada terra.

Mário de Carvalho

Inédito

Cultura e Tragédia

■ *Um inédito do Barthes jovem: considerado perdido, este texto data de 1942, e foi publicado no número da Primavera das* Cahiers de l'étudiant *desse ano*

DE todos os géneros literários a tragédia é o que marca mais um século, o que lhe dá mais dignidade e profundidade. As épocas brilhantes, indiscutidas, são as épocas trágicas: século V ateniense, século elisabetano, século XVII francês. Fora destes séculos, a tragédia — nas suas formas constituídas — cala-se. Que se passava então nessas épocas, nesses países, para que a tragédia aí fosse possível, mesmo fácil? Porque o terreno parece ter sido tão fecundo que os autores trágicos nasciam em cachos, atraindo-se e provocando-se uns aos outros. Sente-se bem que uma tal conexão entre a qualidade do século e a sua produção trágica não é arbitrária. É que, na realidade, esses séculos eram séculos de **cultura**.

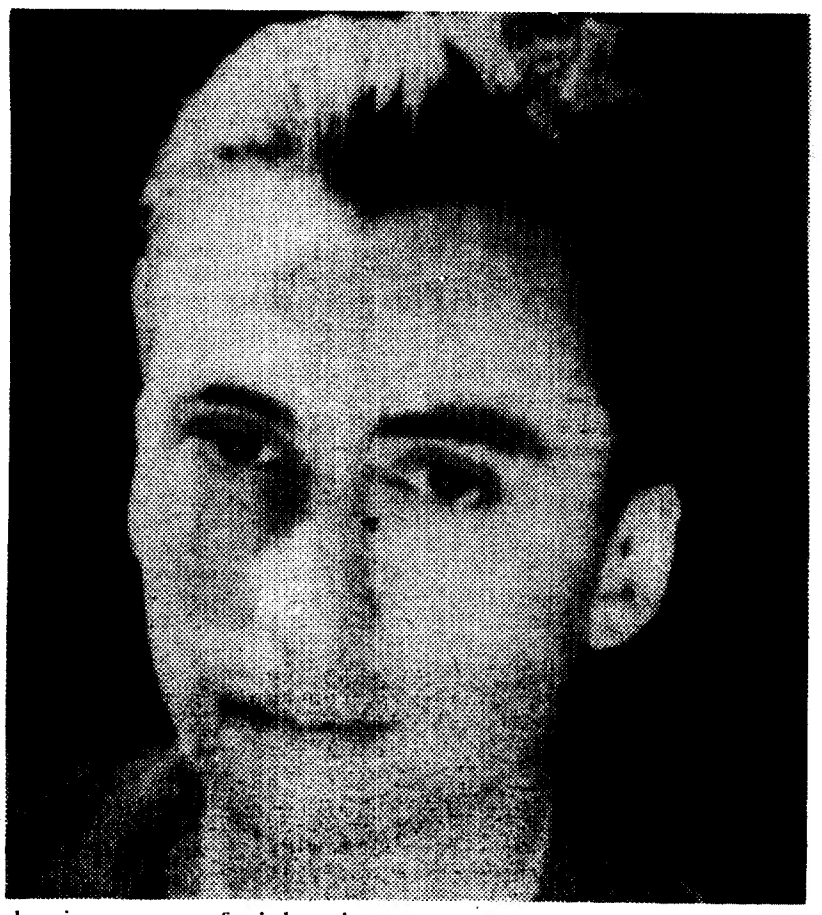
Mas aqui temos que definir a cultura não como o esforço de aquisição de um saber maior, nem mesmo como a fervorosa manutenção de um património espiritual, mas antes de mais, segundo Nietzsche, como a «**unidade do estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo**».

Compreende-se assim que nas grandes épocas trágicas, o esforço dos génios e do público se dirigia não para o enriquecimento dos conhecimentos e das experiências mas para um despojamento sempre mais rigoroso do acessório, a busca de uma unidade de estilo nas obras do espírito. Era preciso obter e dar uma visão do mundo antes de mais harmoniosa — mas não necessariamente serena — isto é, abandonar voluntariamente um certo número de nuances, de curiosidades, de possibilidades, para apresentar o enigma humano na sua magreza essencial.

Esta definição permite pensar que a tragédia é a mais perfeita, a mais difícil expressão da cultura de um povo, quer dizer, uma vez mais, da sua aptidão de introduzir o estilo onde a vida já só apresenta riquezas confusas e desordenadas. A tragédia é a maior escola de estilo; ela ensina mais a despojar do que a construir, mais a interpretar o drama humano do que a representá-lo, mais a merecê-lo do que a suportá-lo. Nas grandes épocas da tragédia, a humanidade soube encontrar uma visão trágica da existência, e, talvez por uma vez, não foi o teatro que imitou a vida mas a vida que recebeu do teatro uma dignidade e um estilo verdadeiramente grandes. Assim, nessas épocas, através desse mútuo intercâmbio do palco e do mundo, encontrou-se realizada a unidade de estilo que, segundo Nietzsche, define a cultura. Para merecer a tragédia é preciso que alma colectiva do público tenha atingido um certo grau de cultura, isto é, não de saber mas de estilo.

Massas corrompidas por uma falsa cultura podem sentir no destino que os domina o peso do **drama**; elas comprazem-se na exibição do drama e levam este sentimento ao ponto de pôr drama nos mais pequenos incidentes da sua vida. Elas amam, no drama, a ocasião de uma irrupção de egoísmo que permita apiedarem-se indefinidamente sobre as mais pequenas particularidades da sua própria desgraça, referir pateticamente a existência de uma injustiça superior, o que afasta, muito a propósito, toda a responsabilidade.

Neste sentido a **tragédia** opõe-se ao drama. Ela é um género aristocrático que implica uma elevada compreensão



do universo, uma profunda luz sobre a essência do homem. As tragédias do teatro só foram possíveis em países e em épocas em que o público apresentava um carácter eminentemente aristocrático, ou pela categoria social (século XVII), ou por uma cultura popular original (gregos do século V). Se o drama, cujo género decadente foi o melodrama, deriva de um enriquecimento sempre maior das desgraças humanas, por vezes no que elas têm de mais pusilânime, a tragédia, essa não é mais que um esforço ardente de despojar o sofrimento do homem, reduzi-lo à sua essência irredutível — apoiá-lo —, estilizando-a numa forma estética impecável — na base principal do drama humano, apresentando numa nudez que só a arte pode atingir.

A tragédia não é tributária da vida. O sentimento trágico da vida é que é tributário da tragédia. Eis porque as tragédias de teatro não seguiram essa espécie de evolução histórica que faz com que saia de um primeiro estado outro mais aprefeiçoado, e assim sucessivamente. Para isso seria preciso que a tragédia do teatro desposasse estritamente a lenta evolução dos séculos, imitasse a transformação das vidas e das mentalidades, e, nas épocas de falsa cultura, preferisse corromper-se a morrer. A tragédia não o fez. A sua história é uma sucessão de mortes e de ressurreições gloriosas. Ela pode diminuir e desaparecer com tão sublime desenvoltura como apareceu. Depois de Eurípides a tragédia perde-se (admitindo que Eurípides fosse um verdadeiro trágico, o que Nietzsche não pensa). Depois de Racine só houve tragédias mortas, até que nasça uma nova forma trágica, obrigatoriamente distinta e muitas vezes irreconhecível da primeira.

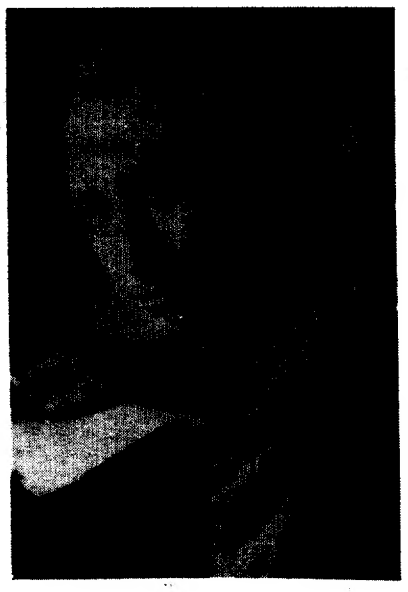
Nas tragédias de teatro o interesse não é o da curiosidade como nos dramas. O público não acompanha com ansiedade as peripécias da história para saber qual será o fim. Nas belas tragédias a solução é sempre conhecida com antecedência. Tem que ser aquela e não outra. Nem o poder do homem nem mesmo por vezes o de Deus (e isto é propriamente trágico) podem melhorar ou modificar a sorte do herói. E, no entanto, a alma do espectador prende-

Continua na pág. 8

Que «ponto» fazer hoje sobre Roland B.?

COMO fazer agora para enquadrarmos — no sentido fotográfico — Roland Barthes? Como fazer o ponto sobre esse rosto de escritor, que se apaga ao recuar para uma paisagem de bruma: a literatura de hoje liberta da teoria literária? Num sentido, todo o esforço de Barthes foi deslocar-se incessantemente nos textos, de modo a que nenhuma imagem sua pudesse ser apanhada ou fixada. A sua duplicidade essencial não deu uma arte do **flor** ou do vago, mas do móvel: a arte do livro seguinte e sempre adiado.

No fim do seu ensaio, Philippe Roger conta de um modo excelente como esperava cada novo livro de Barthes e a maneira como, criança apaixonada pelos **Tintin,** que sabia de cór, via muitas vezes em sonho o «Outro álbum» cujas imagens folheava, lia as próprias legendas, mas não conseguia decifrar o título. Ao acordar havia a decepção pungente: a série tinha acabado. Foi assim que muitos viveram a morte de Barthes, como o adiamento definitivo do seu verdadeiro livro e o «**fechamento do corpus**», essa transformação de um corpo de livros provisórios em cadáver de biblioteca, em **obra.**



Um livro de afecto e de inteligência

A presença de um «contemporâneo capital» — o que foi decerto Roland Barthes para a «intelligentsia» literária dos anos 1965 a 1980, — mede-se pela espectativa que ele cria. De Sartre esperavam-se posições, novas rupturas, um livro que desse o sentido profundo da história; de Barthes a surpresa da deslocação e, enfim, um texto sem teoria, um romance «**em que as palavras pendem como belos frutos, da árvore indiferente da narrativa**», tal como escreveu Chateaubriand. Tão desejado como receado, esse romance não veio, como se diz de uma planta. A morte estúpida agiu. Aos que gostaram dos seus livros põe-se agora a pergunta: que fazer para não deixar petrificá-los como testemunhos de um projecto inacabado?

Decerto que não viu inventário depois da morte, responde Philippe Roger, sem dúvida o mais subtil, o mais brilhante dos seus alunos (deve-se-lhe um Sade escrito mimeticamente em Roland Barthes, diriam os alérgicos a essa linguagem crítica. Aos seus livros dispersos, diferentes, fragmentos de um discurso loucamente apaixonado pela literatura, quase místico, electrizado por uma forte ambivalência perante a ciência, era necessário um livro que os unisse sem pretender unificá-los por qualquer síntese do próprio Barthes, qualquer chave psicanalítica ou sociológica.

«**Uma biografia intelectual — sem biografia**», é assim que Philippe Roger define, restritivamente, o seu **Roland Barthes, roman,** que vale muito mais do que este título pomposo, atractivo de livraria, piscadela de olho os barthesianos e ao **Henri Matisse, roman,** de Aragon. Este título esconde um livro de afecto e inteligência mas talvez também revele o projecto edipiano que o anima; tomar o lugar deixado vago por Barthes, escrevendo sobre ele o romance que ele não pôde escrever. Produzir enfim o outro álbum, o livro que falta, o «Texto» barthesiano...

Rapsódia sobre a espiral formada pelos escritos de Barthes (todos eles tomados pela primeira vez em conta, desde os da juventude), essa obra barroca na sua construção e clássica no cuidado da sua escrita, liga inexoravelmente a sua sorte aos livros em volta dos quais ele se enrola em volutas e que lhe servem de tutores.

Por vezes sobrecarregados de achados verbais e também de obediências a um severo superego científico, contrário ao próprio Barthes, este livro de acompanhamento na travessia do tempo, é, em todo o caso, preferível à redução teórica proposta por um jovem, Vincent Jouve, na **Littérature selon Roland Barthes.** Aí, uma nítida opção por um Barthes sábio toma o ar, um pouco seco, digamos, do esqueleto no anfiteatro do professor de anatomia. Visivelmente havia um concurso para passar!

Este Barthes sábio — e, reconheçamo-lo, envelhecido, porque nada se localiza tanto no tempo como uma teoria, — encontram-no os leitores nos seus textos semiológicos. É a sua superposição com o Barthes escritor «à maneira de Gide» (para a qual apontavam **Roland Barthes par Roland Barthes** e **la Chambre claire**), que baralha a imagem, impede que se faça o ponto, e deixa em espectativa, cada um do seu lado mas apoiando-se mutuamente, o teórico e o escritor. Em espectativa, isto é, ameaçado mas sempre vivo e em liberdade.

Michel Contat

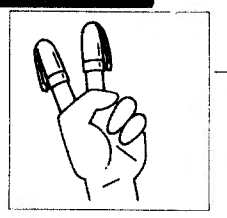
Notas:

* **L'aventure semiologique,** de Roland Barthes, **Sevil.**

* **Roland Barthes, roman,** de Philippe Roger, **Grasset.**

* **La littérature selon Roland Barthes,** de Vincent Jouve, **Minuit.**

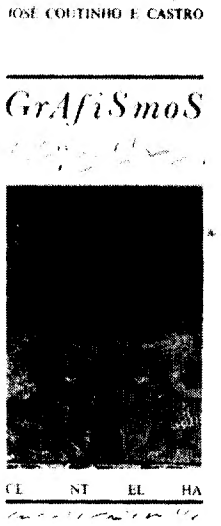
Acabados de chegar



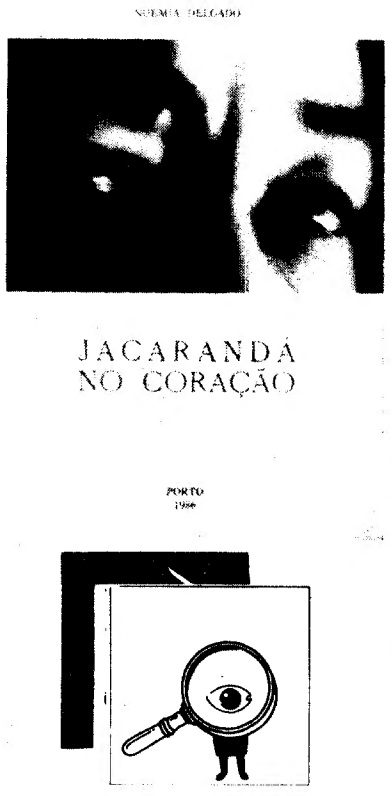
■ **Grafismos,** José Coutinho e Castro, ed. Centelha

«Grafismos», de José Coutinho e Castro, lançado pela Centelha (Coimbra), diz-nos que «nas colunas vertebrais / trabalham / verdades essenciais». Um livro de poemas, pois. Um livro que, a uma primeira leitura, nos pode parecer algo frio. Mas que, se repetido, nos toma pela sua simplicidade sábia, por uma certa errância pelo mundo, por uma experiência feita de contrastes subtis. Assim, por exemplo: «Os ramos de anémonas flutuam inclinados / sobre os tampos de vidro reluzentes / passam rentes ao papel das paredes / entre as cadeiras adormecidas / trocam frases moduladas / no silêncio expectante / / chamem um médico / houve um acidente (...)» E outras coisas há que só lidas. Ah, é verdade: muito bem conseguido o poema sobre Jorge de Sena.

PA



■ **Noémia Delgado,** nome ligado ao cinema (por exemplo, o filme «O Ladrão do Pão», adaptado do texto do mesmo nome da autoria de Alexandre O'Neill), surge-nos agora com um livro de poemas, de título «Jacarandá no Coração». Dezoito poemas. Atente-se no que a seguir se transcreve: «O jornal / o retrato / a notícia / onde está? / onde estão? / quem és tu? / quem são? / quem sou eu? / / Ah! a minha vida / na tua mão / a tua mão / no meu destino / que desatino! / Quem desatina / Mãe: / que queria ser eu / quando era menina?» Trezentos exemplares editados no Porto.



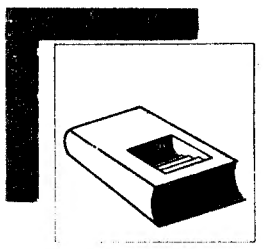
Revistas

■ **Contraste n.º 3**, propriedade da Coop. de Cultura Alto Contraste, Abril 86

Saíu o terceiro número de **Contraste**, da jovem Cooperativa de Cultura Alto Contraste, com uma tiragem de 4800 exemplares. O número, temático, é dedicado ao **espectáculo** e constitui um importante passo em frente do ponto de vista gráfico, em relação aos dois precedentes. Aliás, a equipa gráfica, que conseguiu neste número uma apreciável coesão, conta com colaboradores de quem há a esperar a renovação da ideia de publicação periódica: Jorge Colombo, João Fonseca, Henrique Cayatte, Nuno Carinhas, Jorge Silva, Radar Kadafi, Leonor Areal, José Churro, Júlio Alves... Destaque igualmente para as fotografias de Luís Pavão e Olga Roriz. Os textos estão ainda, talvez, na infância da arte. De notar, no entanto, uma interessante entrevista com «Soliló-quio», um homem que «escreve como um deus sobre um espectáculo diabólico», a tourada e a corrida. Também merece leitura a entrevista com Louis Falco. **Contraste** vale, «**last but not least**», por ser uma experiência jornalística realizada quase sem meios, e com uma genuína, e muito jovem, vontade de renovação. E por ter «enfiado uma lança em África», ao desenhar, ela própria, a quase totalidade da publicidade que também publica, em sintonia com a «onda gráfica» em que trabalha.

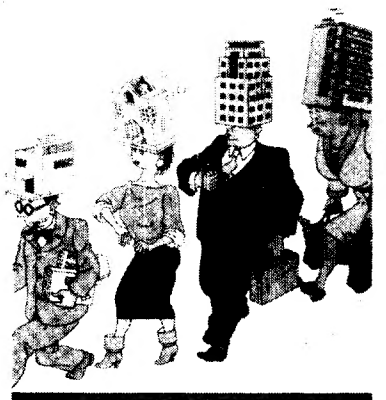
■ **Nova Seara Nova**, Janeiro Fevereiro, propriedade de Ulpiano Nascimento, SEreiros — Cooperativa Cultural Ed.

Esta Nova Seara Nova, como diz desde a capa, «toma posição por Abril. É uma revista de esquerda. Da esquerda clássica. Conscientes das diferenças, no diálogo e no debate queremos contribuir para a descoberta do caminho da verdade da convergência de esquerda». Neste número, Manuela Silva escreve sobre o **Estado social — entrave ou alavanca do crescimento económico?** Renano Silva assina **Agricultura — que orientação?** Henrique de Barros escreve sobre **Mário Azevedo Gomes — professor e cidadão**, J. Miguel Fonseca e J. P. Martins Barata sobre **Uma participação no Congresso da UIA (União Internacional dos Arquitectos), Cairo**. Mário Vieira de Carvalho escreve sobre o **S. Carlos**, e Victor Louro e Maria Teresa Cabral sobre **Aquilino, um mestre dos silvicultores**. Textos, igualmente, de Azevedo Gomes.



■ **Era Uma Vez a Escola**, Ana Benavente, António Nóvoa e Manuela Castro Neves com a colaboração de José Carlos Abrantes e desenhos de Miguel Horta, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Curioso álbum de banda desenhada publicado no âmbito do Projecto Escola/Comunidade, do IED, financiado pela Fundação Bernard van Leer. O álbum pretende responder «à necessidade de levar os pais de meio popular, em particular e a comunidade em geral, a perceberem um pouco mais de um universo que, quase sempre, permanece para eles impenetrável, intimidante, longíquo: a escola na sua evolução, nos seus objectivos, nas suas modificações, nas suas práticas, nos seus problemas actuais». A produção editorial e a distribuição são das Ed. Rolim.



A ARQUITECTURA BANDA DESENHADA

■ **A Arquitectura na Banda Desenhada**. Instituto Francês de Arquitectura, Ed. Gulbenkian, CAM.

Importante catálogo da exposição homónima que está presente ao público no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, integrada no «BD Boom», que inclui outras exposições no Palácio Foz e no Instituto Franco-Português. São 120 páginas de pranchas, boa parte das quais a cores, com a particularidade de se tratar de pranchas «temáticas», quer dizer: os realizadores do album transformaram cada página num «mosaico» de autores, cada um dos quais obedece a um tema. Exemplos: o enquadramento, o campo-contra-campo, espaços interiores, voos de aves, mundo subterrâneo, castelos e seus fantasmas, pontes, Paris vista por..., a Londres dos ingleses, cidade, fábrica, vidraças, através das janelas, etc. Trata-se, na verdade, de um catálogo destinado a fazer as delícias do **coleccionador** de banda desenhada, e que organiza, mediante exemplos, a mitologia estável das «histórias aos quadradinhos». Voltaremos a ele e ao «BD Boom» no próximo número do Sete Ponto Sete. Entretanto, um conselho aos eventuais interessados: corram ao CAM, antes que o álbum esgote...

Cultura e Tragédia: um «inédito desde 1942»

Continuação da pág. 7

-se apaixonadamente à sequência da peça. Porquê? Este é o milagre da tragédia. Ele indica-nos que a nossa busca mais íntima não se dirige aos acontecimentos da peça mas ao seu porquê. Pouco importa saber como acabará o mundo, o que importa saber é o que ele é, qual é o seu verdadeiro sentido — não no tempo, potência muito contestável e contestada, mas num universo imediato, despojado das próprias portas do tempo.

*
* *

De todas as tragédias do teatro tirar-se-ia então a seguinte lição — se é certo que a arte possa algum dia ensinar algo: o homem, esse semideus, tem por marca distintiva no universo o seu pensamento, o seu desejo e o seu poder de conhecimento, fonte de riquezas sensíveis e de subtis acções. Mas essa potência efectiva do pensamento, distraindo gloriosamente o homem do ritmo universal dos mundos, sem, em todo o caso o igualar à omnipotência divina, mergulha a alma humana num sofrimento indizível e incurável. É desse sofrimento que é formado o mundo, o nosso mundo, de nós, homens. A tragédia do teatro ensina-nos a contemplar esse sofrimento na luz sangrenta que sobre ele projecta, ou, melhor ainda, a aprofundar esse sofrimento, despojando-o, depurando-o, a mergulhar nesse puro sofrimento humano que carnal e espiritualmente possuimos, a fim de encontrar nele, não a nossa razão de ser, o que seria criminoso, mas a nossa derradeira essência, e, com ela, a plena posse do nosso destino de homem. Teremos então dominado o sofrimento imposto e incompreendido pelo sofrimento compreendido e consentido. E logo o sofrimento se tornará alegria. Assim, o rei Édipo, com o coração cheio da dor rara de ter involuntariamente matado o pai e casado com a mãe, porque aceita essa dor sem deixar de a sentir, porque a contempla e a medita sem, no entanto, procurar libertar-se dela, transfigura-se a pouco e pouco, ele, o criminoso, com uma luz sobre-humana e quase divina (em **O Edipe à Colone).**

Nos palcos gregos os actores usavam coturnos, que os elevavam acima da estatura humana. Para que tenhamos o direito de ver a tragédia no mundo, também é preciso que o mundo calce coturnos e se eleve um pouco acima da mediocridade.

Os povos, as épocas, não são igualmente dignos de viver numa tragédia. É certo que o drama é generosamente distribuído pelo mundo. A tragédia é mais rara porque não existe no seu estado espontâneo. Ela cria-se com o sofrimento e a arte. Ela pressupõe por parte do público, uma cultura profunda, uma comunhão de estilo entre a vida e a arte. É próprio do herói trágico ele manter em si, mesmo de um modo gratuito «**o ilustre encarniçamento de não ser vencido**» (Hugo).

É pois necessária uma grande força de heróica resistência aos destinos, ou, se se preferir, de heróica aceitação dos destinos para poder dizer que o que um homem ou um povo cria na vida, é tragédia.

Assim, por exemplo, a nossa época: ela é certamente dolorosa, mesmo dramática. Mas nada ainda nos diz que ela seja trágica. O drama suporta-se, mas a tragédia merece-se, como tudo o que é grande.

Roland Barthes

Nota

* Este texto, intitulado **Culture e Tragédie. Essais de Culture,** encontra-se repertoriado na bibliografia de **Communications,** segundo o caderno do próprio Barthes, como o primeiro publicado pelo escritor. O local de publicação (Existences) está errado: esquecimento? Confusão? Este texto estava pois considerado perdido. Uma sequência de acasos permitiram encontrá-lo nas publicações estudantis do defunto COPAR. Neste número especial da Primavera de 1942 dos **Cahiers de l'étudiant,** a assinatura de Roland Barthes encontra-se lado a lado com as de André Passeron, Paul-Louis Mignon e Edgard Pisani.